



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

ANDRÉ LUIZ FERREIRA VIDAL

**A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NO ÂMBITO DA  
MUSICOTERAPIA:  
PROPOSTA DE UM GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO**

---

Londrina  
2021

ANDRÉ LUIZ FERREIRA VIDAL

**A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NO ÂMBITO DA  
MUSICOTERAPIA:  
PROPOSTA DE UM GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Centro de Educação, Comunicação e Artes, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação. Linha de Pesquisa: Organização e Representação da Informação e do Conhecimento

Orientador: Prof. Dr. Francisco Carlos Paletta

Londrina  
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

V648o Vidal, André Luiz Ferreira .

A Organização do Conhecimento no âmbito da Musicoterapia : proposta de um glossário terminológico / André Luiz Ferreira Vidal. - Londrina, 2021. 139 f.

Orientador: Francisco Carlos Paletta.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2021.

Inclui bibliografia.

1. Organização do Conhecimento - Tese. 2. Pesquisa terminológica temática - Tese. 3. Glossário - Tese. 4. Musicoterapia - Tese. I. Paletta, Francisco Carlos. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. III. Título.

CDU 02

ANDRÉ LUIZ FERREIRA VIDAL

**A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NO ÂMBITO DA  
MUSICOTERAPIA:**

**PROPOSTA DE UM GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Centro de Educação, Comunicação e Artes, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação. Linha de Pesquisa: Organização e Representação da Informação e do Conhecimento

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Francisco Carlos Paletta  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Profa. Dra. Brígida Maria Nogueira Cervantes  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Prof. Dr. José Carlos Francisco dos Santos  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 23 de abril de 2021.

## **DEDICATÓRIA**

*Dedico este trabalho ao ensino público brasileiro, mesmo  
tão criticado me abriu as portas e ofereceu  
oportunidades! Espero que continue sendo ofertado de  
forma gratuita para toda a sociedade. Desejo que corrija  
seus problemas para que seja cada vez melhor e mais  
eficiente.*

## **AGRADECIMENTO**

*“Sou muito grato às adversidades que apareceram na minha vida, pois elas me ensinaram a tolerância, a simpatia, o autocontrole, a perseverança e outras qualidades que, sem essas adversidades, eu jamais conheceria”. **Napoleon Hill***

*À Deus por me abençoar com saúde, paciência e força para cumprir esse objetivo.*

*À meus pais, que me deram todo suporte e afeto para que eu pudesse hoje andar com minhas próprias pernas.*

*À minha namorada Juliana pela ajuda, paciência e companheirismo nessa caminhada.*

*Ao meu orientador: Prof. Dr. Francisco Carlos Palleta por ter aceitado a orientação dessa pesquisa com seu conhecimento e conselhos para enfrentar as dificuldades do mundo acadêmico, além de ter me acompanhado em um mestrado que coexistiu e resistiu a esses tempos difíceis da pandemia do Covid-19, onde aprendemos a superar a distância física. O meu muito obrigado.*

*Aos membros da banca de defesa: Prof. Dr. José Carlos Francisco dos Santos por aceitar o convite para fazer parte dessa banca, por suas sugestões pontuais que ajudaram a melhorar o trabalho. O meu muito obrigado. À Profa. Dra. Brígida Maria Nogueira Cervantes agradeço pela participação na banca e apontamentos para o trabalho. Um agradecimento especial pela ajuda no início de minha trajetória acadêmica com seu conhecimento e orientação na graduação. O meu muito obrigado.*

*Por fim, à Universidade Estadual de Londrina pela oportunidade desde a graduação até a jornada do mestrado, por oferecer conhecimento e a chance de mudarmos nosso futuro.*

*“Life is what happens to you  
While you're busy making other  
plans”*

***John Lennon***

*“Um país não muda pela sua  
economia, sua política e nem mesmo sua  
ciência; muda sim pela sua cultura”.*

***Herbert José de Sousa***

VIDAL, André Luiz Ferreira Vidal. **A Organização do Conhecimento no âmbito da Musicoterapia**: proposta de um glossário terminológico. 2021. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

## RESUMO

A crescente produção informacional do mundo contemporâneo demanda analisar as transformações econômicas, políticas e culturais que pontuam a era da informação. Essa condição trouxe aprimoramentos tecnológicos e sociais, motivando o surgimento de novas profissões e atenuando mudanças não somente no perfil dos profissionais, como nas profissões existentes. Essas premissas servem de impulso inicial para as discussões sobre a importância da Organização e Representação do Conhecimento (ORC) no âmbito da Ciência da Informação (CI), conseqüentemente a importância da recuperação da informação (RI) e a relevância dos Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC), uma vez que, sua abordagem volta-se para o conhecimento, pois quando o conhecimento é gerado, necessita ser organizado e disponibilizado para a sociedade. A Musicoterapia por ser uma área do conhecimento em processo de consolidação demanda por trabalhos terminológicos e/ou terminográficos em língua portuguesa. Esse fato pode levar a dificuldade no acesso à informação e problemas relacionados a ambigüidade informacional ao usuário que faz uso desse domínio, assim como a ausência de materiais apropriados ao trabalho dos profissionais da informação. Entendemos que descrever os termos de uma área implica compreender o funcionamento desta. Essas questões foram essenciais para motivar o presente trabalho que tem como objetivo desenvolver um estudo terminológico com o intuito de estabelecer uma proposta para a elaboração de um glossário de termos técnicos da Musicoterapia. O estudo caracteriza-se como exploratório e descritivo com abordagem bibliográfica e qualitativa, tomou-se como base para a realização do trabalho terminológico as recomendações e o modelo estabelecido por Rondeau (1984). Ao final da pesquisa, chegamos ao resultado de 136 termos que irão compor a primeira proposta de modelo de glossário em língua portuguesa do domínio da Musicoterapia. As etapas da construção da proposta do glossário, associado aos procedimentos terminográficos, proporcionou a identificação e representação de conceitos por meio de termos. Conclui-se que os termos identificados e confirmados neste trabalho visam contribuir com referencial terminológico para profissionais e estudantes da área de Musicoterapia, como também para as pesquisas terminológicas aplicadas a Ciência da Informação.

**Palavras-chave:** organização do conhecimento; musicoterapia; pesquisa terminológica temática; glossário.

VIDAL, André Luiz Ferreira Vidal. **The Knowledge Organization in the scope of Music Therapy**: proposal for a terminological glossary. 2021. 139 p. Dissertation (Master in Information Science) - Londrina State University, Londrina, 2021.

## ABSTRACT

The growing information production in the contemporary world demands an analysis of the economic, political and cultural transformations that punctuate the information age. This condition brought technological and social improvements, motivating the emergence of new professions and attenuating changes not only in the profile of professionals, but in the existing professions. These premises serve as an initial impetus for discussions about the importance of Knowledge Organization and Representation in the scope of Information Science, consequently the importance of information retrieval and the relevance of Knowledge Organization Systems, since, its approach turns to knowledge, because when knowledge is generated, it needs to be organized and made available to society. Music Therapy, as it is an area of knowledge in the process of consolidation, demands terminological and / or terminographic works in Portuguese. This fact can lead to difficulty in accessing information and problems related to informational ambiguity to the user who makes use of this domain, as well as the absence of appropriate materials for the work of information professionals. We understand that describing the terms of an area implies understanding how it works. These questions were essential to motivate the present work, which aims to develop a terminological study in order to establish a proposal for the elaboration of a glossary of technical terms of Music Therapy. The study is characterized as exploratory and descriptive with a bibliographic and qualitative approach, the recommendations and the model established by Rondeau (1984) were taken as the basis for carrying out the terminological work. At the end of the research, we reached the result of 136 terms that will compose the first proposal for a glossary model in Portuguese in the field of Music Therapy. The stages of the construction of the glossary proposal, associated with the terminographic procedures, provided the identification and representation of concepts through terms. It is concluded that we have identified and confirmed this work aiming to contribute with terminological reference for professionals and students in the Music Therapy area, as well as for the terminological research applied to Information Science.

**Keywords:** knowledge organization; music therapy; thematic terminological research.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b>	Tipologias dos Sistemas de Organização do Conhecimento .....	25
<b>Quadro 2</b>	Comparativo entre TGT e TCT.....	34
<b>Quadro 3</b>	Classificação dos termos .....	38
<b>Quadro 4</b>	Instituições com Graduação e Pós-Graduação em Musicoterapia no Brasil. ....	46
<b>Quadro 5</b>	Tabela de Áreas do Conhecimento .....	49
<b>Quadro 6</b>	Ações que foram desenvolvidas nesta pesquisa.....	51
<b>Quadro 7</b>	Categorias de documentos de conteúdo terminológico .....	55
<b>Quadro 8</b>	Modelo de Ficha de Citação .....	58
<b>Quadro 9</b>	Modelo de Ficha para Confirmação dos Termos .....	60
<b>Quadro 10</b>	Ficha Terminológica de apresentação dos resultados compilados .....	61
<b>Quadro 11</b>	Ficha de citação preenchida .....	97
<b>Quadro 12</b>	Ficha para confirmação de termos preenchida.....	97
<b>Quadro 13</b>	Lista de termos recusados .....	100

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Funções dos Sistemas de Organização do Conhecimento .....	26
<b>Figura 2</b>	Etapas da pesquisa terminológica - modelo estabelecido por Rondeau ..	54
<b>Figura 3</b>	Gráfico do conjunto de termos da área da Musicoterapia coletados e analisados por especialistas.....	99
<b>Figura 4</b>	Gráfico dos termos aprovados e reprovados. ....	101

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CI	Ciência da Informação
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
KOS	Knowledge Organization Systems
OC	Organização do Conhecimento
OI	Organização da Informação
ORC	Organização e Representação do Conhecimento
RC	Representação do Conhecimento
SOC	Sistemas de Organização do Conhecimento
SUS	Sistema Único de Saúde
TCT	Teoria Comunicativa da Terminologia
TGT	Teoria Geral da Terminologia
UBAM	União Brasileira das Associações de Musicoterapia
UEL	Universidade Estadual de Londrina

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2</b>	<b>ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO</b> .....	17
2.1	SISTEMAS DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO .....	21
2.2	GLOSSÁRIO .....	27
<b>3</b>	<b>TERMINOLOGIA E TERMINOGRAFIA</b> .....	31
3.1	CONCEITOS DA TERMINOLOGIA E TERMINOGRAFIA .....	31
3.2	OBJETO DE ESTUDO DA TERMINOLOGIA E AS LINGUAGENS DE ESPECIALIDADES .....	37
3.3	CONTRIBUIÇÃO DA TERMINOLOGIA NO DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO .....	40
<b>4</b>	<b>MUSICOTERAPIA</b> .....	45
<b>5</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	51
5.1	ETAPA CONCEITUAL .....	51
5.2	ETAPA APLICADA .....	55
5.2.1	Escolha Do Domínio E Da Língua Do Trabalho .....	55
5.2.2	Consulta A Especialistas Do Subdomínio.....	55
5.2.3	Coleta Do Corpus Do Trabalho Terminológico .....	55
5.2.4	Estabelecimento Dos Limites Da Pesquisa Terminológica Temática .....	56
5.2.5	Coleta E Classificação Dos Termos .....	57
5.2.6	Verificação E Classificação De Noção/Denominação .....	59
5.2.6.1	Confirmação dos termos coletados .....	59
5.2.7	Trabalho De Apresentação De Dados Terminológicos .....	60
<b>6</b>	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	97
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	127
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	129

## 1 INTRODUÇÃO

Com o crescimento e a disseminação do conhecimento científico, assim como a evolução informacional por meio das tecnologias da informação e comunicação, o conhecimento passou a ser produzido e divulgado com celeridade e em maior quantidade. Na visão de Barreto (2008, p. 2) com a inovação tecnológica “o fluxo de informação e sua distribuição ampliada e equitativa” sempre motivaram a humanidade desde os primórdios até o advento da internet. Essa condição serve como base de estímulo para as discussões sobre a importância da Organização e Representação do Conhecimento (ORC) no ambiente da Ciência da Informação (CI), conseqüentemente a recuperação da informação (RI) e a relevância dos Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC) e dos instrumentos de controle terminológico.

“A sociedade do conhecimento é uma sociedade da aprendizagem” (HARGREAVES, 2003, p. 37). Do ponto de vista do autor, a produção de conhecimento (o recurso econômico básico da sociedade) depende da capacidade de seus membros se adaptarem às mudanças, continuarem aprendendo de forma independentemente e aprendendo uns com os outros. Inserida nessa sociedade está a Ciência da Informação que traz consigo a informação como objeto de estudo. Barreto (2002) salienta que mudanças na tecnologia da informação reorganizaram as atividades relacionadas à Ciência da Informação. Portanto, é necessário organizar o conhecimento produzido, para que as informações registradas possam ser sistematizadas e organizadas.

A representação da informação intermediada pela formação dos termos de áreas específicas necessita de organização. Deste modo a Terminologia, na qualidade de disciplina científica que estuda as linguagens de especialidade, desempenha função essencial no processo de representação e transmissão do conhecimento, bem como produz um conjunto de termos de uma área específica. Diante da evolução na produção técnico-científica, as linguagens de especialidade se popularizam nesse contexto, convertendo-se em uma necessidade, onde seu entendimento e organização melhoram a eficácia na comunicação do conhecimento especializado.

Pela ótica teórica, a pesquisa se ampara em referencial multidisciplinar que contempla três áreas: Ciência da Informação, Terminologia e a Musicoterapia com a finalidade de desenvolver uma pesquisa terminológica temática. Este trabalho no campo da Ciência da Informação contribui para a construção de referencial terminológico e oferece ferramenta de suporte aos estudantes, pesquisadores e profissionais da Música e Musicoterapia.

No contexto contemporâneo onde o quantitativo informacional gerado é farto, por muitas vezes essa condição dificulta o encontro do vocabulário especializado, pois diversos campos científicos não são tão facilmente demarcados ou de fácil acesso. Ao facilitar o acesso aos meios de informação ajuda a viabilizar a fusão dos repertórios especializados com a linguagem natural, para atuar como veículo no subsídio para a obtenção conhecimento de maneira aprimorada.

A falta de instrumentos de controle terminológico para subsidiar as atividades da representação e recuperação da informação em áreas do conhecimento que estão em formação ou transformação (carentes de vocabulários mais estruturados), não só causa a dificuldade em obter a informação desejada para os profissionais e estudantes que se utilizam dessa especialidade, mas também ao profissional da informação na disponibilidade em Unidades de Informação e na introdução de novos materiais terminológicos.

A Ciência da Informação tem se utilizado de instrumentos de controle terminológicos para representar e organizar a informação. A função desses instrumentos em uma Unidade de Informação é de subsidiar os processos de representação da informação documentária. A Terminologia compõe um campo do conhecimento que se relaciona com diversas áreas especializadas, estabelecendo métodos e princípios, que elaboram ferramentas de reconhecimento automático como dicionários e glossários.

A hipótese considerada nesta pesquisa é a necessidade da interface dos conceitos da Terminologia e Terminografia com a Documentação na organização de conjuntos terminológicos para a representação e recuperação da informação, assim, organizar o conhecimento de uma área de especialidade, ou seja, a Musicoterapia. Esta pesquisa almejou responder a questão relacionada ao desenvolvimento de glossário terminológico: Como realizar o estudo terminológico para a elaboração de uma proposta de glossário de termos técnicos da Musicoterapia?

Deste modo, observa-se que existe um conjunto de termos da área da Musicoterapia que constituem uma linguagem de especialidade, para a qual é necessário desenvolver um estudo terminológico próprio. Estudos dessa natureza devem ser conduzidos para revelar novos caminhos de pesquisa e destacar resultados que podem ser úteis para pesquisas futuras.

A Musicoterapia é recente no Brasil surgindo no início da década de 1970, ainda carente de instrumentos, que permite ser realizado um trabalho com diferentes aspectos e abordagens para sua consolidação. Cordeiro et al. (2017, p.264) frisam “Percebemos que existe pouca publicação no Brasil a respeito de Musicoterapia [...], apesar dela estar presente em muitas instituições que atendem a este público”. Ao analisar o atual cenário dessa

especialidade fica nítida a insuficiência de publicação e material adequado para a área, sendo assim a proposta de elaboração de um glossário de termos técnicos da Musicoterapia para identificar termos e expressões que são utilizadas se faz de considerável relevância.

A necessidade desse estudo justifica-se pela constatação dos seguintes aspectos: o desenvolvimento da especialidade Musicoterapia, que se encontra em expansão/transformação e a escassez de instrumentos de controle terminológicos construídos em português. Existem hiatos na descrição (do objeto, suas propriedades, relações e operações dentro de um determinado contexto) de determinadas línguas nos materiais terminológicos disponíveis, como também a imprecisão das descrições. Outro ponto relevante a se pensar é no grande número de materiais terminológicos para línguas com maior incidência nas publicações (inglês, francês, espanhol) em contraponto há materiais que envolvem idiomas que não ostentam as mesmas condições de visibilidade, como é o caso do português (AUBERT, 2001). Uma das áreas que necessitam ser descritas em língua portuguesa é a Musicoterapia. Os estudos terminológicos assumem um papel importante no cenário atual, pois permitem aos profissionais da área ou áreas correlatas, que fazem o uso dessa linguagem, a difusão de conhecimentos indispensáveis e precisos, obtendo um consenso entre os especialistas.

A Musicoterapia, por se tratar de uma modalidade recente, ainda conta com pouco material apropriado, uma vez que glossários, vocabulários, dicionários ou apêndices com suas definições ajudam na percepção e entendimento de uma obra individualmente. Almeida (2003, p.3) esclarece que “[...] um importante fator que contribui para a consolidação de uma língua é o quanto ela é capaz de comunicar tecnologias, porque assim ela se torna apta a participar dos cenários de prestígio no mundo moderno. Daí a relevância de se fazer Terminologia e de sistematizar terminologias”. Ao incorporar a linguagem ao processo de mudança social podem-se alcançar resultados no desenvolvimento tecnológico inseridos no conhecimento da área estudada com suas técnicas, habilidades, métodos ou em investigações científicas, sendo a terminologia uma das ferramentas para atingir esse objetivo.

Embora a construção de ferramentas terminológicas não seja uma função específica da Ciência da Informação, nas atividades dos profissionais da informação muitas vezes é encontrada uma área com vocabulários formalizados insuficientes. No entanto, além do seu conhecimento, adquirido com a teoria e prática, o profissional da informação necessita ter disponíveis para suas atividades novos materiais adequados e atualizados a fim de promover o desenvolvimento do exercício profissional. Para que a comunicação deste conteúdo ocorra de forma eficaz, deve-se considerar que o sistema de informação disponibilizado tenha suporte em instrumentos capazes de compatibilizar a linguagem adotada no sistema com a linguagem

de procura utilizada pelo usuário que busca a temática especializada. Para Lara (2006), isso se mostra fundamental para melhorar o conhecimento dos universos temáticos a serem trabalhados documentalmente, pois visa desde a construção de instrumentos de intermediação, como os Sistemas de Organização do Conhecimento, como também organização direta de conjuntos informacionais, como no caso de conteúdos de sites. Nesse sentido a Terminografia proporciona a concordância dos conceitos para o acesso à informação desejada em áreas especializadas.

À vista disso, Cabré (1993, 1999), por considerar a Terminologia um campo multidisciplinar que trabalha em diferentes campos profissionais, recomenda que os grupos de pesquisa terminológica trabalhem com especialistas que a utilizam, como: profissionais da linguagem (linguistas teóricos e aplicados, intérpretes, redatores técnicos); especialistas (cientistas e técnicos) e profissionais de informática, incluindo profissionais de informação e documentação.

A Terminologia é uma disciplina que envolve termos e seus respectivos conceitos e representações, pois o papel da terminologia na construção de Sistemas de Organização do Conhecimento é de auxiliar à consistência das relações através da organização e representação dos termos e de seus respectivos conceitos. Portanto, a compreensão efetiva de uma área específica significa um entendimento eficaz de sua terminologia, ou seja, a apropriação de uma área de conhecimento ocorre pela posse de sua terminologia, a compreensão dos conceitos e de suas relações. O domínio da terminologia, enquanto conjunto lexical das linguagens de especialidade é essencial a uma comunicação clara, sem problemas de ambiguidade ou interpretação, uma vez que, os termos classificam os conceitos próprios de uma dada área de conhecimento. Os Instrumentos terminológicos ajudam os indivíduos a encontrar informações precisas que devem ser desenvolvidas continuamente, pois contribuem com a introdução de novos conhecimentos.

O que antecede qualquer pesquisa, como se sabe, é o interesse que ela sugere. Durante minha trajetória acadêmica o interesse pelo tema foi tomando forma, muito devido ao projeto de pesquisa que participei “Mediação da Informação e as Múltiplas Linguagens do Som” como também os caminhos indicados no trabalho de conclusão de curso de graduação “a Linguagem da Musicoterapia em Unidades de Informação”. Assim, surgiram as primeiras inquietações acerca do domínio estudado e o interesse com relação aos trabalhos terminológicos. Esse caminho acadêmico forneceu o lastro necessário para o avanço e desenvolvimento da atual pesquisa.

Diante da problemática dessa pesquisa e dos vínculos que se insere na linha da

Organização e Representação da Informação e do Conhecimento, no âmbito da Ciência da Informação, o trabalho teve como objetivo geral desenvolver um estudo terminológico com o intuito de estabelecer uma proposta para a elaboração de um glossário de termos técnicos da Musicoterapia. Os objetivos específicos foram:

- Pesquisar métodos e técnicas para a construção de instrumentos de controle terminológicos;
- Analisar a Musicoterapia por meio de sua terminologia e seus conceitos;
- Identificar termos técnicos da Musicoterapia.

A pesquisa está estruturada em sete capítulos, sendo o primeiro constituído pela introdução. No segundo capítulo, explanamos a Organização e Representação do Conhecimento (ORC) onde a Organização do Conhecimento (OC) é responsável pela sistematização ordenada do conhecimento e seu modo de dispor o assunto com o objetivo de socializar. Foi demonstrado que a representação do conhecimento é realizada por meio dos Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC), sendo apresentadas suas tipologias, funções e versado que os glossários são importantes instrumentos no cenário dos SOC. O terceiro capítulo aborda a Terminologia e Terminografia a partir de suas definições e origem, objeto de estudo e suas aplicações, compreendendo que a Terminologia pode indicar tanto uma disciplina, como conjunto de termos específicos de um domínio e sua parte aplicada chamada de Terminografia, se destina da elaboração de dicionários ou glossários especializados. O capítulo é finalizado com as contribuições da terminologia no desenvolvimento de Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC). No quarto capítulo é apresentado um panorama sobre a área da Musicoterapia que é o domínio escolhido para o desenvolvimento dessa pesquisa terminológica. Para o quinto capítulo, salientamos os procedimentos metodológicos e apresentamos as ações necessárias para o seu desenvolvimento. A metodologia foi dividida em duas etapas, a conceitual e a aplicada, o estudo qualifica-se como exploratório e descritivo com abordagem bibliográfica e qualitativa e para a realização do trabalho terminológico baseou-se no modelo estabelecido por Rondeau (1984). No sexto capítulo Análise e Discussão dos Resultados são apresentadas as análises dos dados da pesquisa e discutidos os resultados obtidos, como também apresentamos a proposta do glossário terminológico em Musicoterapia. Finalizamos nossa pesquisa no sétimo capítulo, intitulado Considerações Finais que, além destas, apresenta também sugestões para futuras pesquisas sobre o tema.

## 2 ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO

Na sociedade do século XXI, conhecimento é a palavra-chave para o sucesso organizacional. Em comparação com outros ativos, como mão de obra, tecnologia e capital financeiro, muitos autores acreditam que o conhecimento é o ativo mais importante. (ZABOT; SILVA, 2002). A assimilação das tecnologias, o viés social e humano e principalmente a interdisciplinaridade são um dos principais desafios da Ciência da Informação. Nesse contexto Pinheiro (2002), compreende que a origem interdisciplinar da Ciência da Informação tem relação com participação de especialistas de vários campos de conhecimento no debate das questões que remetem a organização e recuperação da informação.

A Organização e Representação do Conhecimento (ORC) tem relação direta com a Ciência da Informação, pois sua perspectiva inclina-se para o conhecimento, uma vez que o conhecimento é gerado, precisa ser organizado e fornecido à sociedade, onde gera novos conhecimentos, visto que esse novo conhecimento necessitará ser representado e organizado, sendo assim a ORC demonstra uma natureza mediadora para o conhecimento (GUIMARÃES, 2015).

O “objeto de estudo da Organização do Conhecimento é o conhecimento socializado ou registrado” (BARITÉ et al, 2015, p. 120, tradução nossa). Com base nesse objeto, destacam-se duas atividades a "organização" e "representação". O resultado dessas atividades "resultam instrumentos, processos e produtos como facetas que vão se interpondo, para que tenham uso por outras áreas do conhecimento em ambientes institucionais" (FUJITA, 2008, p. 6). A Representação do Conhecimento (RC) tem dois aspectos diferentes: o primeiro é o resultado da representação do conteúdo por meio do reconhecimento de conceitos, e o segundo é a representação da estrutura lógica do conhecimento, que é o resultado das atividades da Organização do Conhecimento (OC), onde esta refere-se aos objetos e atividades na área. (FUJITA, 2008).

Lima e Álvares (2012) enfatizam que a prática de representar envolve o uso de elementos simbólicos, como imagens, palavras, desenhos e figuras para substituir objetos, ideias ou fatos. Barité et al. (2013, p. 136, tradução nossa) afirmam que a Representação do Conhecimento (RC) é o “ramo da organização do conhecimento que envolve o conjunto dos processos de simbolização notacional ou conceitual do conhecimento humano no âmbito de qualquer disciplina”. Deste modo a RC é uma atividade que objetiva a (OC), portanto sendo parte dela. Tendo em vista que o acesso ao conceito ocorre através de sua representação, a ideia de representação é fundamental para a sustentação do ciclo de produção do

conhecimento. Sendo assim, representar alcança todas as formas de traduzir simbolicamente o conhecimento de uma determinada área.

Para Brascher e Carlan (2010, p. 150), "a organização do conhecimento é um processo de modelagem que visa construir representações do conhecimento". Portanto, a Organização do Conhecimento tem a capacidade de realizar a construção da representação do conhecimento, que pode ser entendida como um processo de modelagem. Nesse sentido, compreende-se que "é reconhecidamente a necessidade de organizar o conhecimento registrado, o que envolve representantes de diversas áreas, uma vez que a organização tem a finalidade de disponibilizar o conhecimento para ser recuperado e assimilado". (PINHO, 2006, p. 17). A modelagem da informação pode ser entendida como:

Modelagem da informação consiste em um conjunto de procedimentos, técnicas, ferramentas e documentos auxiliares que ajudam os profissionais de informação em seus esforços para representar o domínio observado e os objetos informacionais pertencentes a este domínio. A modelagem da informação contempla tanto a descrição física – características físicas do meio e do formato em que a informação está registrada – quanto à descrição do conteúdo informacional. (VICTORINO; MEDEIROS, 2013, p. 12).

A finalidade da informação "permanece sendo a apreensão de sentidos ou seres em sua significação, ou seja, continua sendo o conhecimento; e o meio é a transmissão do suporte, da estrutura." (LE COADIC, 1996, p. 05).

Deste modo, acredita-se que a ORC estabelece os processos de modelagem de domínio do conhecimento, estabelecidos nas unidades de pensamento, para produzir modelos e representações da realidade, baseados em métodos e estratégias, com o intuito de gerar meios de expressões.

A Ciência da Informação é a área de estudos que tem seu norte na organização, representação e recuperação da informação. Porém os termos conhecimento e informação são de complexa definição devido à amplitude semântica (SCHIESSL; SHINTAKU, 2012).

Brascher e Café (2008) discutem a diferença entre os termos Organização da Informação (OI) e Organização do Conhecimento (OC):

*Organização da informação* é, portanto, um processo que envolve a descrição física e de conteúdo dos objetos informacionais. O produto desse processo descritivo é a representação da informação, entendida como um conjunto de elementos descritivos que representam os atributos de um objeto informacional específico. *Organização do conhecimento*, por sua vez, visa à construção de modelos de mundo que se constituem em abstrações da realidade. [...] Delineamos a OC como o processo de modelagem do conhecimento que visa à construção de representações do conhecimento.

Esse processo tem por base a análise do conceito e de suas características para o estabelecimento da posição que cada conceito ocupa num determinado domínio, bem como das suas relações com os demais conceitos que compõem esse sistema nocional (BRASCHER; CAFÉ, 2008, p. 5, 7 e 8).

Sobre a definição dos termos (OI) e (OC), Lara (2011) salienta:

A literatura brasileira usa simultaneamente os termos “Organização da informação” e “Organização do Conhecimento”: Ora esses termos aparecem associados, ora são utilizados para falar de coisas distintas. Também é frequente a utilização do termo Representação, muitas vezes com um sentido próximo ou sinônimo de Organização da informação. (LARA, 2011. p. 94)

Desta forma pode-se refletir que a organização da informação (OI) tem sua aplicação nos objetos físicos, sendo sua finalidade caracterizada na descrição de objetos informacionais, ex: resumos, índices e ficha catalográfica. A Organização do Conhecimento se aplica na definição dos conceitos com o objetivo na análise do conceito, ex: Glossários, Tesouros, Taxonomias e Ontologias. O conhecimento está relacionado com os aspectos cognitivos da mente humana.

Na visão de Barité (2001, tradução nossa), a Organização e Representação do Conhecimento devem ser abordadas como disciplina científica, pois define o que entende por conhecimento, como se realiza, organiza expressa e sua forma de registro. Relaciona dez premissas básicas para Organização do Conhecimento e evidencia a necessidade social do conhecimento, demonstrando para qual finalidade é organizado:

- I - O conhecimento é um produto e uma necessidade social;
- II - O conhecimento é efetuado por meio da informação, com o ato de socialização pode ser transformado novamente em informação;
- III - A estrutura e comunicação do conhecimento formam um sistema aberto;
- IV - O conhecimento deve ser organizado para seu melhor aproveitamento individual e social;
- V - Existem muitas formas possíveis de organizar o conhecimento;
- VI - Toda organização do conhecimento é artificial;
- VII - O conhecimento se registra em documentos, como conjunto organizado de dados disponíveis, pode se admitir usos indiscriminados;

VIII - O conhecimento se expressa em conceitos e se organiza mediante sistemas de conceitos;

IX - Os sistemas de conceitos se organizam para fins científicos, funcionais ou de documentação;

X - As leis que reagem a organização de sistemas de conceitos são uniformes e previsíveis, aplica-se igualmente a qualquer área disciplinar.

Cada premissa aborda um aspecto da Organização do Conhecimento (OC), deste modo uma não exclui a outra, a sétima e a oitava premissas são as que se adéquam melhor para fundamentar a pesquisa, pois demonstram que o conhecimento é registrado em documentos, como um conjunto organizado de dados disponíveis e pode-se admitir usos indiscriminados, onde o conhecimento se expressa em conceitos. Para Barité (2001), a ORC procura oferecer suporte teórico para o tratamento da informação, visto que busca analisar os conceitos em áreas de especialidade estudadas, com o intuito de desenvolver produtos e serviços para representar o conhecimento dessas áreas.

Ao analisar de um modo aplicado a Organização e Representação do Conhecimento, entende-se que são fundamentadas no desenvolvimento de instrumentos utilizados para organizar e representar o conhecimento, conseqüentemente à Organização do Conhecimento (OC) é responsável pela sistematização ordenada do conhecimento, como também seu modo de dispor o assunto com o objetivo de socializar.

Em outra concepção, a OC pode ser compreendida em dois sentidos, um amplo e outro estrito. O sentido amplo é a Organização do Conhecimento em instituições de ensino superior e de pesquisa, se refere à divisão social do trabalho intelectual, o modo em que as profissões são estruturadas socialmente, sendo organizado em diferentes domínios. No sentido estrito a Organização do Conhecimento dedica-se com a construção e utilização de Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC), sua natureza e qualidade dos processos de organização. (BROUGHTON et al., 2005, HJØRLAND, 2008).

Gnoli (2011) propõe que a esfera da Organização do Conhecimento (OC) seja compreendida por três aspectos: O ontológico - que compreende o fenômeno estudado; o epistemológico - com a concepção a qual o fenômeno é entendido e estudado e o pragmático - que contempla os usuários e os aspectos materiais dos documentos. O Conhecimento transmitido por um documento geralmente contém elementos desses aspectos, pois lida com um determinado conjunto de fenômenos (ontologia) com determinada perspectiva

(epistemologia) registrada em alguma forma de documento para certas categorias de usuários (pragmático). A Conscientização dos diferentes componentes pode levar a uma melhor eficácia na atividade de Organização do Conhecimento (OC).

Para Dahlberg (2006) a Organização do Conhecimento tem o embasamento na teoria do conceito, que “permite compreender um conceito como portador de elementos/características adquiridos a partir de predicções sobre o referente” (DAHLBERG, 1992, p. 66). Dessa maneira a OC possui como aplicações:

A construção de sistemas conceituais (construção do processo de organização do conhecimento e formação de unidades semânticas relacionadas); A correlação ou mapeamento de unidades desse sistema conceitual com objetivos da realidade (refere-se aos processos de classificação e indexação, visando viabilizar a qualidade da recuperação da informação nos sistemas de organização do conhecimento). (DAHLBERG, 2006, p. 12).

Na visão de Dahlberg (2006), a Organização do Conhecimento (OC) estabelece a sistematização e estruturação dos conceitos, seguindo suas características. Por meio da OC geram ferramentas que apresentam a estrutura e interpretação do objeto, chamados de Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC).

O papel dos organizadores do conhecimento não é controlar usuários e /ou produtores, mas fornecer controle para ambos. Os Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC) podem exercer esse controle através da descrição, identificação e controle terminológico e conceitual, sistematizando a Organização do Conhecimento (KIEL, 1994).

## 2.1 SISTEMAS DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

A Ciência da Informação demonstra interesse pelos Sistemas de Organização do Conhecimento, pois esses sistemas provêm do processo de Organização do Conhecimento (OC), uma vez que, tais instrumentos exercem relevante atuação na padronização da terminologia para organizar e recuperar a informação. São encarregados por demarcar o uso de termos e definir conceitos e relacionamentos existentes em determinadas áreas do conhecimento. (BRÄSCHER, CARLAN, 2010).

O termo KOS - do inglês *Knowledge Organization Systems*, equivalente em português - SOC (Sistemas de Organização do Conhecimento), surgiu em 1998 e foi proposto pelo Grupo de trabalho da *Networked Knowledge Organization Systems Working Group* durante a Conferência da *ACM Digital Libraries* (HODGE, 2000).

Os Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC) é uma nomenclatura nova para as Linguagens Documentárias, pois agregam elementos que foram incorporados nas inovações tecnológicas da era digital. A literatura da área precisou de um termo mais abrangente do que os tradicionalmente utilizados.

Hodge (2000) foi um dos primeiros autores a usar o termo e assim define os Sistemas de Organização do Conhecimento:

todos os tipos de esquemas para organizar a informação e promover a gestão do conhecimento. [...] incluem esquemas de classificação e categorização que organizam materiais em um nível geral, cabeçalhos de assunto que fornecem acesso mais detalhado e arquivos de autoridade que controlam versões variantes de informações-chave, tais como nomes geográficos e nomes pessoais. [...] também incluem vocabulários altamente estruturados, como tesouros, e esquemas menos tradicionais, tais como redes semânticas e ontologias. Como os sistemas de organização do conhecimento são mecanismos para organizar a informação, eles estão no coração de cada biblioteca, museu e arquivo (HODGE 2000, p. 1).

Deste modo, constata-se que os SOC são utilizados para representar o conhecimento de um determinado domínio e propiciam sua organização para facilitar a recuperação. São “representações do conhecimento, que por sua vez são modelos de abstração do mundo real, construídos para determinada finalidade” (SCHIESSL; SHINTAKU, 2012, p.49). Para Carlan (2010) os Sistemas de Organização do Conhecimento são:

[...] sistemas conceituais semanticamente estruturados que contemplam termos, definições, relacionamentos e propriedades dos conceitos. Na organização e recuperação da informação, os SOC cumprem o objetivo de padronização terminológica para facilitar e orientar a indexação e os usuários. (CARLAN, 2010, p. 16).

Os SOC pertencem as estruturas terminológicas que listam conceitos expressos nos termos selecionados, como também suas diversas relações. São ferramentas semânticas com vocabulários estruturados e formalizados, utilizadas para o tratamento e a recuperação da informação, seja no ambiente da internet como no tradicional, contribuindo no desenvolvimento da web semântica.

Por conta de suas diferentes funções incorporadas no decorrer do tempo, Vickery (2008) buscou uma classificação para os sistemas de organização do conhecimento (SOC) de forma cronológica:

- *pré-coordenação*: caracterizada por estruturas estáticas, como as listas de cabeçalho de assunto e os sistemas de classificação, essencialmente os sistemas enumerativos;

- *pós-coordenação*: Os termos para composição de representação e de buscas complexas como nos vocabulários controlados e tesouros possibilitam maior manipulação para representar os assuntos de cada documento;

- *Internet*: taxonomias que possibilitam a classificação hierárquica do termo, possibilitando a escolha do termo que melhor representa sua busca;

- *Web semântica*: destacam-se sistemas de organização da informação destinados ao uso computadores e humanos trabalhareem em integração, as ontologias são representativas nessa fase.

Com o avanço das tecnologias digitais a utilização dos Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC) se tornam cada vez mais imprescindíveis. Vickery (2008) também cita a possibilidade da construção de mapas do conhecimento e a navegação de busca informacional promovendo a criação de novos conhecimentos.

Barite (2011) argumenta que os recursos essenciais de um SOC são: Sua referência ao conhecimento especializado (literatura, consulta a especialista, entre outras formas), A estrutura lógica, construída (método e teoria) da Organização do Conhecimento (OC). E o controle de vocabulário (seleção, depuração, formalização e normalização da terminologia) como também suas relações entre os termos, incluindo critérios semânticos, linguísticos e disciplinares.

Os SOC têm intensa relação com a linguagem, pois ela se mostra essencial em todo processo de descoberta da humanidade, portanto existe grande dependência dos sistemas elaborados pelo homem para aquisição do conhecimento (SCHIESSL; SHINTAKU, 2012). Lara (2009) expõe que Sistemas de Organização do Conhecimento apresentam ligação com a Linguística Documentária:

A Linguística Documentária, reúne referências teóricas e operacionais para propor uma modelização da informação, em especial na hipótese que fórmula para a organizar as linguagens de informação – mobilizando ordens de organização do conhecimento e da informação – e articulando referenciais institucionais associados aos quadros nocionais e linguagens compartilhadas por produtores e usuários. (LARA, 2009, p. 168)

Para Lara (2009) a Linguística Documentária é uma combinação de linguagem e documentação, que pode definir com mais precisão o conceito de termos usados nos SOC. A Linguística Documentária procura a Terminologia para construção dos sistemas de conceitos, definições e designações, os quais compõem as relações nos Sistemas de Organização do Conhecimento. Outro conceito que corrobora para o desenvolvimento da Terminologia e a Linguística Documentária é o de Linguagem de Especialidade, que se caracteriza como linguagem utilizada por profissionais nas diversas áreas de pesquisa e atuação. Representam as áreas do conhecimento, os processos, produtos e serviços de uma área específica, para assim servir de instrumento de comunicação entre os sujeitos envolvidos (CARLAN, 2010).

Com relação às tipologias dos Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC) pode-se observar que os instrumentos tendem para um caminho contínuo no sentido evolutivo, com as taxonomias em um extremo inicial, passando pelos tesouros em posição intermediária até o advento das ontologias no outro extremo atual (LARA, 2015). A autora afirma que “cada um a seu modo, busca agrupar objetos explorando seus graus de profundidade semântica, níveis de estruturação, dimensões e propósitos, muitas vezes recorrendo a recursos de visualização”. (LARA, 2015, p.90). Deste modo presume-se que todas as ferramentas têm a mesma finalidade de organizar o conhecimento para posterior recuperação.

Os autores definem suas listas de SOC com diferentes ferramentas, desta forma demonstra que não existe uma definição fechada com uma lista dos instrumentos de controle terminológico de forma global, pois conforme o conceito sofre alteração no transcorrer do tempo, gera novas atualizações ou exclusões na visão de cada autor, sendo necessárias constantes revisões.

O Quadro 1 e a Figura 1 visam auxiliar a compreensão e visualização dos Sistemas de Organização do Conhecimento. Na perspectiva de Zeng (2008) a tipologia é apresentada com seus respectivos conceitos e as divide em quatro grupos:

**Quadro 1 - Tipologias dos Sistemas de Organização do Conhecimento**

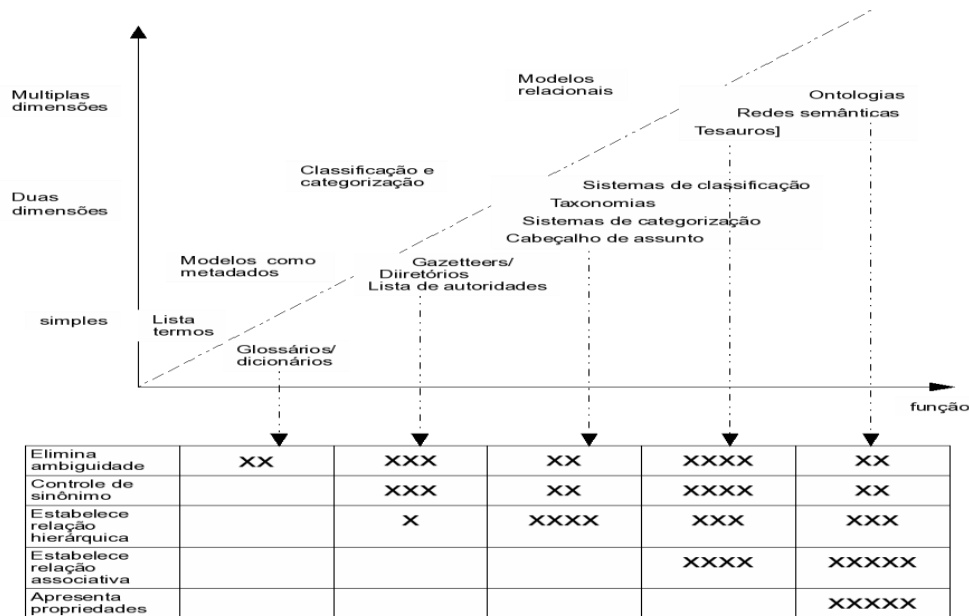
<b>1. Listas de termos</b>
Listas (listas de seleção): conjuntos limitados de termos em alguma ordem sequencial.
Dicionários: listas alfabéticas de termos e suas definições que fornecem sentidos variantes para cada termo, quando aplicável.
Glossários: listas alfabéticas de termos, geralmente com definições.
Anéis de sinônimos: conjuntos de termos considerados equivalentes para fins de recuperação.
<b>2. Modelos semelhantes a metadados</b>
Arquivos de autoridade: listas de termos usados para controlar os nomes das variantes de uma entidade ou o valor de domínio para um campo específico.
Diretórios: listas de nomes e seus associados. Informações de Contato.
Gazetteers: dicionários geoespaciais de nomes e locais digitados.).
<b>3. Classificação e Categorização</b>
Cabeçalhos de assunto: esquemas que fornecem um conjunto de termos controlados para representar os sujeitos de itens em uma coleção e conjuntos de regras para combinar termos em títulos compostos.
Esquemas de categorização: esquemas de agrupamento pouco formados.
Taxonomias: divisões de itens em ordenadas grupos ou categorias com base em características particulares.
Esquemas de classificação: hierárquicos e facetados arranjos de notações numéricas ou alfabéticas para representar tópicos amplos.
<b>4. Modelos de Relacionamento</b>
Tesouro: conjuntos de termos que representam conceitos e hierárquica, equivalência e associativa relação entre eles. Estruturas de sinônimos desse tipo são baseados no NISO Z39.19-2005 e Normas ISO 2788 -1986.
Redes semânticas: conjuntos de termos que representam conceitos, modelados como nós em uma rede de tipos de relacionamento variável.
Ontologias: modelos conceituais específicos que representam relacionamentos complexos entre objetos, incluindo as regras e axiomas ausentes nas redes semânticas.

**Fonte:** Adaptado e traduzido de Zeng (2008, p. 161-162).

A tipologia demonstrada no Quadro 1 por Zeng (2008) corresponde pela indicação dos elementos e permite compreender o conceito geral dos Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC). Observa-se que algumas estruturas apresentadas na Figura 1 permitem aos sistemas que executem várias funções, o que pode evitar problemas causados pela falta de controle da terminologia ao organizar as informações. Sua estrutura varia de lista simples de termos a estruturas bidimensionais hierárquicas aumentando a complexidade até as estruturas

multidimensionais.

**Figura 1 - Funções dos Sistemas de Organização do Conhecimento**



**Fonte:** Adaptado e traduzido de Zeng (2008, p. 161).

Com relação às tipologias dos Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC) descritas no Quadro 1, onde a presente pesquisa se enquadra em Listas de termos, no qual além do glossário que é o instrumento trabalhado, também constam nessa categoria listas de seleção, dicionários e anéis de sinônimos. Sobre as funções dos SOC descritas na Figura 1, a principal finalidade na visão de Zeng para o glossário que a autora define como listas alfabéticas de termos, geralmente com definições é a função de eliminar ambiguidades.

Os SOC são utilizados para organizar e representar o conhecimento com o objetivo de recuperação e uso, suas funções diversificam de acordo com o grau de complexidade e a finalidade de sua aplicação. Conforme seu alcance temático, os SOC podem ser universais, multidisciplinares ou especializados (MARTÍNEZ; VALDEZ, 2008).

Os Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC) podem ser expostos para quem o utiliza de diferentes maneiras, de acordo com o domínio ao qual está sendo destinado. Nessa conjuntura, os SOC tornam-se importantes não apenas em unidades de informação tradicionais, mas são fundamentais em ambientes digitais onde são responsáveis pela organização de um acervo de documentos eletrônicos e disponibiliza diversas maneiras de organização.

## 2.2 GLOSSÁRIO

Os Sistemas de Organização do Conhecimento cumprem “[...] importante papel de padronização da terminologia adotada para organização e recuperação de informações, ao delimitar o uso de termos e definir conceitos e relações de alguma área do conhecimento, de forma compartilhada e consensual.” (BRÄSCHER; CARLAN, 2010, p.149). Diante disso, os instrumentos de controle terminológico apresentam-se como ferramentas importantes para indexar, recuperar, organizar e disseminar a informação. Miranda (1992) discursa que tais instrumentos definem-se como linguagens com um número limitado e controlado de termos que atuam em dois níveis: Na análise, síntese e representação de discursos e na representação de buscas de informação. Portanto, os termos controlados em sua forma e conteúdo deram origem à criação de instrumentos para esse processo, tais como os dicionários, glossários, enciclopédias, sistemas de classificação, tesouros, normas, fontes literárias, entre outros. Dessa forma, pode-se considerar que o cerne da relação entre documentos e instrumentos de controle terminológico está na representação.

A gênese dos glossários tem sua origem na Idade Média, remonta às anotações entre as linhas ou margens dos textos que tinham por objetivo esclarecer as suas passagens mais complexas. A sociedade ao se deparar com a necessidade por buscar explicação ao significado das palavras das línguas quando estão em contato com outras, especialmente na Europa, fez surgir o advento de listas de palavras ou agrupamento de glosas (BASSETO, 2001; STREHLER; GOROVITZ, 2011).

Cabe lembrar que as glosas surgem a partir de unidades lexicais raras ou desconhecidas. Ainda hoje, tal é a característica desse tipo de repertório que reúne apenas as unidades lexicais ou terminológicas raras ou de difícil compreensão. Os termos são usualmente apresentados em ordem alfabética e acompanhados de uma definição. No final de alguns livros, o autor pode listar num glossário os termos que ele julga de difícil compreensão. (STREHLER; GOROVITZ, 2011, p. 38).

Com o tempo, as anotações nos textos passaram a ser reunidas e organizadas em ordem alfabética, possibilitando, conseqüentemente, uma maior praticidade na sua consulta. A finalidade inicial da Lexicografia era esclarecer palavras antigas, e voltou-se apenas mais tarde o léxico contemporâneo (HAENSCH et al, 1982; BASSETO, 2001).

Em uma definição contemporânea Faulstich (2010) descreve o glossário como um documento terminográfico atribuído para responder a demanda específica de um público que busca precisão léxica nas informações com o objetivo de melhorar o desempenho linguístico.

Esclarece como sendo:

[...] repertório de termos, normalmente de uma área, apresentados somente em ordem sistêmica ou somente em ordem alfabética. O ideal é que um glossário seja elaborado e concluído abrangendo tanto a ordem sistêmica quanto a ordem alfabética, assim o leitor não perde a informação que está contida numa remissão de termos. Em um glossário, um verbete apresenta as informações registradas na ficha de terminologia de cada termo, de acordo com a constituição que o elaborador estruturou a ficha. É preciso estar atento para essa constituição, a fim de evitar transformar um glossário em um léxico (FAULSTICH, 2014, p. 1).

Sousa (2008, p. 68) complementa ao acreditar que o glossário é um “Conjunto de termos específicos de uma área científica ou técnica dispostos em uma ordem sistemática e acompanhados de suas definições ou conceitos, ou explicações, podendo, ou não, apresentar remissivas.”.

Lara (2011) argumenta que o glossário se apresenta como um produto artificialmente construído, sua estrutura de termos tem o intuito de converter a linguagem científica e técnica em uma linguagem sistêmica para contextos específicos. “Seguidos de informação gramatical, definição, remissivas, podendo apresentar ou não o contexto de ocorrência do termo”. (FAULSTICH, 2010, p.178).

Uma característica importante do glossário é o público a que ele é destinado, os glossários têm por função principal atender às necessidades específicas de públicos especializados inseridos num determinado contexto do conhecimento.

Faulstich (2014, p. 1) afirma que os glossários podem ser divididos em três categorias:

- Repertório que define termos de uma área científica ou técnica, dispostos em ordem alfabética, podendo apresentar ou não remissivas;
- Repertório em que os termos, normalmente de uma área, são apresentados em ordem sistemática, acompanhados de informação gramatical, definição e remissivas, podendo apresentar ou não contexto de ocorrência;
- Repertório em que os termos são apresentados em ordem alfabética ou em ordem sistemática seguidos de informação gramatical e do contexto de ocorrência

Segundo Gómez González - Jover (2006) uma obra terminográfica, como no caso do glossário pode ser classificada, em função das línguas que inclui, pode ser monolíngue, bilíngue ou plurilíngue. A configuração do glossário da pesquisa será monolíngue e

apresentada em ordem alfabética seguidos de classificação gramatical e as definições baseadas no contexto de ocorrência. O “indicativo da classe gramatical ou da estruturação sintático-semântica do termo, podem ser s.= substantivo ou n.= nome; v.= verbo; utc = unidade terminológica complexa” (FAULSTICH, 2010, p. 180). Com relação às obras monolíngues “Os dicionários monolíngues, ou gerais da língua, são considerados aqueles escritos somente em uma língua [...] tratam das unidades lexicais de uma língua” (MEDEIROS, 2012, p.42). No caso dos glossários registram os termos técnicos de uma arte ou ciência.

Os glossários também apresentam aspectos de macroestrutura e microestrutura. Barros (2004, p. 151) argumenta que a macroestrutura diz respeito à “organização interna da obra, composta de todas as informações pertinentes aos verbetes e sua organização”. Para Tuxi (2017, p. 102) “exprime o conjunto de informações gerais de identificação da obra, assim como suas respectivas orientações de uso e consulta”. Welker (2004, p. 81) demonstra uma estratégia para melhor identificar a macroestrutura de uma obra com alguns questionamentos: “O arranjo das entradas é temático ou alfabético? Os verbetes têm todos o mesmo formato? Há ilustrações gráficas e/ou tabelas no meio dos verbetes? Informações sintáticas ou outras estão colocadas fora do bloco do verbete?”.

A microestrutura é o verbete pronto, ou seja, o verbete é a parte terminográfica do glossário contendo informações gramaticais e lexicais dos termos, compostos pela (entrada, categoria gramatical, contexto, nota e sua definição), também podem conter outras informações que o autor julgue necessárias (FAULSTICH, 1995). “O conjunto de informações que estrutura cada verbete do glossário deve ser descrito, nas fichas terminológicas, de acordo com o objetivo do terminógrafo” (FAULSTICH, 1995, p. 23). Em outras palavras a macroestrutura de uma obra terminográfica compreende a organização e número das entradas, como também partes complementares. Contém uma base introdutória sobre a característica da obra e seu tema. Por sua vez a microestrutura representa à organização interna dos verbetes, o conjunto de informações contidas em cada verbete.

Uma obra de cunho terminográfico distingue-se basicamente das obras lexicográficas “por apresentar as informações apenas da área do conhecimento que se trata [...] normalmente vinculado a conjunto textual de referência reconhecido pelo consulente da obra, tal como se tivesse sido elaborado especialmente para um determinado segmento de usuários” (HENRIQUES, 2011, p. 26). Dessa forma o produto terminológico em questão não está destinado para o público geral, ou seja, não é para o leitor em geral, e sim para um grupo específico de usuários.

A construção de instrumentos terminológicos é de grande importância para a comunidade acadêmica, atua como tradutor de uma linguagem técnica para seus contextos específicos onde serão utilizados com a função de especificar a terminologia de uma área do conhecimento. Correia (2009) declara que o glossário é restrito a um determinado domínio do conhecimento, sendo este constituído por regionalismos, arcaísmos, neologismos etc. Pode ser usado como um catálogo de palavras que foram definidas, explicadas ou anotadas na mesma área de pesquisa, deste modo normaliza as representações e reduz sua ambiguidade. Diante disso Albuquerque et al. (2011) afirma que:

Os estudiosos de qualquer área do conhecimento precisam conhecer a terminologia de sua área para usá-la com propriedade em suas atividades. Por outro lado, ao estabelecerem diálogo com outras áreas, depara-se com um número de termos que lhe são desconhecidos ou cujo sentido não lhes parece claro. Para resolver essa questão, um dos instrumentos utilizados é o glossário (ALBUQUERQUE et al, 2011, p. 207).

Pode-se concluir que os glossários são importantes instrumentos no cenário dos Sistemas de Organização do Conhecimento, seu conjunto de termos representa o subsídio necessário para dar o significado a palavras técnicas que possibilita adquirir conhecimento temático e terminológico em uma determinada área, é capaz de atender a finalidade de diminuir a interferência na clareza textual. Os glossários têm sido considerados como importantes ferramentas de auxílio para o tratamento e recuperação da informação.

### 3 TERMINOLOGIA E TERMINOGRAFIA

Neste capítulo, abordaremos os aspectos teóricos da Terminologia e da Terminografia, a fim de apresentar conceitos científicos e técnicos para enfatizar seu objeto de estudo e as Linguagens de especialidades, como também demonstrar as contribuições terminológicas no desenvolvimento de Sistemas de Organização do Conhecimento.

#### 3.1 CONCEITOS DA TERMINOLOGIA E TERMINOGRAFIA

Inicialmente, faz-se necessário diferenciar os usos do termo “terminologia”, pois se trata de um termo polissêmico:

Sendo polissêmico, pode significar tanto a disciplina terminológica, como os princípios teóricos e metodológicos que regem a constituição de inventários de termos, ou ainda, o próprio conjunto de termos de uma área específica (MACIEL, 2001, p.40).

A *Terminologia*, iniciada com letra maiúscula, ocupa-se do estudo científico, da disciplina em si, ou seja, as linguagens de especialidade definidas por Pavel e Nolet (2002, p.124) como “sistema de comunicação oral ou escrita usado por uma comunidade de especialistas de uma área particular do conhecimento” e *terminologia*, com letra minúscula, indica o objeto de estudo, refere-se a um conjunto de termos específicos de um domínio. (KRIEGER; FINATTO, 2004). Além desses dois conceitos, a designação ‘terminologia’ possui uma terceira variante; essa é idealizada como “o conjunto de diretrizes ou princípios que regem a compilação de termos”. É a parte aplicada da Terminologia, também chamada de terminografia, ou seja, se destina da elaboração de dicionários ou glossários especializados (CABRÉ, 1999, p. 27). O objeto de estudo desta dissertação é a terminologia do domínio da Musicoterapia e a abordagem utilizada no trabalho será a da terminologia com t minúsculo, pois se trata do uso de uma linguagem especializada de uma área do conhecimento com significados particulares.

A necessidade de se organizar o conhecimento produzido com procedimentos que possibilitam sistematizar e organizar a informação registrada torna-se crucial para obtenção da informação desejada. Pode-se considerar que a terminologia seja uma ciência recente e em pleno desenvolvimento, mas suas origens são bastante antigas e remontam aos tempos em que o homem primitivo nomeava seus instrumentos e atividades de trabalho. Como alega Rondeau (1984, p. 1),

A terminologia não é um fenômeno recente. Com efeito, tão longe quanto se remonte na história do homem, desde que se manifesta a linguagem, nos encontros em presença de línguas de especialidade, é assim que se encontra a terminologia dos filósofos gregos, a língua de negócios dos comerciantes cretas, os vocábulos especializados da arte militar etc.

Apenas no século XVII as terminologias de especialidades foram aceitas formalmente, onde seus estudos avançaram e se ampliaram no século XVIII devido a evolução dos estudos no âmbito da ciência, principalmente Química e Biologia (KRIEGER; FINATTO, 2004). Com a Revolução Industrial na Europa vieram mudanças positivas, com esse desenvolvimento levou a uma necessidade de estudo das terminologias de áreas técnicas e científicas.

As mudanças socioeconômicas e políticas tiveram repercussões em nível vocabular: a cada nova invenção, a cada nova situação, atividade, produto, serviço, reivindicação, lei etc, surgiam novos termos correspondentes. O universo lexical das línguas transformou-se, ampliando-se substancialmente, o mesmo sucedendo com o conjunto terminológico que, aliás, cresceu em maior proporção. (BARROS, 2004, p. 26)

A terminologia surge a partir desse contexto, um campo de investigação científica de termos e conceitos. Para cada campo técnico ou científico, existem termos específicos, e o grupamento desses termos é chamado de terminologia. (KRIEGER; FINATTO, 2004, p.16). Posteriormente no século XX, a terminologia teve um desenvolvimento expressivo, desenvolvimento esse devido ao rápido avanço da tecnologia e da ciência.

A afirmação da terminologia como disciplina científica que estuda os termos das áreas de especialidade deu-se, no Ocidente, por meio dos trabalhos de Eugen Wuster (1898-1977), engenheiro austríaco que na década de 30, estabeleceu bases da futura Teoria Geral da Terminologia (TGT). A TGT foi pioneira na base do trabalho terminológico, almeja uma comunicação sem ambiguidades, possui caráter prescritivo e normativo que visa padronizar o uso de termos e conceitos sem considerar variações em um contexto comunicacional; (LARA, 2006; SALES, 2008). Com o passar do tempo, os princípios propostos por essa teoria começaram a ser questionados, abrindo caminho para novas discussões. (KRIEGER; FINATTO, 2004).

Surgiram novas teorias a respeito da Terminologia para rever suas finalidades, nesse sentido Lamberti (1999, p. 36) diz:

A visão tradicional da terminologia perdurou da década de 30 até a década de 80, quando começaram a surgir trabalhos que criticavam a falta de sensibilidade dos trabalhos terminológicos a situações de variação,

ocasionadas pela diversidade de grupos sociais que trabalham em uma área especializada. Surge, assim, uma nova atitude em relação à terminologia, cujo objetivo era abri-la à variação de forma e adaptá-la ao seu tempo, espaço e usuários.

Dentre as novas teorias que surgiram para contrapor Teoria Geral da Terminologia (TGT), são as de base descritiva e textual, têm como objetivo descrever uma área de especialidade e considera os aspectos linguísticos e textuais do termo. Uma teoria que se destaca nesse cenário é a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) de Maria Teresa Cabré, evidencia o papel da linguagem na caracterização dos termos, que se fundamenta em aspectos comunicativos das línguas naturais para melhor conduzir a comunicação de representar e transferir conhecimento entre especialistas (LARA, 2006; SALES, 2008). Para Barros (2004, p. 59)

“[...] a TCT tem conquistado terreno a passos largos entre os especialistas da área, uma vez que sintetiza os anseios dos pesquisadores em Terminologia Descritiva e formaliza as observações oriundas de décadas de trabalho, instrumentalizando os especialistas na matéria com uma nova ferramenta mais adequada ao objeto de estudo da Terminologia e mais próxima da realidade”.

Desta forma a TCT propõe uma teoria que leva em consideração o contexto o qual os termos estão inseridos. Pretende tratar os termos como unidades singulares e /ou semelhantes a outras unidades de comunicação, inseridos em um esquema global de representação da realidade, se preocupando com a dimensão textual e discursiva dos termos. (CABRÉ, 1999). O objetivo da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) é descrever “[...] formal, semântica e funcionalmente as unidades que podem adquirir valor terminológico, [...] explicar suas relações com outros tipos de signos de mesmo ou distinto sistema, para fazer progredir o conhecimento sobre a comunicação especializada e as unidades que são utilizadas nela”. (CABRÉ, 1999, p. 124, tradução nossa).

As pesquisas terminológicas podem ter abordagem semasiológica, que toma como ponto de partida a palavra, com seus vários significados, ou seja, do significante para estudar o significado ou a perspectiva onomasiológica onde parte-se do significado (conceito), para estudar o significante, a denominação (CAMPOS, 2001).

A seguir é apresentado o Quadro 2 que compara as teorias TGT e TCT:

**Quadro 2 - Comparativo entre TGT e TCT**

<b>Teoria Geral da Terminologia (TGT)</b>	<b>Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT)</b>
Possui caráter prescritivo e normativo.	São as de base descritiva e textual.
<b>Visa padronizar o uso de termos e conceitos sem considerar variações em um contexto comunicacional.</b>	Os termos devem ser verificados em seu ambiente natural de ocorrência.
<b>Caráter onomasiológico, foco no conceito em detrimento do termo.</b>	Caráter semasiológico, o objeto central são as unidades terminológicas e não os conceitos.
<b>Desconsidera a flexibilidade efetiva do processo comunicativo no ambiente especializado.</b>	A diferença entre termo e palavra se nota, fundamentalmente, na situação comunicativa.

**Fonte:** O autor

Em síntese a Teoria Geral da Terminologia (TGT), tem caráter onomasiológico, normalizador e com foco no conceito em detrimento do termo, já as novas abordagens teóricas como a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) assumem função semasiológica, onde o ponto de partida é a análise descritiva do termo. Analisam o termo a partir de seu contexto real de uso e consideram as variáveis que exercem influência na formação das terminologias. Com dois principais enfoques: 1) A análise descritiva do objeto e o desenvolvimento teórico. 2) As aplicações terminológicas que geram produtos como glossários, dicionários técnico-científicos, entre outros. (KRIEGER e FINATTO, 2004). Um ponto importante a ser levado em consideração no processo de elaboração de uma obra terminográfica é o modelo teórico a ser adotado (BARROS, 2004). No caso da presente pesquisa, o modelo teórico é o da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), visto que é um estudo descritivo.

Dias (2000, p. 90), esclarece que “não há um consenso ou uma definição hermética do que vem a ser terminologia”, justificado pela perspectiva “poliédrica” da terminologia com relação a seus fundamentos, seus enfoques e suas aplicações práticas. Curras (1995, p. 23) traz a terminologia como um “processo ontológico pelo qual se chega à normalização dos sistemas formados pelas diferentes linguagens especializadas, onde o conceito fixado pelo termo está em relação semântica com o resto dos termos desse sistema.”. Em linhas gerais, “a

terminologia representa o conhecimento técnico-científico especializado de forma organizada, por meio de manuais e glossários, e unifica esse conhecimento sob a forma de normas e padrões” (DIAS, 2000, p. 91).

Diante disso, pode-se analisar a terminologia na forma de um conjunto de palavras técnicas ou científicas, que constituem o vocabulário específico de alguma área do conhecimento. No entanto, apesar das classificações diferentes que a terminologia pode receber, afirmar-se que esta é o meio inevitável de comunicação sem ambiguidades entre os usuários de uma determinada língua de especialidade.

Para L’Homme (2004, p. 15), na Terminologia:

a teoria e a prática estão longe de serem mutuamente excludentes. Na realidade, a prática faz com que uma teoria evolua para uma direção na qual ela não tinha sido empregada antes. Os modelos teóricos, por sua vez, permitem aos condutores de estudos aplicados examinar um objeto sob uma ótica particular.

Portanto, na terminologia, a separação aspectos teóricos e práticos não é uma tarefa simples, pois as bases teóricas explicam as atividades realizadas na prática. O resultado do estudo terminológico é a terminografia, cujo principal objetivo é preencher as lacunas de conhecimento em determinados campos e difundir esse conhecimento de maneira organizada e sistemática em diferentes línguas a fim de atingir um maior número de usuários que fazem seu uso técnico ou científico (MILNER, 2000). Em conformidade com o pensamento de que terminologia e a terminografia estão interligadas, Krieger e Finatto (2004) observam que a terminografia é responsável pela criação de dicionários, glossários, enciclopédias, entre outros instrumentos terminológicos das áreas de especialidade e esclarecem:

No conjunto das particularidades da Terminografia, é preciso salientar que essa área não se restringe a uma visão pragmática de produção de instrumentos de referência especializada, mas é também um estudo sobre os termos [...] O objetivo aplicado requer que sejam observados e dimensionados os fundamentos teóricos necessários à identificação das terminologias, ao reconhecimento da variedade de suas formas, [...] bem como os princípios de análise do funcionamento dos termos com vistas a seu registro em instrumentos de referência especializada. (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 50)

À vista disso, entende-se que a terminografia não é apenas uma prática de criação obras terminográficas e sim um processo mais complexo que não exerce apenas a função aplicada, mas também estuda e faz a análise dos termos.

Barros (2004); Krieger e Finatto (2004) demonstram algumas características

fundamentais do trabalho terminográfico:

- **Verificação se os termos possuem relações de sentido:** analisar se os termos têm relação de sentido entre eles e se eles atendem o objetivo proposto nos instrumentos terminológicos;
- **Confiabilidade e organização:** antes de se iniciar uma obra terminográfica deve-se constatar a homogeneidade e da sistematicidade na organização da obra terminográfica, levar em consideração fatores como: tempo necessário para a realização da obra e ferramentas que vão auxiliar a sua construção;
- **Modelo teórico a ser adotado:** tipológicas da obra que se deseja realizar e a metodologia a ser seguida;
- **Objetivo e público-alvo da obra:** Os dois devem estar conectados, pois os objetivos determinam o público-alvo e vice-versa;
- **Adquirir o conhecimento da área:** o terminólogo deve estudar e entender a área de especialidade na qual está trabalhando;
- **Limites da pesquisa:** um fator relevante, pois, no caso dos dicionários especializados, é importante delimitar o domínio a ser estudado;
- **Macroestrutura e microestrutura:** na macroestrutura se refere a ordem em que se encontram os verbetes, isto é, as entradas podem estar em ordem alfabética ou sistemática e na microestrutura como são organizados os dados terminológicos no verbete de obra terminológica.

A face aplicada da Terminologia abrange “compilar as unidades de valor terminológico em um tema ou situação determinado e estabelecer suas características de acordo com essa situação.” (CABRÉ, 1999, p. 133). A terminografia auxilia nas questões relativas à identificação e tratamento das terminologias e para que todos esses critérios funcionem efetivamente, deve haver um padrão no mesmo trabalho terminológico.

Tálamo e Lenzi (2006) veem a terminologia como um conjunto estruturado de termos, que se traduz na base da organização do conhecimento de um domínio, ou seja, uma em área de especialidade, de modo que sendo estruturada atua como instrumento conceitual para a compreensão da maneira de organização de uma área e agiliza a comunicação entre pares. Isso mostra que, uma vez que o significado do termo seja determinado de forma única, sua representação e recuperação serão mais precisas. O conhecimento de uma área só se concretiza de forma eficaz com apropriação de sua terminologia, entendimento de seus conceitos e suas relações.

### 3.2 OBJETO DE ESTUDO DA TERMINOLOGIA E AS LINGUAGENS DE ESPECIALIDADES

A Terminologia se ocupa do estudo dos termos; ou seja, o termo é o seu objeto de estudo “a designação, por meio de uma unidade linguística, de um conceito definido em uma língua de especialidade” (ISO 1087, 1990, p. 5). Para Barros (2004, p. 39-40) “a terminologia tem como unidade padrão o termo [...] O termo é, portanto, uma unidade lexical com um conteúdo específico dentro de um domínio específico, também chamado de unidade terminológica”.

Tuxi (2017, p.27) demonstra aspectos do conceito de termo:

[...] termo é, além de uma unidade linguística, uma unidade cognitiva, uma unidade de conhecimento, já que está ligada a um conceito científico. É também uma unidade de comunicação, já que esses termos são utilizados dentro de uma linguagem específica. Em comunicações especializadas entre aqueles que compartilham o mesmo saber, e que se identificam enquanto especialistas da mesma área por compartilharem uma linguagem de especialidades cuja unidade é o termo.

Nesse sentido, o termo diferencia-se da palavra por estar ligado a uma área de conhecimento. Cabré (1999, p.123) esclarece que o termo é "palavra ativada singularmente por suas condições pragmáticas de adequação a um tipo de comunicação”. Krieger e Finatto (2004, p. 78) Argumentam que "o que faz de um signo linguístico um termo é o seu conteúdo específico, propriedade que o integra a um determinado campo de especialidade”.

Cabré (1993, p. 176) salienta que os termos podem ser classificados em quatro aspectos, como observados no Quadro 3:

**Quadro 3-** Classificação dos termos

<b>1. Do ponto de vista da forma:</b>	Simplem ou complexos (de acordo com o numero de signos linguísticos que forma o termo).
	Derivados (novo signo linguístico formado através da agregação de afixos a um radical).
	Compostos (nova palavra criada através da comunicação de dois radicais).
	Siglas, Acrônimos e Abreviações (unidades linguísticas formadas: siglas – a partir das iniciais de vocabulários de um sintagma não podendo ser lida como palavra e sim soletrada; acrônimos – a partir das iniciais de vocábulos de um sintagma formando um novo vocábulo; abreviação – pelas letras iniciais).
	Sintagmas terminológicos (segmento de unidades linguísticas que transmitem um único conceito).
<b>2. Do ponto de vista de função (aspecto gramatical):</b>	Substantivo
	Adjetivo
	Advérbio
	Verbo
<b>3. Do ponto de vista do significado:</b>	Objetos ou entidades (indicadores pelos substantivos).
	Processos, operações e ações (indicado por verbos).
	Propriedades, estados e qualidades (indicado pelos adjetivos).
	Relação (indicados advérbios e verbos)
<b>4. Do ponto de vista da procedência linguística (origem):</b>	Nativo
	Outro código linguístico

**Fonte:** Cabré (1993, p. 176)

Diante das diversas classificações expostas pela autora e suas variações, é imprescindível que o termo seja considerado por várias temáticas, pois pode ter significados diversos.

Vogel (2007, p. 79), enfatiza a importância de considerar o contexto de uso no qual o termo está inserido:

um termo é um elemento constitutivo de qualquer sistema conceitual relacionado a uma língua de especialidade. Um termo existe somente em seu próprio campo de aplicação, isto é, dentro do contexto de uma língua de

especialidade, na qual seu significado adquire certa particularidade e assume uma carga semântica própria.

Pavel e Nolet (2003), também argumentam que o contexto fornece informação sobre os traços semânticos de um conceito ou sobre o uso de um termo para, assim, analisá-lo em seu uso real.

Krieger e Finatto (2004, p. 17) enfatizam que o termo tem a função de representar e transmitir o conhecimento de forma especializada:

[...] os termos realizam duas funções essenciais: a de representação e de transmissão de conhecimento especializado. Ao circunscreverem conteúdos específicos, as terminologias auxiliam também a elidir ambiguidades e jogos polissêmicos, frequentes no uso do chamado léxico geral da língua, contribuindo para uma desejada precisão conceitual.

O termo está ligado a um sistema conceitual relacionado a determinadas áreas do conhecimento, portanto, não há conhecimento especializado sem uma terminologia.

Os fluxos de termos existentes que são produzidos indicam que não há evidências de limites rígidos que separam o léxico geral do especializado, demonstra que conjunto das terminologias constitui um subcomponente do léxico geral, formando assim uma língua independente, chamada de linguagem de especialidade (KRIEGER, 2004).

O ambiente natural dos termos são as chamadas línguas de especialidade, também conhecidas como tecnoletos, constituem-se em um subsistema de linguagem geral, sendo compostas por lexemas (parte de uma palavra que constitui uma unidade dotada de significado) especializados, utilizados para a comunidade específica.

Na Concepção de Cabré (1993, p. 103) as linguagens de especialidade são:

os instrumentos básicos de comunicação entre os especialistas. A terminologia é o elemento mais importante, que diferencia não só as linguagens de especialidade da linguagem comum, mas também as diferentes linguagens de especialidade entre si.

O uso das linguagens especializadas é feito com termos específicos em áreas do conhecimento, possuindo significado especial. As linguagens de especialidade, um dos campos de pesquisa da terminologia, “são caracterizadas pelo uso de termos específicos de uma área, garantindo-lhes diferentes níveis de especialidade” (ANDRADE, 2001, p. 193).

Boulanger (1995) nos leva a observar que possuir o conhecimento de uma língua de especialidade, não significa a compreensão detalhada de todos os conceitos e termos que a

compõe, mas ter o conhecimento dos termos e conceitos mais importantes. Logo seu entendimento não se dá de forma automática, com isso trata-se de uma questão que tem que ser trabalhada tanto por discentes, técnicos, docentes e especialistas para sua melhor compreensão.

Na visão de Cabré (1993, p. 152-153), as linguagens de especialidade apresentam as seguintes características:

- Textos científicos não são compreendidos pelos leigos;
- Categoria nominal é prevalecente;
- Estruturas morfológicas compostas por formantes cultos (gregos e latinos);
- Existência de unidades sintagmáticas;
- Presença de siglas, símbolos ou empréstimos especializados;
- Nominalizações baseadas em verbos;
- Frases muito curtas e pouca subordinação complexa;
- Presença de afixos coloquiais ou pouco cultos

Os textos redigidos com o emprego de uma linguagem especializada diferem dos demais e das linguagens comuns pelos aspectos relativos, principalmente, à terminologia, que lhes confere características peculiares. Cabré (1993) evidencia os aspectos pragmáticos da linguagem de especialidade ao considerar temática; usuários e situações comunicativas.

Krieger e Finatto (2004) chamam a atenção para o fato de que a linguagem de especialidade não é apenas uma simples lista de palavras ou rótulos. Nessa língua estão envolvidos fatores como a comunicação, práticas textuais, passa por interlocutores e a construção de conhecimentos sócio-históricos. Configura-se em um sistema de significação empregada pelos membros de uma comunidade técnica ou científica, visando comunicar pensamentos técnicos e/ou científicos de forma rápida e precisa. Tem por objetivo a construção de signos Monossêmicos, resulta de consensos existentes no campo científico ou tecnológico.

A linguagem de especialidade é, de acordo com Hoffmann (2004, p. 81), “o conjunto de todos os recursos linguísticos que são utilizados em um âmbito comunicativo, delimitado por uma especialidade, para garantir a compreensão entre as pessoas que nela trabalham”. Sendo assim a terminologia, cujo objetivo é a análise dos conceitos e suas representações, possui métodos de pesquisa aplicáveis a temática da Musicoterapia em língua portuguesa. Ao Conhecer situação da terminologia da área em questão, será possível contribuir tanto para as

áreas de música e Musicoterapia, como para a Ciência da Informação.

### 3.3 CONTRIBUIÇÃO DA TERMINOLOGIA NO DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

A terminologia é um campo do conhecimento interdisciplinar que lida com aplicação na análise das linguagens especializadas. Faz-se imprescindível quando se trata da elaboração de Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC) que necessitam de estudos terminológicos para indicarem suas características linguísticas específicas. A partir da identificação dessas características será possível conhecer a situação da terminologia na área em questão.

Na concepção dos Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC), é identificada a contribuição da Terminologia “[...] por meio de princípios norteadores na identificação de áreas científicas, na determinação de conceitos e termos, na consistência das relações lógico semânticas.” Deste modo os SOCs estão relacionados com o “[...] universo de significações livres da língua, enquanto a Terminologia se preocupa com as significações conceituais e relacionais provenientes do discurso, denominadas termos.” (BOCCATO, 2011, p. 16).

Barros (2004); Francelin e Kobashi (2011) reconhecem a importância da terminologia para os SOC usados pela Ciência da Informação. Dentre os fatores apontados pelos autores está a busca em compreender o significado dos termos, no contexto de um domínio específico e que se ocupa tanto dos modos de expressão dos conceitos quanto do seu conteúdo semântico. A área de organização da informação e do conhecimento tem mantido diálogos produtivos com a terminologia. A melhor escolha de uma das teorias da terminologia a ser aplicada para a construção de Sistemas de Organização do Conhecimento, como a Teoria Geral da Terminologia (TGT) e a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) já mencionadas no capítulo 3.1, dependem da relação com o trabalho e dos instrumentos escolhido, de acordo com o campo do conhecimento a ser pesquisado.

A representação da informação mediada pela formação dos termos de áreas específicas necessita de organização. Assim, a terminologia possui a função de “propor a representação de conceitos e sistema de conceitos em termos a partir da língua natural e comunicação especializada”. (MAIA; SOBRINHO; CONDURÚ, 2017). Portanto, os Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC) são “[...] um canal de comunicação social [...]”, com grande valoração, os “[...] conceitos representados por termos devem refletir a cultura do indivíduo, do ambiente em que ele está inserido e da área de conhecimento a que ele corresponde.”(BOCCATO, 2011, p. 16).

Segundo Barité (2010):

Na medida em que os conceitos especializados são representados através de termos (ou seja, palavras ou conjunto de palavras), a Terminologia atua como um referente em todo o processo de conceituação, representação, fixação, comunicação e intercâmbio de dados e informação especializada. A partir desta perspectiva, tanto a Organização do Conhecimento como a Terminologia participam dos processos de construção e gestão da memória social, entendida como o conjunto de crenças, conhecimentos, valores, concepções e fatos que integram a cultura, a tradição e a história de uma sociedade (BARITÉ, 2010, p. 21).

Nesse sentido os SOC podem ser entendidos como elementos construídos de forma artificial para representar o conteúdo dos documentos, onde transforma a linguagem natural em termos de indexação, deste modo estruturando o conteúdo de uma área do conhecimento. Visando o controle terminológico, as linguagens construídas para a indexação e a recuperação devem estar pautadas em um sistema conceitual, Cintra (2005) assim define o sistema conceitual:

O sistema conceitual está profundamente associado ao controle do vocabulário. Admite-se desta forma, a existência de mecanismos interpretativos próprios capazes de determinar significados fixos de unidades, a construção de linguagem monossêmica transformando unidade de significação em unidade de informação e uma linguagem especializada (CINTRA *et al.*, 2005, p. 69).

A Linguística fornece o aporte teórico que possibilita o desenvolvimento dos instrumentos de controle terminológicos e permite que se estabeleça uma conexão entre eles. Lara (2001) acredita que a terminologia funcione como a unidade básica de conhecimento a partir do termo e que possui em sua formação uma combinação de características para atribuição verbal de um conceito e no contexto de um campo de conhecimento específico. Compreende que cada conceito é determinado por sua posição em um conjunto estruturado de conceitos denominado de sistema conceitual. Deste modo, o conjunto de palavras (léxico) pode ser analisado por meio do seu conteúdo, o conceito, como também por sua expressão, o termo. O sistema conceitual permite condições de anular diversas palavras que designam um conceito ou vários conceitos que significam uma palavra e estabelecer correta sistematização e inter-relação entre os termos. Tálamo e Lenzi (2006) entendem que uma vez estabelecido o significado de um termo de modo único, torna-se mais precisa sua representação e recuperação.

Para Lara (2002) os trabalhos terminológicos constituem um importante instrumento para a construção dos Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC), pois permitem

conferir referência às unidades (descritores):

Se antes a biblioteconomia e a documentação trabalhavam empiricamente a partir de referências da classificação filosófica (ênfase apenas a segmentação, mas não sua expressão linguística) e, em seguida, para dar conta das formas significantes, a partir de palavras (através dos processos de extração baseados em frequência ou ocorrência) ou da seleção empírica de unidades significativas (sem a definição daquilo que poderia caracterizar uma unidade significativa), a partir da Terminologia ela passa a contar com instrumentos que trabalham com o termo, unidade que representa o conceito dentro de um domínio ou área de atividade. (LARA, 2002, p. 136)

O trabalho terminológico pode contribuir para a sistematização do processo de escolha dos termos e desta forma pode fornecer relevante colaboração para a Ciência da Informação como uma solução aplicada ao problema de delimitação do universo conceitual, onde não existem obras especializadas para realizar esta estruturação.

“A delimitação do domínio permite recompor a referência, para a interpretação de palavras que, na coleta, foram descontextualizadas de seus textos de origem”. (LARA, 2004, p. 239).

Currás (1995) ressalta a contribuição da terminologia na construção dos SOS:

A importância da terminologia manifesta-se no uso correto dos vocábulos, em sua formação apropriada e em sua conservação, protegendo-os da obsolescência. [...]. É com o auxílio da terminologia que os profissionais da informação terão o respaldo necessário para sistematizar os conhecimentos de uma dada área e construir linguagens documentárias alfabéticas de qualidade (CURRÁS, 1995, p. 21).

Desta forma, a terminologia faz-se crucial na elaboração dos Sistemas de Organização do Conhecimento, propiciando o acesso a definições de um termo e criando condições para estabelecer relações entre eles. “A terminologia é uma peça necessária ao trabalho de documentação e os documentos são imprescindíveis para o trabalho terminológico” (CABRÉ, 1999, p. 233). A relação entre Terminologia e a Ciência da Informação não é apenas uma integração de conceitos. O emprego da Terminologia à Documentação se dá pelo seu cunho normativo, pois o uso de termos padronizados atribui (confere) à representação dos conhecimentos transmitidos por um documento, sistematicidade e univocidade (CABRÉ, 1999).

Os Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC) são compostos de termos, conceitos e relações semânticas, nesse contexto existem dois tipos de relações que são necessárias ao efetivo controle terminológico nos SOC: O primeiro está nas relações entre

termos e o segundo nas relações entre conceitos.

Em síntese a terminologia aborda os termos e seus respectivos conceitos e sua representação e relacionam-se com diversas áreas especializadas, como os Sistemas de Organização do Conhecimento, estabelecendo métodos e princípios, que elaboram ferramentas de organização e recuperação da informação, como dicionários, tesouros, glossários e banco de dados terminológicos. (MAIA; SOBRINHO; CONDURÚ, 2017).

A Ciência da Informação (CI) necessita oferecer suporte na criação de representações (termos), organizando e facilitando a recuperação da informação para todas as áreas de conhecimento. A identificação de termos especializados significativos, o tratamento e a recuperação da informação e o desenvolvimento de SOC são tarefas que dependem da metodologia analítica desenvolvida no âmbito da terminologia.

A carência de padronização e o desconhecimento da linguagem da área da Musicoterapia podem afetar o desenvolvimento de documentos, dificultando o progresso da atividade. Os profissionais e estudantes podem enfrentar grandes dificuldades diante desta situação. Deve ser, portanto, de interesse da CI uma maior aproximação com a terminologia, com o objetivo de contribuir na solução de problemas específicos de determinadas áreas do conhecimento.

#### 4 MUSICOTERAPIA

A utilização da música pelo homem como agente para combater enfermidades vem de períodos longínquos, remontam aos papiros médicos egípcios, que datam aproximadamente de 3000 anos a.C. As primeiras referências à música chegaram até nós por meio de gravuras gravadas em pedra nas sociedades mais primitivas, a música era um comportamento comunitário, que mostra uma das características da música: como sempre, é uma manifestação da cultura coletiva. (CANDÉ, 2001; LEINIG, 2009)

Conceituar música é uma tarefa subjetiva, pois apesar de ser intuitivamente conhecida por qualquer pessoa, é difícil encontrar um conceito que abarque todos os significados dessa arte de combinar sons, portanto tem variado bastante ao decorrer do tempo. Em um conceito mais contemporâneo, entende-se que é possível fazer música tanto com sons quanto com ruídos. Dentro dessa nova conceituação, a ideia de música ficou muito mais ampla (LEINIG, 1977; WISNIK, 2002).

Para Moraes (2001, p. 7), música é antes de tudo, movimento e sentido ou consciência do espaço-tempo:

Ritmos; sons, silêncio e ruídos; estruturas que engendram formas vivas. Música é igualmente tensão e relaxamento, expectativa preenchida ou não, organização e liberdade de abolir uma ordem escolhida; controle e acaso. Música: alturas, intensidades, timbres e durações.

Smith (2015, p. 37), aborda a relações entre música e Musicoterapia, principalmente a música do século XX, pois “Por meio dela, há como trabalhar com maior riqueza o mundo inconsciente, que está atrás da máscara do indivíduo, à sua sombra, ao outro eu que faz parte da sua identidade”. Ao longo dos anos as ações da música se expandiram, atualmente se encontram em diversas utilidades não só como arte, mas também como a militar, educacional ou terapêutica (Musicoterapia). Em consonância com este pensamento Bruscia (2000, p. 109) esclarece que: “A música mobiliza todos os sentidos, e também produz estímulos motores, táteis e visuais, proporcionando-nos oportunidades de responder através destes canais sensoriais”. Dessa maneira, pode-se estimular os pacientes com diferentes estímulos sonoros.

A Musicoterapia como uma profissão é recente, surgiu durante a II Guerra Mundial, quando a música passou a ser utilizada cientificamente e com fins terapêuticos na reabilitação e recuperação dos soldados feridos. Chagas e Pedro (2008, p. 37) relatam que:

Músicos profissionais foram contratados com a finalidade de distrair os egressos de guerra, que sofriam problemas tanto de ordem física, quanto de ordem emocional. Os resultados positivos foram percebidos imediatamente.

A experiência musical provocou uma mudança no quadro clínico daquelas pessoas. A equipe de saúde logo percebeu que, para o sucesso desta atividade, não bastava que esse profissional fosse músico; era necessário que ele também fosse um terapeuta.

Em 1950 os Estados Unidos, juntamente com a Suíça, Alemanha, Inglaterra, Iugoslávia, França entre outros países, iniciaram os registros da profissão com a fundação da National Association of Music Therapy (CARVALHO, 1975).

No Brasil, os primeiros cursos de Musicoterapia foram na década de 1970, no Paraná e Rio de Janeiro. Chagas e Pedro (2008, p. 39) relatam que:

Em 1970, teve início o primeiro curso de Musicoterapia no Brasil. A Faculdade de Educação do Paraná – atual Faculdade de Artes do Paraná – criou a especialização em Musicoterapia para educadores musicais graduados. Em 1972, no Rio de Janeiro, abriu-se o primeiro curso de Graduação em Musicoterapia, reconhecido pelo MEC em 1978.

Em 1995 foi criada a União Brasileira de Musicoterapia (UBAM) com o objetivo de promover a Musicoterapia no país, congrega Associações de Musicoterapia de cinco regiões brasileiras e atualmente existem 13 associações estaduais. A UBAM também é responsável pela publicação da Revista Brasileira de Musicoterapia e organização do Simpósio Brasileiro de Musicoterapia. (UBAM, 2020). O Quadro 4 a seguir apresenta os cursos oferecidos no Brasil até o presente momento pesquisado.

**Quadro 4 - Instituições com Graduação e Pós-Graduação em Musicoterapia no Brasil.**

<b>Graduações em Musicoterapia no Brasil</b>	<b>Ano de abertura</b>
<b>Conservatório Brasileiro de Música – Centro Universitário Brasileiro de Educação (CBM-UNICBE)</b>	<b>1978</b>
<b>UNESPAR – Universidade Estadual do Paraná</b>	<b>1983</b>
<b>FMU – Faculdades Metropolitana Unidas</b>	<b>1999</b>
<b>UFG – Universidade Federal de Goiás</b>	<b>2003</b>
<b>Faculdades EST</b>	<b>2003</b>
<b>UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais</b>	<b>2009</b>
<b>UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro</b>	<b>2018</b>
<b>Pós-Graduação para Especializações em Musicoterapia no Brasil</b>	<b>Ano de abertura</b>
<b>Conservatório Brasileiro de Música</b>	<b>1993</b>
<b>FAC – Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias</b>	<b>2012</b>
<b>CENSUPEG – Faculdade de Ciências, Educação, Saúde, Pesquisa e Gestão</b>	<b>2015</b>
<b>Grupo UNIS</b>	<b>2017</b>
<b>Instituto Fênix de Ensino e Pesquisa</b>	<b>2018</b>
<b>Faculdade Alpha – Recife/PE</b>	<b>2019</b>

Fonte: Adaptado de UBAM (2020)

De acordo com o Quadro 4, essa especialidade está em crescimento no país. A partir de 1978 com o reconhecimento da primeira turma de Bacharelado em Musicoterapia, observamos o surgimento de outros 6 cursos até 2018 evidenciando uma demanda crescente pelo tema. No campo da pós-graduação constata-se a criação de seis programas de especialização em Musicoterapia no Brasil, fato que corrobora para a relevância do estudo dessa área.

A World Federation of Music Therapy (2011, on-line), define a Musicoterapia da seguinte forma:

Musicoterapia é a utilização profissional da música e seus elementos, para a intervenção em ambientes médicos, educacionais e cotidiano com indivíduos, grupos, famílias ou comunidades que procuram otimizar a sua qualidade de vida e melhorar suas condições físicas, sociais, comunicativas, emocionais, intelectuais, espirituais, de saúde e bem-estar. A investigação, a educação, a prática e o ensino clínico em Musicoterapia são baseados em padrões profissionais de acordo com contextos culturais, sociais e políticos.

Smith (2015, p. 12) relata que Musicoterapia é uma disciplina que nasce da relação entre o homem e seu meio, ou seja, a práxis, onde a partir desse contato, ambos podem se transformar: “Os objetivos prioritários a serem alcançados no processo da práxis musicoterapêutica, como a prevenção, estariam fundamentados no uso da música para estimular as funções vitais e os órgãos do sentido, trabalhar a memória e a atenção e proporcionar a sociabilização” Uma das características fundamentais da musicoterapia é a de “abrir canais de comunicação”, estabelecer ou restaurar a comunicação, conciliando uma relação de equilíbrio.

Benenson (2002) analisa a Musicoterapia como “uma psicoterapia que utiliza o som, a música, e seus elementos, para melhorar a qualidade de vida, recuperar, ou, reabilitar o paciente para a sociedade”. Para Bruscia (1987) o processo terapêutico ocorre por meio de experiências musicais e das relações que se desenvolvem por meio destas. Utiliza elementos musicais tais como melodia, som, ritmo e harmonia, objetiva promover mudanças físicas, psicológicas, sociais e cognitivas de forma positivas em indivíduos ou grupos com problemas de saúde ou comportamentais. Diante disso a Musicoterapia pode auxiliar inúmeros processos de desenvolvimento e contribuir de maneira relevante em diversas situações clínicas.

Benenzon (1988, p. 32) aponta dois diferentes pontos de vista em relação à Musicoterapia:

do ponto de vista científico, musicoterapia é um ramo da ciência que lida com o estudo e a investigação do complexo som-homem, onde o som pode ser musical ou não, bem como dos métodos terapêuticos e dos elementos diagnósticos que lhe são inerentes. Do ponto de vista terapêutico, a musicoterapia é uma disciplina paramédica que utiliza o som, a música e o movimento para produzir efeitos regressivos e para abrir canais de comunicação que nos permitirão iniciar um processo de treinamento e recuperação do paciente para a sociedade.

Para Volpi (2006) o profissional da área de Musicoterapia necessita entender a música como sua principal ferramenta de trabalho e o desenvolvimento do ser humano em diversos aspectos, se propõe a ajudar em problemas existenciais, físicos, espirituais, emocionais (sociais) e espirituais, com suas dores, dificuldades e a necessidade de autoconhecimento do indivíduo. O musicoterapeuta por muitas vezes trabalha em conjuntos com outros profissionais de várias áreas de saúde e da área de pedagogia, essa interação entre os profissionais que atendem a um único paciente pode se dar de várias formas. “o papel do musicoterapeuta vai além de prescrever e ministrar música mais apropriada e envolve desenvolver a experiência do cliente com aquela música” (BRUSCIA, 2000, p. 113).

A Musicoterapia é considerada transdisciplinar (abordagem mais aberta que procura dar uma resposta ao método tradicional de divisão de disciplinas, visa à validação dos conhecimentos tidos como “não científicos”) não se qualifica como uma disciplina que atua isoladamente, ainda que não ocorram limites entre as disciplinas, ela mantém igual importância e a partir da transdisciplinaridade permitem a ruptura da separação dos saberes, deste modo possibilita a liberdade de transitar entre as disciplinas englobando toda a multiplicidade sem perder sua integridade (BRUSCIA, 2000; MELIANTE; VOLPI, 2008).

Os resultados obtidos pela aplicação da Musicoterapia em relação à qualidade de vida, conforme Brabo (1996, p. 27), são “aumento da resistência física, das defesas imunológicas, bem-estar físico e mental, vitalidade sexual, memória, capacidade de concentração, criatividade, confiança, otimismo, poder de decisão”. Diante o caráter híbrido da aplicabilidade da Musicoterapia, observa-se uma diversidade na sua atuação e em seus benefícios.

Em alguns países, a Musicoterapia é reconhecida oficialmente como profissão e ciência, em outros, como no caso do Brasil ainda não encontrou o reconhecimento e validação como profissão. Perante isso, convém refletir sobre a situação e o futuro desta profissão:

Cabe refletir neste tocante que o fato de alguma ocupação ser considerada profissão está mais ligado ao reconhecimento público do que à sua constatação pelo regulamento estatal. No caso da Musicoterapia, por exemplo, não há dúvidas de que consisti em uma profissão, mesmo seu exercício não sendo normatizado juridicamente. (FREIRE, 2007, p.31.)

Freire (2007) mesmo destacando a legitimidade da profissão no âmbito social e terapêutico não deixa de evidenciar a importância de a Musicoterapia ter seu reconhecimento formal como profissão aprovado no âmbito governamental.

A União Brasileira das Associações de Musicoterapia (UBAM) vem tentando essa regulamentação no Congresso Nacional, e procura mediante a algumas ações e conquistas padronizar e profissionalizar a atividade, como o decreto que institui o dia do musicoterapeuta; o Código de ética da profissão e um avanço mais recente foi a inclusão da Musicoterapia na Classificação Brasileira de Ocupações – CBO sob o número 2263- 05, faz parte de procedimentos do Sistema Único de Saúde (SUS) dentro das Práticas Integrativas Complementares (UBAM, 2020).

Com o intuito de interesse acadêmico buscou-se a inserção da Musicoterapia nas áreas de conhecimento descritas pelo CNPq. De acordo com a tabela de área do CNPq<sup>1</sup> as áreas do conhecimento estão divididas da seguinte maneira no Quadro 5:

**Quadro 5 - Tabela de Áreas do Conhecimento**

1.	Ciências Exatas e da Terra
2.	Ciências Biológicas;
3.	Engenharias;
4.	Ciências da Saúde;
5.	Ciências Agrárias;
6.	Ciências Sociais Aplicadas;
7.	Ciências Humanas;
8.	Linguística, Letras e Artes;
9.	Outros.

**Fonte:** CNPq (2020)<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Disponível em: <<http://www.cnpq.br/areasconhecimento/1.htm>>. Acesso em: 1 jun. 2020.

Ao analisar a tabela de áreas e as características da Musicoterapia buscou-se encontrá-la de acordo com as possíveis relações dela com as diversas áreas.

Partindo do pressuposto de que Musicoterapia é a utilização da música com aplicações terapêuticas, encontra-se música na classe 8, que corresponde a “Linguística, Letras e Artes”. Outras duas áreas que possivelmente estariam relacionadas seriam: a primeira na classe 4, “Fisioterapia e Terapia Ocupacional” que corresponde a Ciências da Saúde, a segunda na classe 7, “Intervenção Terapêutica”, que corresponde a Ciências Humanas.

Em uma definição precisa tais assuntos aparecem com essas classificações: Música – 8.03.03.00-5; Fisioterapia e Terapia Ocupacional – 4.08.00.00-8 e por fim Intervenção Terapêutica - 7.07.10.01-5. Mesmo analisando três áreas correlatas na tabela de área do CNPq não foi localizada a Musicoterapia.

O escopo do presente trabalho direciona-se ao campo terminológico da Musicoterapia, que não é contemplado de forma significativa no cenário atual nas pesquisas em língua portuguesa, deste modo, pode ocorrer a perda de visibilidade da área na prática científica.

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 5.1 ETAPA CONCEITUAL

Nesta seção, são apresentados o tipo e a abordagem da pesquisa, bem como seus procedimentos metodológicos adotados para a execução do trabalho mediante aos objetivos propostos e ações listadas no Quadro 6:

**Quadro 6 - Ações que foram desenvolvidas nesta pesquisa**

O Objetivo Geral desta pesquisa é desenvolver um estudo terminológico com o intuito de estabelecer uma proposta para a elaboração de um glossário de termos técnicos da musicoterapia.	
Objetivos específicos	Ações desenvolvidas
Pesquisar métodos e técnicas para a construção de instrumentos de controle terminológicos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estudos sobre terminologia e termonografia norteada pelos conceitos apresentados no referencial teórico;</li> <li>• Aplicação das etapas da pesquisa terminologia estabelecidas por Rondeau (1984);</li> <li>• Construção de Ficha terminologica baseadas em Felber (1987);</li> <li>• Investigação da estrutura de glossários.</li> </ul>
Analisar a Musicoterapia por meio de sua terminologia e seus conceitos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Examinar e identificar os contextos de ocorrência contidos no corpus do periódico selecionado;</li> <li>• Seleção das unidades terminológicas que acompanham o contexto de ocorrência;</li> <li>• Coleta e classificação de termos.</li> </ul>
Identificar termos técnicos da Musicoterapia	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Validação dos termos por especialistas na temática;</li> <li>• Apresentar uma definição para os termos técnicos coletados</li> </ul>

**Fonte:** O autor.

A pesquisa será caracterizada como descritiva e exploratória, descritiva em razão da identificação de terminologias e da conceituação dos termos de uma área de especialidade. Para Gil (2011), em geral a pesquisa descritiva ocorre quando o pesquisador almeja descrever fatos e fenômenos de uma determinada realidade e/ou características de uma amostra ou

população. De acordo com Cervo e Bervian (1996) o método descritivo, observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos sem manipulá-los e pode ser explicado em qualquer área do conhecimento. O caráter descritivo narra os fatos e acontecimentos sem manipulação pessoal, é fundamental na obtenção dos dados e disseminação dos resultados. O objetivo da pesquisa descritiva, para Michel (2005, p. 36), é “analisar, com a maior precisão possível, fatos ou fenômenos em sua natureza e características, procurando observar, registrar e analisar suas relações, conexões e interferências”. A pesquisa descritiva possibilita que o pesquisador obtenha uma imagem presente que sirva de base para uma tomada de decisão a respeito de uma situação específica.

A opção por uma pesquisa exploratória é devido a temas que por ainda serem novos, não possuem fontes de referência suficientes e não apresentam hipóteses consistentes para dar o ponto inicial de uma pesquisa, Gil (2007, p. 41) assim a define “estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.” Cervo, Bervian e Silva (2007) indicam a investigação exploratória quando se há pouco conhecimento sobre o tema a ser estudado. O pesquisador busca ter um maior esclarecimento sobre o assunto. Deste modo se evidencia a necessidade da pesquisa exploratória, pois, o tema escolhido para a pesquisa é pouco difundido, sendo necessário um melhor esclarecimento e delimitação.

A pesquisa terá a abordagem bibliográfica e qualitativa. Para a melhor compreensão do tema proposto, foi utilizado o delineamento bibliográfico, com o intuito de levantar e analisar na literatura o que se foi produzido e/ou relacionado sobre o tema. Ruiz (1996, p.58), assim define: “[...] pesquisa bibliográfica consiste no exame desse manancial, para levantar e analisar do que já se produziu sobre determinado assunto que assumimos como tema de pesquisa científica”.

Alves e Aquino (2012) apontam a pesquisa qualitativa como uma práxis que pretende buscar à compreensão, à interpretação e à explicação de um conjunto de acontecimentos. Stake (2011, p. 25) afirma que o estudo qualitativo “fixa-se nos significados das relações humanas a partir de diferentes pontos de vista”.

Para Gomes (1987, p.6) “o método qualitativo organiza-se na sequência das três reflexões fenomenológicas (descrição, redução e interpretação)”, a compreensão e interpretação da realidade são características marcantes da abordagem qualitativa. Portanto, a abordagem qualitativa e bibliográfica alinhadas ao estudo exploratório e descritivo se adéqua na descrição e desenvolvimento do trabalho.

Na visão de Rondeau (1984, tradução nossa), A pesquisa terminológica pode ser

conceituada como um conjunto de procedimentos que compreende a coleta, tratamento e difusão de dados terminológicos. São fundamentais para subsidiar a construção de instrumentos de controle terminológico por levantar o vocabulário terminológico de uma especialidade.

Para Cervantes (2006, p. 57), “a pesquisa terminológica pode ser pontual monolíngue/plurilíngue ou temática monolíngue/plurilíngue”, cada uma tem metodologia própria que deve ser considerada na realização do trabalho terminológico. Aubert (2001, p. 47): assim as define:

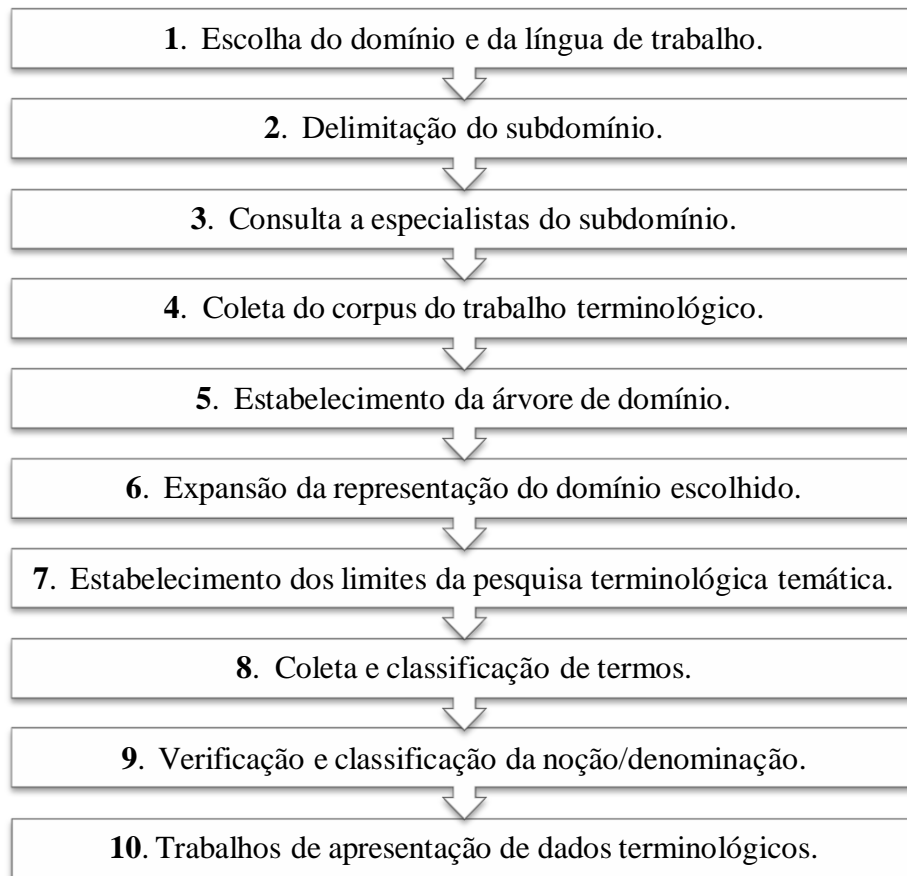
A pesquisa terminológica pontual é aquela que visa a solução de problemas isolados de designação, enquanto a pesquisa terminológica temática se propõe efetuar o levantamento do vocabulário terminológico de uma determinada atividade, especialidade, técnica.

A presente pesquisa se classifica como terminológica temática e se propõe a realizar o levantamento do vocabulário pertinente da área de Musicoterapia para uma proposta metodológica de geração de um instrumento terminológico que visa a construção de um glossário de termos técnicos da área. O caráter a ser aplicado é o descritivo, pois tem a atribuição de compilar um conjunto de termos relativos a um campo de especialidade e disponibilizá-los aos usuários (FELBER, 1987).

Rondeau (1984) demonstra a relevância do uso de procedimentos terminológicos e terminográficos na estruturação dos conceitos para representação dos termos com uma abordagem mista.

O desenvolvimento da presente pesquisa terminológica temática, tomou como base para a realização do trabalho as recomendações e o modelo estabelecido na Figura 2 por Rondeau (1984 apud Cervantes, 2006, p.57-63).

**Figura 2** - Etapas da pesquisa terminológica - modelo estabelecido por Rondeau



**Fonte:** Adaptado de Rondeau (1984 apud Cervantes, 2006, p.57-63)

Estes procedimentos foram escolhidos por representarem uma contribuição eficiente para a coleta, seleção e apresentação dos termos. Esclarecemos que para a realização desta pesquisa, a etapa 2- *Delimitação do subdomínio*, 5- *Estabelecimento da árvore de domínio* e 6 - *Expansão da representação do domínio escolhido*, foram suprimidas e o trabalho não desenvolverá um subdomínio, devido ao domínio estudado não possuir vocabulários formalizados em língua portuguesa, como também um volume ainda baixo de material publicado. Não houve a necessidade de complementação com novas etapas.

Esta pesquisa será conduzida através das etapas acima e das ações listadas no Quadro 6, desenvolvida de acordo com os objetivos da pesquisa (gerais e específicos) bem como o referencial teórico abordado.

## 5.2 ETAPA APLICADA

Esta seção visa a aplicação das etapas da pesquisa terminológica contidas no modelo estabelecido por Rondeau (1984).

### 5.2.1 Escolha do Domínio e da Língua do Trabalho.

A escolha do domínio para a realização deste trabalho foi à área da Musicoterapia. Dessa forma, foram realizadas pesquisas para atender aos interesses terminológicos de discentes, docentes, especialistas e partes interessadas que atuam no campo da Musicoterapia. A língua portuguesa foi escolhida para a realização da pesquisa terminológica temática.

### 5.2.2 Consulta a Especialistas do Subdomínio

Para realização da presente pesquisa foram empreendidas consultas com especialistas e pesquisadores no campo da Musicoterapia, onde a União Brasileira das Associações de Musicoterapia (UBAM) forneceu informações e ajudou a intermediar contato com musicoterapeutas. Essas informações são essenciais para o desenvolvimento do trabalho terminológico.

### 5.2.3 Coleta do Corpus do Trabalho Terminológico

Rondeau (1984, p. 50-51), demonstra nove categorias de documentos de conteúdo terminológico, nos quais podem se encontrar termos, como apresentado no Quadro 7.

**Quadro 7** - Categorias de documentos de conteúdo terminológico

CATEGORIAS DE DOCUMENTOS DE CONTEÚDO TERMINOLÓGICO
1. Normas internacionais ou nacionais;
2. Manuais, catálogos, guias de utilização de produtos, ente outros;
3. Livros e revistas especializados; anais de eventos científicos, relatórios de pesquisa, teses, entre outros;
4. Vocabulários, thesaurus, glossários, léxicos;

5. Dicionários gerais e especializados, de língua ou enciclopédicos, enciclopédias, entre outros;
7. Bancos de termos, fichários automatizados ou não;
8. Consulta a especialistas da área;
9. Bibliografias ou listas relacionadas com o domínio.

**Fonte:** Rondeau (1984, p. 50-51)

Cabré (1993) indica determinadas condições que considera relevantes nas fontes de pesquisa nos documentos de conteúdo terminológico: representatividade, confiabilidade e atualidade.

Os termos coletados compõem o *corpus* que representa o domínio da Musicoterapia. Após a busca na literatura da área e consulta aos especialistas envolvidos, foi selecionado para identificação dos termos o periódico especializado da área intitulado: “Revista Brasileira de Musicoterapia” esta é uma publicação vinculada a UBAM – União Brasileira das Associações de Musicoterapia, destinada à publicação científica de trabalhos originais relacionados à Musicoterapia. A escolha se justifica por ser o periódico com maior número de publicações na área no Brasil. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEP-UEL) da Universidade Estadual de Londrina (UEL), com a identificação CAAE: 31908720.5.0000.5231 e obtendo o parecer de aprovação: 4.114.927.

#### 5.2.4 Estabelecimento dos Limites da Pesquisa Terminológica Temática

Diante das condições estabelecidas e relatadas nas etapas de anteriores, *Escolha do domínio e da língua do trabalho. Consulta a especialistas do subdomínio e Coleta do corpus do trabalho terminológico* decidiu-se por um levantamento básico dos termos. Foi analisada toda a coleção da “Revista Brasileira de Musicoterapia” entre os anos de 1996 a 2018 em língua portuguesa disponíveis no site da UBAM, portanto os artigos que constam nas publicações e estão em outro idioma não fizeram parte do escopo da pesquisa. Deste modo foram analisados 163 artigos para coleta dos candidatos a termos. Para um termo ser confirmado, os candidatos precisam ser validados por um especialista.

### 5.2.5 Coleta e Classificação dos Termos

A coleta de termos foi realizada com base no conjunto de documentos estabelecidos na etapa de *coleta do corpus do trabalho terminológico* (item 5.2.3).

Essa etapa o pesquisador verifica se o termo pertence à área do domínio, necessita algum conhecimento metodológico do trabalho terminológico e conhecimento básico sobre o domínio. No entanto, é importante recorrer a um especialista da área estudada, pois apenas esse profissional poderá auxiliar na delimitação e no reconhecimento como um termo empregado na área. A *Coleta e Classificação de Termos* compreende a realização da análise da literatura selecionada e a indicação das unidades terminológicas a extrair que acompanham o contexto de ocorrência (CERVANTES, 2006).

Aubert (1996, p.64) sugere alguns sinais e estratégias que podem auxiliar nesse processo e que foram utilizados na pesquisa: 1) recursos gráficos e de leiaute que são as aspas, negritos, itálicos, entre outros, ou a ocorrência de termos em posição de destaque no texto; 2) frequência estatística diz respeito à recorrência do termo na mesma configuração. 3) estratégias discursivas: quando o próprio texto esclarece, conceituando, explicando e deixando claro que é uma unidade terminológica.

Rondeau (1984, p.81), aponta a existência de três tipos contexto de ocorrência de em uma pesquisa terminológica:

**Contexto definatório:** fornece dados precisos sobre o conceito do termo estudado; **Contexto explicativo:** revela a natureza, o objetivo ou um aspecto do conceito estudado; **Contexto associativo:** caracteriza-se pela ausência de descritores significativos do contexto, retomando o termo estudado do campo de aplicação por associação com os termos que interage.

A ficha terminológica é uma ferramenta de trabalho através, da qual ocorre a sistematização e uniformização dos procedimentos de análise e registro de dados. Com esse fundamento, preferiu-se uma coleta de termos acompanhados de seu contexto de ocorrência definatório e explicativo, pois demonstram serem os que mais trazem informações sobre o significado do termo. Para Cervantes (2006, p.81) “vale ressaltar que essa opção pode ser recomendável, principalmente, para as áreas que passam por mudanças e que carecem denominação”. Rondeau (1984) destaca os principais campos de uma ficha terminológica: a) termo-entrada; b) contexto ou definição; c) fontes; d) domínio/subdomínio; e) informações adicionais. Existem diversos modelos de fichas terminológicas, onde cada pesquisador pode estabelecer sua própria ficha conforme suas necessidades.

Para isso existem dois tipos de ficha: ficha de detecção - em que aparece o termo e o

lugar onde foi identificado; ou ficha de citação - em que aparece o termo e seu contexto de uso. Foi adotado para esse trabalho de registro dos termos a ficha de citação, com base em Felber (1987 apud Cervantes, 2006, p.81). Para composição da ficha de citação para o registro dos termos foram considerados os seguintes campos a serem preenchidos: *Categoria* – categorização do domínio; *Termo-entrada* – termo extraído do texto e orienta a abertura de cada ficha; *Contexto de ocorrência* – trecho selecionado com base no contexto que ocorre na fonte e *Sigla/Fonte*- referência de onde se localiza o termo. No rodapé de cada ficha constam os seguintes campos: *Pesquisador* responsável; por último, a *Fonte completa* com referência. Abaixo o modelo apresentado no Quadro 8:

**Quadro 8 - Modelo de Ficha de Citação**

<b>Ficha 1 – Modelo de ficha de citação</b>		
CATEGORIA: Musicoterapia		
<b>Termo-entrada</b>	<b>Contexto de ocorrência</b>	<b>Sigla/ Fonte</b>
Pesquisador: Fonte completa:		

**Fonte:** Felber (1987 apud Cervantes, 2006, p.81)

Optou-se por uma extração manual dos termos, com o intuito de proporcionar uma análise minuciosa dos textos. Sendo observadas as recomendações de Cervantes (2006) - sobre a área do domínio e ajuda do especialista e de Aubert (1996, p.64) – com relação as estratégias para localização e extração dos termos, ambos mencionadas anteriormente nessa seção. Todas as etapas da pesquisa terminológicas, do reconhecimento dos termos à entrega do produto final, podem ser realizadas manualmente. (PAVEL; NOLET, 2002).

### 5.2.6 Verificação e Classificação de Noção/denominação

Nesta etapa, que pode ser considerada como um aprimoramento da fase anterior, pois verifica possíveis falhas ocorridas, como erros ortográficos, de tradução, de digitação, entre outras. O pesquisador não encontrou publicação em língua portuguesa de instrumentos terminológicos no domínio estudado, desta forma para essa etapa de conferência serão utilizadas as seguintes obras: Dicionário de termos e expressões da Música (2008), Dicionário de Psicologia (2001) e o Novo Dicionário Eletrônico Aurélio, em sua edição de 2011.

#### 5.2.6.1 Confirmação dos termos coletados

Para essa etapa foi realizada a confirmação dos candidatos a termos coletados em seus contextos de ocorrência, com uma comissão formada por três membros musicoterapeutas, levando-se em conta critérios de pertinência e de atualização. Nesse sentido, fez-se necessária a elaboração da *Ficha 2 – Modelo de Ficha para Confirmação dos Termos* (Quadro 9) para compilar os termos e enviar para os avaliadores. Desse modo, todo o conteúdo coletado na *Ficha 1 - Ficha de Citação* (Quadro 8) foi transportado para a Ficha 2, para a realização do processo de confirmação dos candidatos a termos. A Ficha 2 foi composta pelos seguintes campos: *Termo-entrada*; *Contexto de ocorrência*; *Definição*- onde é atribuída uma definição por parte do pesquisador baseado no contexto de ocorrência; *Sigla/Fonte*; *P = Preferido* – o termo considerado pertinente e bastante recorrente no domínio; *NP = Não-Preferido* – o termo considerado pertinente, porém pouco utilizado ou defasado e *R = Recusado* – o termo não seria considerado pertinente ao domínio ou o contexto contém informações imprecisas. No rodapé da Ficha 2 constam ainda os seguintes campos para serem preenchidos: Nome do Consultor; Empresa ou Instituição em que trabalha; Cargo e/ou função que exerce; Experiência profissional na área; e Titulação acadêmica.

Solicitou-se que os membros participantes da pesquisa assinalassem com X um dos campos: *P = Preferido*, *NP = Não-Preferido* e *R = Recusado*. Os termos foram computados na classificação equivalente quando ao menos dois dentre os três membros assinalaram a mesma opção. Quando o mesmo termo tenha sido assinalado nas três opções, por diferentes avaliadores, ele será considerado válido e apto para inclusão na proposta do glossário, pois *P* e *NP* são classificados como pertinentes. O termo somente será recusado quando ao menos dois dentre os três membros assinalarem a opção *R*. Foi também orientado que se caso houvesse dúvidas no preenchimento do questionário ou mesmo alguma observação haveria

um canal de comunicação aberto com o pesquisador.

Os critérios para construção da Ficha 2 foram baseados no modelo e recomendações mencionados, anteriormente, nos procedimentos metodológicos descritos no item 5.2.5.

**Quadro 9 - Modelo de Ficha para Confirmação dos Termos**

<b>Ficha 2 - Modelo de Ficha para confirmação de termos</b>						
<b>CATEGORIA:</b>						
<b>P = Preferido</b> – o termo considerado pertinente e bastante recorrente no domínio.						
<b>NP = Não-Preferido</b> – o termo considerado pertinente, porém pouco utilizado ou defasado.						
<b>R = Recusado</b> – o termo não seria considerado pertinente ao domínio ou o contexto contém informações imprecisas.						
<b>Termo-entrada</b>	<b>Contexto de ocorrência</b>	<b>Sigla/Fonte</b>	<b>Definição</b>	<b>P</b>	<b>NP</b>	<b>R</b>
Nome do consultor:						
Empresa ou						
Instituição:						
Cargo/função:						
Experiência profissional:						

**Fonte:** Adaptado de Felber (1987 apud Cervantes, 2006, p.81)

### 5.2.7 Trabalho de Apresentação de Dados Terminológicos

Esta seção destina-se à apresentação dos dados terminológicos referentes ao domínio Musicoterapia. Em conformidade com o desenvolvimento das etapas para a realização da pesquisa terminológica temática, averigou-se que os procedimentos metodológicos recomendados no Capítulo 5 foram cumpridos. Dessa forma, foi realizada a estruturação do conjunto dos termos, referentes ao domínio da Musicoterapia, dispostos em ordem alfabética. Os termos encontram-se na Ficha Terminológica (Quadro 10) acompanhados de seu *contexto de ocorrência*, da *sigla/fonte do documento*, *definição* atribuída pelo pesquisador e também dos modelos para confirmação de *Preferido*, *Não Preferido* e *Recusado*. As validações foram compiladas e indicadas na opção a qual foi classificada, sendo apenas indicado nos três

campos com a marcação de X quando recebeu uma indicação para cada opção de confirmação, conforme a *Confirmação dos termos coletados* (item 5.2.6.1).

**Quadro 10 - Ficha Terminológica de apresentação dos resultados compilados**

CATEGORIA: MUSICOTERAPIA						
<p><b>P = Preferido</b> – o termo considerado pertinente e bastante recorrente no domínio.</p> <p><b>NP = Não-Preferido</b> – o termo considerado pertinente, porém pouco utilizado ou defasado.</p> <p><b>R = Recusado</b> – o termo não seria considerado pertinente ao domínio ou o contexto contém informações imprecisas.</p>						
Termo-entrada	Contexto de ocorrência	Sigla/Fonte	Definição	P	NP	R
Anamnese	< Anamnese > Através dela podemos recuperar aspectos, as vezes, esquecidos pelo próprio cliente que só pelas nossas perguntas, os reencontra na memória. Aos poucos vão se revelando fatos, sentimentos, detalhes que possibilitam uma compreensão mais profunda daquela pessoa que começamos a atender.	RBM, n.2, Art. 6, p. 43,1996	Procedimento que procura recuperar aspectos esquecidos pelo cliente, por meio de perguntas o cliente os reencontra na memória. Aos poucos fatos, sentimentos e detalhes vão se revelando e possibilitando uma compreensão mais profunda do paciente.	x		
Approach brandalise	< Approach brandalise > busca a aquisição e níveis cada vez mais aprofundados de comunicação, e consequentemente, níveis mais aprofundados de relação, segurança e confiança implicando em um curso de tratamento que visa facilitar atualizações do self dos indivíduos submetidos ao tratamento. [...] o approach proposto, como sendo uma forma estruturada que visa auxiliar o relacionamento (ser humano-canção) em um nível aprofundado de comunicação [...] entre terapeuta e	RBM, n.4, Art. 5, p.42 e 49, 1998	Abordagem que visa auxiliar o relacionamento entre o indivíduo e a canção. Busca a aquisição de níveis aprofundados de comunicação, segurança e confiança entre terapeuta e paciente facilitando a interação dos indivíduos submetidos ao tratamento com suas questões subjetivas.		x	

	paciente permitindo ao paciente uma mais aprofundada interação com suas questões subjetivas.					
Assessment	< assessment> está relacionado a observações mais profundas sobre a história do paciente com o propósito de se investigar possíveis objetivos a serem trabalhados no processo musicoterapêutico e que serão incluídos no plano de tratamento do referido caso. [...] nesta categoria de avaliação o musicoterapeuta está interessado na análise de três aspectos: relação global da pessoa com a música, história clínica, história de vida do paciente e características musicais da pessoa (o que consegue e o que não consegue fazer musicalmente)	RBM, n. 21, Art 3, p. 52, 2016	Avaliação geral do paciente. Focada na relação da pessoa com a música, história clínica, história de vida e características musicais. Têm o propósito de investigar possíveis objetivos a serem trabalhados no processo musicoterapêutico e incluí-los no plano de tratamento do caso.	x		
Atendimento interdisciplinar	< Atendimento interdisciplinar > mas comum em instituições, pois os vários profissionais que atendem a um mesmo paciente trabalham num único local, há uma interação entre eles, e são colocados em discussão os vários aspectos do tratamento e, na medida do possível, estabelecer objetivos em comum.	RBM, n.5, Art. 3, p.37, 2001	Atendimento que envolve vários profissionais que atendem a um mesmo paciente e trabalham em um único local. Os profissionais interagem entre si e são colocados em discussão os vários aspectos do tratamento que possibilita estabelecer objetivos em comum.	x		
Atendimento multidisciplinar	< Atendimento multidisciplinar > o paciente é atendido por diferentes profissionais, sem que eles interajam entre si, ou saibam o que o profissional de cada área específica está realizando em seu tratamento.	RBM, n.5, Art. 3, p.37, 2001	Atendimento em que o paciente é atendido por diferentes profissionais, sem que eles interajam entre si, ou saibam o que o profissional de cada área específica está realizando em seu tratamento.	x		

Audição musical	< audição musical> o cliente escutará, mediante a uma seleção prévia por parte do Musicoterapeuta, música ao vivo ou gravada a fim de que sejam mobilizados determinados conteúdos para serem trabalhados posteriormente.	RBM, n. 8, Art. 5, p.93, 2006	Procedimento em que o cliente escutará música ao vivo ou gravada selecionada previamente pelo Musicoterapeuta, a fim de que sejam mobilizados determinados conteúdos para serem trabalhados posteriormente.	x		
AudioMusicoTens	< AudioMusicoTens> Esta técnica desenvolvida pelo musicoterapeuta Prof. Ms. Raul Brabo consiste na audição de músicas selecionadas de acordo com o estudo prévio das relações do cliente com a música e estímulos sonoros diversos e, simultaneamente, a aplicação de eletroestimulação nervosa transcutânea com o intuito de promover no indivíduo uma “resposta induzida por frequência” ao relaxamento.	RBM, n. 12, Art 6, p.73, 2012	Técnica que consiste na audição de músicas selecionadas de acordo com o estudo prévio das relações do cliente com a música e estímulos sonoros diversos. Simultaneamente, ocorre a aplicação de eletroestimulação nervosa transcutânea com o intuito de promover no indivíduo uma “resposta induzida por frequência” ao relaxamento.	x	x	x
Auto expressão musical	< auto expressão musical> pois permite a cada indivíduo exteriorizar o seu interior. Esta exteriorização é significativa, pois possibilita manifestar o que está latente, trazendo à consciência o que estava inconsciente e, finalmente, transformando as imagens internas em realidades externas.	RBM, n. 23, Art 3, p. 53, 2017	Expressão que permite a cada indivíduo exteriorizar o seu interior. Esta exteriorização é significativa, pois possibilita manifestar o que está latente, trazendo à consciência o que estava inconsciente e, finalmente, transformando as imagens internas em realidades externas.	x		
Autonomia	< autonomia> Se refere às relações de papéis que o paciente estabelece ao improvisar com um parceiro ou em grupo. O perfil Autonomia foca nas relações intermusicais ou interpessoais.	RBM, n. 20, Art 5, p. 102, 2016	Capacidade do paciente se relacionar com um parceiro ou em grupo com ações de improviso. O perfil Autonomia foca nas relações intermusicais ou interpessoais.	x		

Autorregulação	< autorregulação> aperfeiçoa o uso de estratégias situacionais adequadas para modular a intensidade ou a duração das respostas emocionais.	RBM, n. 23, Art 5, p. 100, 2017	Capacidade de aperfeiçoar o uso de estratégias situacionais adequadas para modular a intensidade ou a duração das respostas emocionais.		x	
Avaliação em musicoterapia	< Avaliação em musicoterapia> é a parte do processo terapêutico na qual o terapeuta deve observar o paciente em experiências musicais para identificar problemas clínicos, emocionais, expectativas, anseios, entre outras questões.	RBM, n. 24, Art 6, p. 117, 2018	Avaliação na qual o terapeuta deve observar o paciente em experiências musicais para identificar problemas clínicos, emocionais, expectativas, anseios, entre outras questões.	x		
Biofeedback Musical	< Biofeedback Musical> trata-se da utilização da música para fornecer feedback contínuo de funções corporais autônomas (como pressão sanguínea, frequência cardíaca, níveis hormonais etc.) durante a utilização da tecnologia do biofeedback para o cliente prover maior conscientização e controle sobre o corpo.	RBM, n. 12, Art 6, p.73, 2012	Utilização da música para fornecer feedback contínuo de funções corporais autônomas (como pressão sanguínea, frequência cardíaca, níveis hormonais etc.) durante a utilização da tecnologia do biofeedback para o cliente prover maior conscientização e controle sobre o corpo.			x
Canais de comunicação	< Canais de comunicação> Os canais de comunicação acionados pela música, pelo som e pelos gestos são diversos e podem ser direcionados para que os profissionais de cada uma das áreas que fazem parte da equipe possam estar utilizando para objetivos específicos.	RBM, n.5,Art. 3, p.42, 2001	Meios de comunicação que são acionados através da música, som e gestos e podem ser direcionados para que os profissionais de cada uma das áreas, que fazem parte da equipe, possam estar utilizando para objetivos específicos.	x		
Canção de boas-vindas	< canção de boas-vindas> É um dos elementos com o qual se trabalha dentro da atenção musicoterapêutica ou obstetrícia, é uma	RBM, n. 23, Art 3, p. 57, 2017	Canção que é trabalhada dentro da atenção musicoterapêutica ou obstetrícia. Ferramenta muito importante para ajudar a favorecer o processo de vínculo que se constrói entre mãe/ bebê desde a etapa pré-natal.	x		

	ferramenta muito importante para ajudar a favorecer o processo vincular que se constrói entre mãe/ bebê desde a etapa pré-natal.					
Canção-âncora	<canção-âncora> é primariamente uma canção trazida pelo Musicoterapeuta, no contexto do atendimento. É passível de ocorrência, mediante alguma circunstância do paciente que, contratransferencialmente, mobilize o musicoterapeuta.	RBM, n. 7, Art. 7, p.76, 2004	Canção trazida pelo Musicoterapeuta, no contexto do atendimento. É passível de ocorrência, mediante alguma circunstância do paciente que, contratransferencialmente, mobilize o Musicoterapeuta.	x		
Cantar em Musicoterapia	< Cantar em Musicoterapia> é um dos procedimentos utilizados pelo paciente e seu Musicoterapeuta, arrolado como recurso e como processo tanto para atingir objetivos terapêuticos, quanto para avaliar o modo de ser e estar do paciente. As canções configuram um espaço de expressão oferecido na sessão ao paciente, recurso musical este, que comunica questões subjetivas através dos modos de cantar.	RBM, n. 11, Art 3, p.57, 2011	Procedimento utilizado pelo paciente e seu Musicoterapeuta, relacionado como recurso e processo para atingir objetivos terapêuticos e avaliar o modo de ser e estar do paciente. As canções configuram um espaço de expressão oferecido na sessão, que comunica questões subjetivas através dos modos de cantar.	x	x	x
Canto improvisado	< canto improvisado> é uma maneira efetiva para que a pessoa se conecte com imagens, memórias e associações do inconsciente pessoal e coletivo para que traga esse material à consciência.	RBM, n. 10, Art 6, p.5, 2010	Ato de cantar utilizado para que a pessoa se conecte com imagens, memórias e associações do inconsciente pessoal e coletivo para que traga esse material à consciência.	x	x	x
Centring	< Centring > possibilitará o reequilíbrio da respiração e o contato emocional, poderá ser trabalhado através da experimentação de instrumentos de sopro, também através da exploração da emissão da voz.	RBM, n.3, Art.2, p.23, 1997	Método que possibilita o reequilíbrio da respiração e o contato emocional. Poderá ser trabalhado através da experimentação de instrumentos de sopro, também através da exploração da emissão da voz.	x	x	x

Clima afetivo reparatório	< Clima afetivo reparatório > entendendo-se por afetividade a capacidade inata de afetar, de tocar e ser tocado pelo mundo, ou seja, como um elo de ligação entre o mundo interno e externo do indivíduo, o que irá permitir-lhe introjetar e projetar Informações.	RBM, n.4, Art.8, p.72, 1998	Entende-se pela capacidade inata de afetar, tocar e ser tocado pelo mundo, ou seja, como um elo de ligação entre o mundo interno e externo do indivíduo, o que irá permitir-lhe introjetar e projetar informações.		x	
Composição	< composição> basicamente consiste no fato de se criar e escrever músicas. O musicoterapeuta auxilia o cliente facilitando o processo e escrita da música, na composição da melodia ou da letra e se responsabiliza, quando necessário, pelos aspectos técnicos.	RBM, n. 8, p.93, 2006	Ação de se criar e escrever músicas. O Musicoterapeuta auxilia o cliente facilitando o processo e escrita da música, na composição da melodia ou da letra e se responsabiliza, quando necessário, pelos aspectos técnicos.	x		
Compreensão	< compreensão> pode ser descrita pelo estabelecimento de relações entre o estímulo sonoro produzido, outros eventos do ambiente e o próprio comportamento. Essas relações têm as propriedades de reflexividade, simetria e transitividade. Relacionada com a música, essa é a capacidade de compreender as variedades sonoras, tais como identificar uma melodia como sendo de determinada canção, entendendo a ordem e dando a resposta relacionada.	RBM, n. 15, Art 5, p.75, 2013	Ação de compreender as variedades sonoras, como identificar uma melodia. Trata-se do estabelecimento de relações entre o estímulo sonoro produzido, outros eventos do ambiente e o próprio comportamento. Essas relações têm as propriedades de reflexividade, simetria e transitividade.	x		
Comunicação	<Comunicação> [...] ato de fazer uma ação comum, ou tornar uma ação comum a dois (no caso, na relação musicoterapeuta/criança), a muitos ou a todos. [...] pode ser descrita como verbal, emocional, propiciando	RBM, n.4, Art.1, p.12, 1998	Ato de fazer ou tornar uma ação comum entre musicoterapeuta/paciente. A comunicação pode ser verbal e emocional. A música é uma forma de comunicação que constitui uma das possibilidades de interação humana.	x		

	uma interação em termos motores. Sendo uma forma de comunicação, a música constitui uma das possibilidades de interação humana.					
Comunicação alternativa	< comunicação alternativa> na qual o indivíduo comunica-se, por exemplo, através de fichas com gravuras e símbolos que representam as necessidades básicas de comunicação – sim, não, fome, sono, sentimentos etc.	RBM, n. 8, Art. 5, p.87, 2006	Comunicação através de fichas com gravuras e símbolos que representam as necessidades básicas de comunicação (sim, não, fome, sono, sentimentos entre outras formas).	x		
Comunicação peri-verbal	<comunicação peri-verbal> no sentido de “em torno do” verbal, isto é, todos os aspectos sonoros, expressivos, que não tem ligação direta com a palavra articulada – ritmo, melodia, dinâmica, etc.	RBM, n. 8, Art.11, p.76, 2006	Comunicação em torno do verbal, isto é, todos os aspectos sonoros, expressivos, que não tem ligação direta com a palavra articulada, como ritmo, melodia e dinâmica.	x		
Congruência	< Congruência> Este perfil é uma descrição composta por estados emocionais simultâneos entre os vários elementos e partes. Torna-se fundamental determinar o quão consistente são os elementos e as partes umas com as outras, enquanto níveis de tensão e relações de papéis.	RBM, n. 20, Art 5, p. 108, 2016	Perfil composto por estados emocionais simultâneos entre os vários elementos e partes. Torna-se fundamental determinar o quão consistente são os elementos e as partes umas com as outras, enquanto níveis de tensão e relações de papéis.	x	x	x
Contrato terapêutico	<contrato terapêutico> trata-se de um procedimento comum a outras terapias. É o momento para se verificar se há indicação ou não para que o cliente frequente a musicoterapia e se estabelecer os objetivos do tratamento.	RBM, n. 8, Art. 5, p.84, 2006	Procedimento para verificar se há indicação ou não para que o cliente frequente a Musicoterapia e se estabelecer os objetivos do tratamento. Trata-se de um procedimento comum a outras terapias.	x		
Contratransferência	< Contratransferência > é o sentir do musicoterapeuta do impacto que a transferência produziu no seu inconsciente.	RBM, n.2, Art. 11, p.82, 1996	Sentimentos do musicoterapeuta produzidos a partir do impacto que a transferência causou no seu inconsciente. Para que a sensação cotratranferencial ocorra o musicoterapeuta deve se permitir	x		

	Esta sensação cotratransferencial só se pode perceber e conscientizar se o musicoterapeuta se permitiu regredir junto com o paciente a esse passado que estão presente nesse instante da sessão.		regredir junto com o paciente durante a sessão.			
Corpo	<Corpo> O corpo produz imagens estimuladas pela música e se comunica com ela; diferentes elementos são mobilizados. A movimentação abre as portas e faz compreender melhor seu sentido não através de uma teoria estática, mas de forma global, de modo que a música se transforme em algo vivo e sentido.	RBM, n.4, Art. 1, p.16, 1998	Estrutura que produz imagens estimuladas pela música e se comunica com ela; diferentes elementos são mobilizados. A movimentação abre as portas e faz compreender melhor seu sentido não através de uma teoria estática, mas de forma global, de modo que a música se transforme em algo vivo e sentido.	x		
Dança	< Dança > a dança esta intrinsecamente ligada à expressão sonoro-musical do ser humano, então, quando é utilizada a música em um trabalho com crianças com distúrbio neurológico, este trabalho musical impulsionará uma manifestação corpórea, ou seja, serão desenvolvidos o ritmo, a expressão verbal, a coordenação motora, a atenção e concentração em uma atividade e quando essa atividade for realizada em grupo, objetivará, também, a socialização e trará, implícita, uma conscientização de limites.	RBM, n.4, Art. 1, p.11, 1998	Gestos intrinsecamente ligados à expressão sonoro-musical do ser humano. O trabalho musical impulsionará uma manifestação corpórea, ou seja, serão desenvolvidos o ritmo, a expressão verbal, a coordenação motora, a atenção e concentração em uma atividade e quando essa atividade for realizada em grupo, objetivará, também, a socialização e trará, implícita, uma conscientização de limites.	x		
Desterritorializar	<desterritorializar> é desestabilizar o jogo com jogadas inusitadas ou mudanças de regras e a música oferece a desterritorialização, que ocorre com menor ou maior intensidade, de acordo com o	RBM, n. 6, Art. 3, p.32, 2002	Ato de desestabilizar o jogo com jogadas inusitadas ou mudanças de regras. A música oferece a desterritorialização. Ocorre com menor ou maior intensidade, de acordo com o contato, conhecimento e domínio dos sons e músicas que escutamos e fazemos.		x	

	contato, conhecimento e domínio dos sons e músicas que escutamos e fazemos.					
Detecção	< detecção> pode ser entendida enquanto a habilidade de perceber a presença e ausência do som. Relacionada com a música, entende-se o silêncio/pausa musical como ausência de som e a música como a presença do som.	RBM, n. 15, Art 5, p.75, 2013	Habilidade de perceber a presença e ausência do som. Relacionada com a música, entende-se o silêncio/pausa musical como ausência de som e a música como a presença do som.			x
Discriminação	< discriminação> pode ser descrita enquanto a apresentação de respostas diferenciais diante de características específicas do estímulo sonoro. Diferenciar dois ou mais estímulos. Nas atividades musicais esta habilidade pode ser desenvolvida através da percepção do timbre dos instrumentos para diferenciá-los, ou quando a melodia é utilizada para que o indivíduo diferencie canções relacionadas aos elementos de uma determinada categoria.	RBM, n. 15, Art 5, p.75, 2013	Ação de diferenciar características específicas do estímulo sonoro. Diferenciar dois ou mais estímulos. Nas atividades musicais esta habilidade pode ser desenvolvida através da percepção do timbre dos instrumentos para diferenciá-los, ou quando a melodia é utilizada para que o indivíduo diferencie canções relacionadas aos elementos de uma determinada categoria.	x		
Educação Musical Terapêutica	< Educação Musical Terapêutica> Trata-se de uma prática onde o aprendizado musical e o processo terapêutico caminham juntos, no mesmo nível de importância, considerando que o desenvolvimento humano integral é o objetivo primário; onde técnicas da educação musical e da musicoterapia se complementam; onde relação terapeuta-paciente equipara-se à relação professor-aluno considerando que o sujeito aprende	RBM, n. 15, Art 3, p.51, 2013	Prática onde o aprendizado musical e o processo terapêutico caminham juntos, no mesmo nível de importância, considerando que o desenvolvimento humano integral é o objetivo primário. As técnicas da educação musical e da Musicoterapia se complementam e a relação terapeuta-paciente equipara-se à relação professor-aluno. Onde cada sujeito é considerado em sua singularidade, independentemente de ter ou não algum tipo de deficiência.	x		

	sentindo e sente aprendendo, ou seja, o aprendizado é norteado pelo afeto e vice-versa; onde cada sujeito é considerado em sua singularidade, independentemente de ter ou não algum tipo de deficiência.					
Emoção	<Emoção> simultaneamente um fator fisiológico e social, tornando-se desta forma essencialmente psicológico. Através da emoção, o indivíduo é capaz de fundir-se com outras pessoas e via imitação diferenciar-se delas, num processo dialético onde a tonicidade muscular da forma à expressão e ao gesto, constituindo-se em linguagem e formação do pensamento.	RBM, n.4, Art. 1, p.21, 1998	Estado fisiológico e social, tornando-se desta forma essencialmente psicológico. Através da emoção, o indivíduo é capaz de fundir-se com outras pessoas e via imitação diferenciar-se delas, em um processo dialético onde a tonicidade muscular da forma à expressão e ao gesto, constituindo-se em linguagem e formação do pensamento.	x		
Entender	<entender> é intencional, o que é apresentado dá-se em função da intenção de quem ouve.	RBM, n. 6, Art. 3, p.36, 2002	Percepção intencional, o que é apresentado dá-se em função da intenção de quem ouve.	x		
Escutar	<escutar> dar-se conta, dirigir a escuta (ativo). Há um direcionamento ao objeto, uma busca de identificação, escutando o que é interessante.	RBM, n. 6, Art. 3, p.36, 2002	Dar-se conta, dirigir a escuta (ativo). Há um direcionamento ao objeto, uma busca de identificação, escutando o que é interessante.	x		
Escutar em musicoterapia	<escutar em musicoterapia> significa captar o cliente como um todo e a partir daí criar em conjunto, interagir, dialogar, soar.	RBM, n. 8, Art. 11, p.71, 2006	Ato de escutar e captar o cliente como um todo e a partir daí criar em conjunto, interagir, dialogar e soar.	x		
Evaluation	< Evaluation> tem o intuito de observar a evolução do paciente durante o processo de tratamento (KIRKLAND, 2013). Em outras palavras, o interesse deste tipo de avaliação é verificar se os objetivos estabelecidos como	RBM, n. 21, Art. 3, p. 52, 2016	Avaliação com o intuito de observar a evolução do paciente durante o processo de tratamento. O interesse deste tipo de avaliação é verificar se os objetivos estabelecidos como plano de atendimento foram atingidos e se o paciente apresentou mudanças a partir do início da aplicação do tratamento Musicoterapêutico.		x	

	plano de atendimento foram atingidos e se o paciente apresentou mudanças a partir do início da aplicação do tratamento musicoterapêutico.					
Experiências Musicoterápicas	<experiências musicoterápicas> é uma atividade teórico-prática onde os alunos atuam como musicoterapeutas e co/terapeutas de seus próprios colegas numa prática assistida.	RBM, n. 7, Art. 7, p.76, 2004	Atividades teórico-práticas onde os alunos atuam como Musicoterapeutas e co/terapeutas de seus próprios colegas numa prática assistida.	x		
Expressão corporal	< Expressão corporal > estimula o desejo de descobrir, conhecer e utilizar cada vez mais as suas possibilidades motoras e aplica-las na vida cotidiana. Não somente ela correlaciona as diversas partes do corpo, mas dá a possibilidade de experimentar o movimento no tempo e no espaço.	RBM, n.2, Art. 5, p.41, 1996	Expressão que estimula o desejo de descobrir, conhecer e utilizar cada vez mais as suas possibilidades motoras e aplica-las na vida cotidiana. Não somente ela correlaciona às diversas partes do corpo, mas dá a possibilidade de experimentar o movimento no tempo e no espaço.	x		
Expressão pessoal	<expressão pessoal> está aqui compreendido como a manifestação de algo pessoal, uma ação permeada pela cultura, pela história de vida. Se compreendermos a ação musical como processo sociocultural, como forma expressiva e reveladora de aspectos subjetivos, podemos pensá-la como uma atividade potencial para o estabelecimento de relações interpessoais e expressivas.	RBM, n. 18, Art. 4, p.75, 2015	Expressão que compreende a manifestação de algo pessoal, uma ação permeada pela cultura e história de vida. Se compreendermos a ação musical como processo sociocultural, como forma expressiva e reveladora de aspectos subjetivos, podemos pensá-la como uma atividade potencial para o estabelecimento de relações interpessoais e expressivas.	x		
Fazer sonoro	<Fazer sonoro > que ocorre durante as sessões favorece o desenvolvimento das relações interpessoais. “ ... uma vez que um elemento musical funcionaria como ponto comum que une	RBM, n.5, Art.3, p.36, 2001	Ato que ocorre durante as sessões e favorece o desenvolvimento das relações interpessoais. Uma vez que um elemento musical funcionaria como ponto comum que une os indivíduos, fundando um grupo, um coletivo, que produzirá subjetividade a partir daquele elemento.	x		

	os indivíduos, fundando um grupo, um coletivo, que produzirá subjetividade a partir daquele elemento”.					
Feedback musical	< Feedback musical> caracterizado pela ação tanto de um participante para outro, quanto da terapeuta para o grupo/participante. Através do cantar a música escolhida por outro participante, pegar um instrumento e acompanhar o colega ou até mesmo procurar acordes em um violão da mesma.	RBM, n. 22, Art. 2, p. 40, 2017	Resposta da ação de um participante para outro ou do terapeuta para o grupo/participante. Através do cantar a música escolhida por outro participante, pegar um instrumento e acompanhar o colega ou até mesmo procurar acordes em um violão.	x		
Feedback musicogrupal	< Feedback musicogrupal> Caracterizado a partir do estabelecimento da Identidade Sonora (ISO) Grupal, pois a partir dela, a ISO torna-se uma ação, uma resposta do grupo para a terapeuta, pois os mesmos foram afetado pelas músicas cantadas na sessão.	RBM, n. 22, Art. 2, p. 13, 2017	Resposta a partir do estabelecimento da Identidade Sonora (ISO) Grupal, pois a partir dela, a ISO torna-se uma ação, uma resposta do grupo para a terapeuta, pois os mesmos foram afetados pelas músicas cantadas na sessão.	x	x	x
Feedback positivo	< Feedback positivo> Caracterizado a partir da ação dos participantes à atividade proposta, seja esta de forma verbal ou musical (evidenciada a partir da ação ou da receptividade).	RBM, n. 22, Art. 2, p. 13, 2017	Resposta a partir da ação dos participantes à atividade proposta, seja esta de forma verbal ou musical (evidenciada a partir da ação ou da receptividade).		x	
Fenômeno totêmico	< Fenômeno totêmico > é a possibilidade que tem o musicoterapeuta de induzir sutilmente, e em grupo, a reprodução de cenas primitivas da evolução do ser humano que, na realidade, seriam impossíveis de realizar em outros contextos, por estar totalmente reprimidas.	RBM, n.2, Art. 11, p.83, 1996	Fenômeno em que o Musicoterapeuta induz sutilmente, e em grupo, a reprodução de cenas primitivas da evolução do ser humano que, na realidade, seriam impossíveis de realizar em outros contextos, por estar totalmente reprimidas.		x	

Ficha musicoterápica	<Ficha musicoterápica> terá como objetivo a colheita de dados referente à história sonora do indivíduo.	RBM, n. 8, Art. 5, p.81, 2006	Peça que objetiva a colheita de dados referente à história sonora do indivíduo.	x		
Grounding	< Grounding > Fará o rebalanceamento do tônus muscular e o enraizamento da postura, estará sendo trabalhado tanto através da dança e do movimento lúdico e expressivo que surge espontaneamente durante a sessão, como através da atividade de tocar instrumento de percussão.	RBM, n.3, Art. 2, p.23, 1997	Técnica de rebalanceamento do tônus muscular e do enraizamento da postura sendo trabalhado tanto através da dança e do movimento lúdico/expressivo que surge espontaneamente durante a sessão, como através da atividade de tocar instrumento de percussão.		x	
Improvisação musical	< improvisação musical> utilizada para criar um espaço de relação em que musicoterapeuta e paciente se sintam seguros e confiantes para interagir e desenvolver potenciais; consiste num fazer musical livre a partir da voz, movimentos ou instrumentos musicais. (...) A improvisação está ligada à criatividade, pois para criar música é necessário explorar e experimentar diferentes sons.	RBM, n. 23, Art. 3, p. 53, 2017	Ato de improvisar utilizado para criar um espaço de relação em que Musicoterapeuta e paciente se sintam seguros e confiantes para interagir e desenvolver potenciais. Consiste num fazer musical livre a partir da voz, movimentos ou instrumentos musicais. A improvisação está ligada à criatividade, pois para criar música é necessário explorar e experimentar diferentes sons.	x		
Improvisação musical livre	< improvisação musical livre> na qual se permite a liberdade de expressão, trabalhando-se com o emergente sonoro do cliente.	RBM, n. 8, Art. 5, p.92, 2006	Ato de improvisar que consiste em permitir a liberdade de expressão, trabalhando-se com o emergente sonoro do cliente.	x		
Improvisação Orientada	<improvisação orientada> são determinadas ações (temas, sentimentos, atividades) para que o cliente se oriente durante a ação do fazer música.	RBM, n. 8, Art. 5, p.92, 2006	Ato de improvisar determinadas ações (temas, sentimentos, atividades) para que o cliente se oriente durante a ação do fazer música.	x		

Inclusão	< inclusão> inserir alunos com déficits de toda ordem, permanentes ou temporários, mais graves ou menos severos no ensino regular.	RBM, n. 11, Art. 7, p.154, 2011	Ação de inserir alunos com déficits de toda ordem, permanentes ou temporários, mais graves ou menos severos no ensino regular.	x		
Individualized Music Therapy Assessment Profile (IMTAP)	< Individualized Music Therapy Assessment Profile (IMTAP) > foi desenvolvida com o objetivo de avaliar dez diferentes grupos de comportamentos, fornecendo um perfil detalhado e sistemático do indivíduo, por meio de atividades musicais conduzidas por musicoterapeutas habilitados ou estudantes de musicoterapia devidamente supervisionados.	RBM, n. 14, Art. 6, p.70, 2013	Escala que tem o objetivo de avaliar dez diferentes grupos de comportamentos, fornecendo um perfil detalhado e sistemático do indivíduo, por meio de atividades musicais conduzidas por Musicoterapeutas habilitados ou estudantes de musicoterapia devidamente supervisionados.	x		
Iniciação rítmica	< Iniciação rítmica > Não é ginástica, nem usa uma serie de exercícios para flexibilizar o corpo. È um estudo graduado de ritmos que traduz pelos movimentos do corpo em deslocamentos livres ou segundo as evocações previstas.	RBM, n.2, Art. 5, p.39, 1996	Estudo graduado de ritmos que se traduz pelos movimentos do corpo em deslocamentos livres ou segundo as evocações previstas.			x
Instrumentos musicais	< Instrumentos musicais > podem ter o papel de facilitadores, possibilitando através deles a simbolização. Eles são usados como meio de troca e de comunicação cada vez mais autêntica de conteúdo emocional.	RBM, n.4, Art. 17, p.17, 1998	Objetos que tem o papel de facilitadores, possibilitando através deles a simbolização. Eles são usados como meio de troca e de comunicação cada vez mais autêntica de conteúdo emocional.	x		
Integração	< Integração> Este perfil analisa a organização dos aspectos musicais simultâneos. A sua amplitude descreve a medida em que os componentes de cada elemento musical são semelhantes, separados e independentes uns dos outros.	RBM, n. 20, Art. 5, p. 106, 2016	Analisa a organização dos aspectos musicais simultâneos. A sua amplitude descreve na medida em que os componentes de cada elemento musical são semelhantes, separados e independentes uns dos outros.	x		

Intervenção musicoterapêutica	< intervenção musicoterapêutica > consiste no uso da música como terapia e somente o profissional musicoterapeuta está capacitado a realizar.	RBM, n. 18, Art. 2, p.28, 2015	Ato que consiste no uso da música como terapia e somente o profissional Musicoterapeuta está capacitado a realizar.	x		
ISO (Identidade Sonora)	< ISO (Identidade Sonora) > Um conceito totalmente dinâmico que resume a noção de existência de um som, ou um conjunto de sons, ou de fenômenos acústicos e de movimentos internos, que caracterizam ou individualizam cada ser humano.	RBM, n. 16, Art. 1, p.15, 2014	Conceito dinâmico que resume a noção de existência de um som, conjunto de sons, ou de fenômenos acústicos e de movimentos internos, que caracterizam ou individualizam cada ser humano.	x		
ISO Gestáltico	< ISO gestáltico > contém no inconsciente as energias sonoras que se produzem desde o momento da concepção de cada indivíduo. Essas energias poderão modificar ou influenciar as que se encontram no ISO universal.	RBM, n.2, Art. 11, p.84, 1996	Identidade Sonora que contém no inconsciente as energias sonoras que se produzem desde o momento da concepção de cada indivíduo. Essas energias poderão modificar ou influenciar as que se encontram no ISO universal.	x		
ISO Universal	< ISO universal > contém no inconsciente as energias sonoras básicas herdadas de milênios e milênios. Essas energias sonoras são características de todos os gêneros humanos, com as variáveis das heranças mais recentes.	RBM, n.2, Art. 11, p.84, 1996	Identidade Sonora que contém no inconsciente as energias sonoras básicas herdadas de milênios. Essas energias sonoras são características de todos os gêneros humanos, com as variáveis das heranças mais recentes.	x		
ISO Cultural	< ISO cultural > o produto da configuração cultural global da qual o indivíduo e seu grupo fazem parte; é a identidade sonora própria de uma coletividade de homogeneidade cultural relativa, que corresponde a uma cultura ou subcultura musical manifesta e compartilhada.	RBM, n.3, Art. 1, p.9, 1997	Identidade Sonora que produto da configuração cultural global da qual o indivíduo e seu grupo fazem parte. É a identidade sonora própria de uma coletividade de homogeneidade cultural relativa, que corresponde a uma cultura ou subcultura musical manifesta e compartilhada.	x		

Linguagem	< linguagem > “o uso da voz e de outros sons que se articulam formando palavras [...], para a expressão e a comunicação entre pessoas”, na concordância de que a linguagem como atividade, forma de interação [...] possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos atos”.	RBM, n. 19, Art. 5, p. 70, 2015	Uso da voz e de outros sons que se articulam formando palavras para a expressão e a comunicação entre pessoas, na concordância de que a linguagem como atividade e forma de interação possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos atos.	x		
Linguagem sonoro-musical	< Linguagem sonoro-musical > acompanha o ser humano desde a vida intra-uterina até sua morte, sendo uma forma de comunicação que possibilita a expressão autêntica do indivíduo e todo seu potencial criativo.	RBM, n.4, Art. 1, p.25, 1998	Linguagem que acompanha o ser humano desde a vida intrauterina até sua morte, sendo uma forma de comunicação que possibilita a expressão autêntica do indivíduo e todo seu potencial criativo.	x		
Manifestações Sonoro-musicais	<Manifestações Sonoro-musicais> são representações de valores e costumes das diferentes épocas. Estas manifestações envolvem a emoção e o movimento, fazendo parte da própria essência do homem.	RBM, n.4, Art. 1, p.11, 1998	Representações de valores e costumes das diferentes épocas. Estas manifestações envolvem a emoção e o movimento, fazendo parte da própria essência do homem.	x		
Memória auditiva	< memória auditiva > pode ser descrita pelas relações de controle do comportamento de um organismo por estímulos sonoros que já não estão presentes	RBM, n. 15, Art. 5, p.75, 2013	Memória das relações de controle do comportamento de um organismo por estímulos sonoros que já não estão presentes.	x		
Música	<Música> a música e/ou seus elementos aparecem como veiculadores de sentimentos e emoções, importantes instrumentos agenciados de catarses. A música além de se apresentar como um elemento altamente propiciador do vínculo terapêutico, também favorece a interação e a socialização.	RBM, n.5, Art. 7, p.74, 2001	Conjunto de elementos que aparecem como veiculadores de sentimentos e emoções, importantes instrumentos agenciados de catarses. A música além de se apresentar como um elemento altamente propiciador do vínculo terapêutico, também favorece a interação e a socialização.	x		

Musicalidade clínica	< musicalidade clínica> a capacidade de o musicoterapeuta perceber os elementos musicais presentes na produção e/ou reprodução musical do paciente e estar apto a responder, mobilizar ou intervir musicalmente, de maneira adequada de forma a contribuir para o desenvolvimento do paciente - na clínica musicoterapêutica.	RBM, n. 10, Art. 7, p.7, 2010	Capacidade do Musicoterapeuta perceber os elementos musicais presentes na produção e/ou reprodução musical do paciente e estar apto a responder, mobilizar ou intervir musicalmente, de maneira adequada e de forma a contribuir para o desenvolvimento do paciente na clínica musicoterapêutica.	x		
Musicoterapeuta ecológico	< musicoterapeuta ecológico> tem o papel de abrir canais de comunicação que proporcionem um melhor relacionamento entre a comunidade e o meio circundante.	RBM, n. 9, Art. 5, p.3, 2009	Musicoterapeuta com o papel de abrir canais de comunicação que proporcionem um melhor relacionamento entre a comunidade e o meio circundante.		x	
Musicoterapeuta preventivo	< musicoterapeuta preventivo> se insere a partir de projetos que têm como objetivo impactar nestas redes sociais: a família e os diferentes sistemas de apoio, gerando uma abertura à participação, construindo lugares de possível intercambio social através da música e do sonoro.	RBM, n. 11, Art. 6, p.124, 2011	Musicoterapeuta que atua a partir de projetos que têm como objetivo impactar a família e os diferentes sistemas de apoio, gerando uma abertura à participação. Além de construir lugares de possível intercambio social através da música e do sonoro.		x	
Musicoterapeuta social	<musicoterapeuta social> nos aponta que a prática musicoterapêutica tende a favorecer a “construção de novas perspectivas de vida baseadas em autoestima, empoderamento, autonomia, solidariedade, criatividade, musicalidade, dignidade e cidadania por meio da ação musicoterapêutica	RBM, n. 18, Art. 4, p.66, 2015	Musicoterapeuta que atua na construção de novas perspectivas de vida baseadas em autoestima, empoderamento, autonomia, solidariedade, criatividade, musicalidade, dignidade e cidadania por meio da ação musicoterapêutica.	x		

Musicoterapia	< Musicoterapia> é a utilização da música e/ou seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia) por um musicoterapeuta qualificado, com um cliente ou grupo, num processo para facilitar e promover a comunicação, relação, aprendizagem, mobilização, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos relevantes, no sentido de alcançar necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas.	RBM, n. 15, Art. 6, p.81, 2013	Utilização da música e/ou seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia) por um musicoterapeuta qualificado, com um cliente ou grupo, num processo para facilitar e promover a comunicação, relação, aprendizagem, mobilização, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos relevantes. E no sentido de alcançar necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas.	x		
Musicoterapia Ativa	< Musicoterapia Ativa> quando os clientes apresentam, improvisam ou compõem música, eles expressam seus problemas através do som, exploram seus recursos através do som, trabalham seus conflitos através do som, desenvolvem relacionamentos através do som e encontram soluções e bem-estar através do som.	RBM, n. 13, Art. 1, p.10, 2012	Musicoterapia que ocorre quando os clientes apresentam, improvisam ou compõem música. Trabalham seus conflitos através do som, desenvolvem relacionamentos através do som e encontram soluções e bem-estar através do som.	x		
Musicoterapia Comunitária	< Musicoterapia Comunitária > propõem o trabalho em comunidades onde vivem pessoas que têm histórias em comum, que compartilham serviços e áreas geográficas, com o objetivo de promover relações saudáveis naquele meio.	RBM, n. 9, Art. 5, p.3, 2009	Musicoterapia que propõem o trabalho em comunidades onde vivem pessoas que têm histórias em comum, que compartilham serviços e áreas geográficas, com o objetivo de promover relações saudáveis naquele meio.	x		
Musicoterapia Criativa	< Musicoterapia Criativa> propõe a utilização da música visando estabelecer comunicação entre o	RBM, n. 22, Art. 1, p. 13, 2017	Musicoterapia que propõe a utilização da música visando estabelecer comunicação entre o paciente e o terapeuta por meio de instrumentos e canções.	x		

	paciente e o terapeuta por meio de instrumentos e canções.					
Musicoterapia Familiar	< musicoterapia familiar> o musicoterapeuta intervém para promover as relações entre membros de uma família, com foco na saúde da família como uma unidade ecológica.	RBM, n. 18, Art. 2, p.28, 2015	Musicoterapia que possibilita a intervenção do Musicoterapeuta para promover as relações entre membros de uma família, com foco na saúde da família como uma unidade ecológica.		x	
Musicoterapia Improvisacional	< Musicoterapia Improvisacional> busca motivar o engajamento na experiência musical conjunta, estimulando o manuseio de instrumentos, a utilização do corpo e da voz e o diálogo musical, visando, assim, ao desenvolvimento de comunicação e interação.	RBM, n. 18, Art. 6, p. 105, 2015	Musicoterapia que busca motivar o engajamento na experiência musical conjunta, estimulando o manuseio de instrumentos, a utilização do corpo e da voz e o diálogo musical, visando, assim, ao desenvolvimento de comunicação e interação.	x		
Musicoterapia Neurológica	< Musicoterapia Neurológica> área de atuação da musicoterapia, foi definida por Thaut (2008) como a aplicação terapêutica da música visando estimular mudanças nas áreas cognitivas, motoras e de linguagem após doença neurológica com base no modelo neurocientífico de percepção e produção musical; na influência que a música exerce sobre regiões não-musicais do cérebro e no uso da música como tratamento.	RBM, n. 17, Art. 4, p.59, 2014	Musicoterapia visando estimular mudanças nas áreas cognitivas, motoras e de linguagem após doença neurológica com base no modelo neurocientífico de percepção e produção musical, na influência que a música exerce sobre regiões não- musicais do cérebro e no uso da música como tratamento.	x		
Musicoterapia organizacional	< musicoterapia organizacional> é classificada como uma área de prática ecológica que, segundo Bruscia (2000), abrange estratos socioculturais da comunidade e seu ambiente físico, considerando a cultura	RBM, n. 19, Art. 3, p. 36, 2015	Musicoterapia que abrange estratos socioculturais da comunidade e seu ambiente físico, considerando a cultura de um determinado grupo. Trata-se de uma prática derivada da teoria sistêmica, a qual compreende que toda e qualquer parte de um sistema está relacionada com as demais, com vários níveis de influências recíprocas.	x		

	de um determinado grupo. Trata-se de uma prática derivada da teoria sistêmica, a qual compreende que toda e qualquer parte de um sistema está relacionada com as demais, com vários níveis de influências recíprocas.					
Musicoterapia Psicopedagógica	< Musicoterapia Psicopedagógica> apresenta então uma nova modalidade de musicoterapia denominada psicopedagógica que se refere à ação de compartilhar informações e atitudes que esclareçam melhor a doença aos internos de uma instituição psiquiátrica; são conhecimentos e habilidades que tais pacientes podem utilizar após receber alta.	RBM, n. 18, Art. 3, p.54, 2015	Musicoterapia que refere-se à ação de compartilhar informações e atitudes que esclareçam melhor a doença aos internos de uma instituição psiquiátrica; são conhecimentos e habilidades que tais pacientes podem utilizar após receber alta.	x	x	x
Musicoterapia receptiva	< Musicoterapia receptiva > originou métodos baseados na audição musical. O paciente é colocado numa situação onde ele ou ela ouve uma fita gravada com trechos que podem ter sido preparados durante testes receptivos.	RBM, n.1, Art. 1, p.21, 1996	Musicoterapia em que o paciente é colocado em uma situação onde ouve uma fita gravada com trechos que podem ter sido preparados durante testes receptivos.	x		
Musicoterapia Relacional	< musicoterapia relacional> o musicoterapeuta adota uma postura não diretiva onde as atividades surgem principalmente pela ação do paciente, já que essa abordagem possui uma orientação psicodinâmica. Nesta abordagem não há um protocolo fixo de atividades.	RBM, n. 16, Art. 6, p.91-92, 2014	Musicoterapia em que o Musicoterapeuta adota uma postura não diretiva onde as atividades surgem principalmente pela ação do paciente, já que essa abordagem possui uma orientação psicodinâmica. Nesta abordagem não há um protocolo fixo de atividades.		x	

Musicoterapia social	< musicoterapia social> figura como uma intervenção que implica na utilização das linguagens musical e corporal das pessoas, como forma de possibilitar ações que acarretem na apropriação da consciência de si e de sua história e que se expanda para a realidade na qual as pessoas estão inseridas.	RBM, n. 18, Art. 4, p.66, 2015	Musicoterapia que implica na utilização das linguagens musical e corporal das pessoas como forma de possibilitar ações que acarretem na apropriação da consciência de si e de sua história que se expanda para a realidade na qual as pessoas estão inseridas.	x		
Musicoterapia Vibroacústica	< Musicoterapia Vibroacústica> trata-se de um método desenvolvido por Skille (1986), e que envolve enviar ondas sonoras sinusoidais de baixa frequência para o corpo do paciente através de alto-falantes acoplados sob a cama ou cadeira. Ao mesmo tempo, o paciente ouve músicas previamente selecionadas pelo musicoterapeuta com o intuito de promover o relaxamento.	RBM, n. 12, Art. 6, p.72, 2012	Musicoterapia que envia ondas sonoras sinusoidais de baixa frequência para o corpo do paciente através de alto-falantes acoplados sob a cama ou cadeira. Ao mesmo tempo, o paciente ouve músicas previamente selecionadas pelo musicoterapeuta com o intuito de promover o relaxamento.	x		
Neuromusicoterapia	< neuromusicoterapia> aborda a aplicação terapêutica da música em doenças neurológicas com base em modelo de neurociências e técnicas de tratamento musicoterapêuticas.	RBM, n. 12, Art. 2, p.21, 2012	Aplicação terapêutica da música em doenças neurológicas com base em modelo de neurociências e técnicas de tratamento musicoterapêuticas.	x		
Objetivos terapêuticos	< Objetivos terapêuticos > é o momento em que serão estabelecidos os propósitos do processo, pois esses objetivos fornecem a direção na qual o atendimento seguirá, além de ajudar o musicoterapeuta a ter um procedimento técnico-científico.	RBM, n. 8, Art. 5, p.84, 2006	Momento em que serão estabelecidos os propósitos do processo, pois esses objetivos fornecem a direção na qual o atendimento seguirá, além de ajudar o musicoterapeuta a ter um procedimento técnico-científico.	x		

Objeto desintegrador	< objeto desintegrador> o instrumento musical que se configura como elemento desagregador, desintegrando a produção musical e, conseqüentemente, desunindo o grupo.	RBM, n. 6, Art. 7, p.102, 2002	Instrumento musical que configura como elemento desagregador, desintegrando a produção musical e, conseqüentemente, desunindo o grupo.	x		
Objeto integrador	< objeto integrador > quanto aos instrumentos musicais utilizados, observou-se, como diferença, que houve maior rodízio entre os pacientes com transtornos esquizofrênicos e menor entre os dependentes químicos-alcoolistas. [...] sendo o instrumento que favorece a integração vincular de um determinado grupo.	RBM, n. 6, Art. 7, p.102, 2002	Instrumento musical que favorece a integração vincular de um determinado grupo.	x		
Objeto intermediário	< Objeto intermediário > Os objetos (no caso, os instrumentos musicais) podem ter o papel de facilitadores, possibilitando através deles a simbolização [...] um instrumento de comunicação capaz de atuar terapêuticamente sobre o paciente mediante a relação, sem desencadear estados de alarma intensos.	RBM, n.4, Art. 1, p.17, 1998	Instrumento musical de comunicação capaz de atuar terapêuticamente sobre o paciente mediante a relação, sem desencadear estados de alarma intensos.	x		
Observações das sessões	<observações das sessões> é o registro ou documentação de cada sessão. Esse procedimento permite a sistematização da coleta de informação, documentação dos dados significativos do processo musicoterápico, o estabelecimento de bases concretas para um trabalho técnico-científico e eventuais pesquisas e a elaboração do relatório progressivo.	RBM, n. 8, Art. 5, p.93, 2006	Registro ou documentação de cada sessão. Esse procedimento permite a sistematização da coleta de informação, documentação dos dados significativos do processo musicoterápico, estabelecimento de bases concretas para um trabalho técnico-científico e eventuais pesquisas e a elaboração do relatório progressivo.	x		

Organologia	< organologia> definida como “a perspectiva sociológica do instrumento, do instrumentista e seu contexto “(SATOMI, 2008), o que significa considerar questões do próprio sujeito em sua prática musical. Os instrumentos musicais são classificados de acordo com a organologia conhecida também como a “ciência que compreende não apenas a sua classificação, mas sim o seu entorno espacial, temporal e humano”.	RBM, n. 14, Art. 3, p.33, 2013	Perspectiva sociológica do instrumento, do instrumentista e seu contexto. É a ciência que compreende não apenas a sua classificação, mas sim o seu entorno espacial, temporal e humano o que significa considerar questões do próprio sujeito em sua prática musical.	x		
Ouvinte	<ouvinte> responde à musica a partir de uma diferente reação, que pode ser motora-instintiva (ou física, como passo a chamada), emocional ou mental; cada uma delas podendo ocorrer de modo ativo/interativo ou de modo passivo/receptivo.	RBM, n. 6, Art. 7, p.102, 2002	Pessoa que responde à musica a partir de uma diferente reação, que pode ser motora-instintiva (física), emocional ou mental; cada uma delas podendo ocorrer de modo ativo/interativo ou de modo passivo/receptivo.		x	
Ouvinte analítico	<ouvinte analítico> mesmo diante da mais sedutora das melodias pode mostrar-se intelectualmente crítico, definindo-se assim a Ênfase de sua reação.	RBM, n. 6, Art. 1, p.20, 2002	Ouvinte que mesmo diante da mais sedutora das melodias pode mostrar-se intelectualmente crítico, definindo-se assim a ênfase de sua reação.	x	x	x
Ouvinte associativo	<ouvinte associativo> diante de qualquer tipo de música, estabelecerá para ela a comparação com uma qualidade, uma adjetivação abstrata, definindo-se assim a ênfase de sua reação.	RBM, n. 6, Art. 1, p.21, 2002	Ouvinte que diante de qualquer tipo de música, estabelecerá para ela a comparação com uma qualidade ou uma adjetivação abstrata.	x	x	x
Ouvinte cinestésico	<ouvinte cinestésico> mesmo diante de uma suave berceuse em andamento adágio, pode ter o ímpeto de mover-se e balançar o corpo, definindo-se assim a sua reação.	RBM, n. 6, Art. 1, p.21, 2002	Ouvinte que mesmo diante de uma suave canção de ninar em andamento vagaroso, pode ter o ímpeto de mover-se e balançar o corpo.	x	x	x

Ouvinte de reações fisiológicas	<ouvinte de reações fisiológicas> mesmo diante da música mais distante e impessoal, pode ter as reações típicas no seu organismo, o que define a ênfase da sua reação.	RBM, n. 6, Art. 1, p.21, 2002	Ouvinte que mesmo diante da música mais distante e impessoal, pode ter as reações típicas no seu organismo.	x	x	x
Ouvinte imaginativo	<ouvinte imaginativo> mesmo diante da música mais conceitual e cerebral, pode tecer uma longa fantasia cheia de imagens e coloridos, definindo-se assim a ênfase da sua reação.	RBM, n. 6, Art. 1, p.20-21, 2002	Ouvinte que mesmo diante da música mais conceitual e cerebral, pode tecer uma longa fantasia cheia de imagens e coloridos.	x	x	x
Ouvinte sensitivo	<ouvinte sensitivo> mesmo diante de um batoque, pode se sensibilizar com uma emoção, o que define a ênfase de sua reação.	RBM, n. 6, Art. 1, p.21, 2002	Ouvinte que mesmo diante de um batoque, pode se sensibilizar com uma emoção.	x	x	x
Ouvir	<ouvir> é apresentado à percepção (passivo). Ouve o que se passa, sem se dirigir necessariamente ao fato, apesar desse fato poder estar influenciando o indivíduo de diversas formas.	RBM, n. 6, Art.3, p.36, 2002	Percepção (passivo). Ouve o que se passa, sem se dirigir necessariamente ao fato, apesar desse fato poder estar influenciando o indivíduo de diversas formas.	x		
Paisagem sonora	< Paisagem sonora > seriam o som do batimento cardíaco, da inspiração e expiração, da voz materna, sons da natureza entre outros.	RBM, n.3, Art.4, p.38, 1997	Sons do batimento cardíaco, da inspiração e expiração, da voz materna, sons da natureza, entre outros.		x	
Performance	<performance> é a atividade de tocar um instrumento ou cantar, considerando-se desde o repertório mais simples, inclusive sem notação musical, até o mais elaborado.	RBM, n. 11, Art. 8, p.171-172, 2011	Atividade de tocar um instrumento ou cantar, considerando-se desde o repertório mais simples, inclusive sem notação musical, até o mais elaborado.	x		
Prática clínica musicoterapica	<Pratica clinica musicoterapica> é definida como uma modalidade terapêutica que emprega a linguagem específica da música e do som como objetivo intermediário na relação com o paciente, essa linguagem leva a	RBM, n.4, Art. 1, p.14, 1998	Modalidade terapêutica que emprega a linguagem específica da música e do som como objetivo intermediário na relação com o paciente. Essa linguagem leva a canais de comunicação que permitem a expressão e veiculação dos conteúdos internos do paciente sem que haja qualquer barreira preconceitual.	x		

	canais de comunicação que permitem a expressão e veiculação dos conteúdos internos do paciente sem que haja qualquer barreira preconceitual.					
Princípio de Identidade Sonora (ISO)	< Princípio de Identidade Sonora (ISO) > é o conjunto de energias sonoras, acústicas e de movimento que pertencem a um indivíduo e o caracterizam. Este movimento constante está formado pelas energias sonoras herdadas através das estruturas genéticas, pelas vivências vibracionais, gravitacionais e sonoras durante a vida uterina e por todas as experiências analógicas (não verbais) desde o nascimento até a idade adulta. Isto acabaria por criar uma identidade corpórea-sonora-musical que caracterizará a esse indivíduo em particular e o diferenciará de todos os outros.	RBM, n. 15, Art. 3, p.48, 2013	Conjunto de energias sonoras, acústicas e de movimento que pertencem a um indivíduo e o caracterizam. Este movimento constante está formado pelas energias sonoras herdadas através das estruturas genéticas, pelas vivências vibracionais, gravitacionais e sonoras durante a vida uterina e por todas as experiências analógicas (não verbais) desde o nascimento até a idade adulta. Cria uma identidade corpórea-sonora-musical que caracterizará a esse indivíduo em particular e o diferenciará de todos os outros.	x		
Processo musicoterapêutico	< processo musicoterapêutico > existem basicamente três fases: avaliação, o tratamento em si e a evolução do mesmo. Sendo o principal objetivo levar o participante às mudanças significativas no seu estado de vida, por meio da escuta, com intervenções e propostas, compreendendo-o e atendendo suas necessidades, utilizando os potenciais	RBM, n. 22, Art. 3, p. 52, 2017	Processo que caracteriza-se por três fases: avaliação, tratamento em si e a evolução do mesmo. Sendo o principal objetivo levar o participante às mudanças significativas no seu estado de vida, por meio da escuta, com intervenções e propostas, compreendendo-o e atendendo suas necessidades, utilizando os potenciais singulares da música e do som, e a relação que se desenvolve por meio das experiências musicais, para alterar o comportamento humano. Dessa forma, auxilia o participante a utilizar seu potencial máximo, para comunicar sua singularidade e para aumentar seu bem-estar.	x		

	singulares da música e do som, e a relação que se desenvolve por meio das experiências musicais, para alterar o comportamento humano, auxiliando o participante a utilizar seu potencial máximo, para comunicar sua singularidade e para aumentar seu bem-estar.					
Processo terapêutico	< Processo terapêutico > O processo terapêutico, quer seja através destas experiências musicais, quer seja através da relação entre o paciente/cliente e terapeuta (e/ou grupo), ou ainda através de ambas, ira criar e/ou realizar acontecimentos que ocorrerão dentro de um ambiente “controlado” (parcialmente) – o setting musicoterapêutico.	RBM, n.5, Art. 2, p.32, 2001	Processo que por meio de experiências musicais, quer seja através da relação entre o paciente/cliente e terapeuta (e/ou grupo) cria e/ou realiza acontecimentos que ocorrerão dentro de um ambiente controlado.	x		
Psicoterapia corporal	< Psicoterapia corporal > como tendo duas faces. Uma face “olha para fora” para o corpo tátil-sensível, esse corpo que o terapeuta manipula e cujas energias ele tenta intensificar, carregar, descarregar. A outra face é a que “olha para dentro” é a que toca o corpo enquanto sujeito, esse corpo que tem o sentimento de si, a criatividade, a espiritualidade.	RBM, n.3, Art.2, p.24, 1997	Abordagem de duas faces. A primeira “olha para fora” para o corpo tátil-sensível, esse corpo que o terapeuta manipula e cujas energias ele tenta intensificar, carregar, descarregar. A segunda “olha para dentro” toca o corpo enquanto sujeito, esse corpo que tem o sentimento de si, a criatividade e a espiritualidade.	x	x	x
Reação Emocional Interativa Imaginativa	< Reação Emocional Interativa Imaginativa > reação pela criação de imagens (fantasia imaginativa, pictórica e simbólica).	RBM, n. 6, Art. 1, p.18, 2002	Reação pela criação de imagens (fantasia imaginativa, pictórica e simbólica).	x	x	x
Reação Emocional Receptiva Sensitiva	<Reação Emocional Receptiva Sensitiva> reação pela exacerbação de	RBM, n. 6, Art. 1, p.18,	Reação pela exacerbação de sentimentos ou da memória emocional	x	x	x

	sentimentos ou da memória emocional.	2002				
Reação Física Interativa Cinestésica	< Reação Física Interativa Cinestésica > reação por movimentos do corpo (voluntários ou quase reflexos, como palmas, batida de pé, etc).	RBM, n. 6, Art. 1, p.18, 2002	Reação por movimentos do corpo (voluntários ou quase reflexos, como palmas, batida de pé, entre outros).	x	x	x
Reação Física Receptiva Fisiológica	< Reação Física Receptiva Fisiológica > reações orgânicas (involuntárias, como dor, arrepio, calor, tontura, alteração do batimento cardíaco, etc).	RBM, n. 6, Art. 1, p.18, 2002	Reações orgânicas (involuntárias, como dor, arrepio, calor, tontura, alteração do batimento cardíaco, dentre outros).	x	x	x
Reação Intelectual Interativa Analítica	< Reação Intelectual Interativa Analítica > reação por raciocínio avaliador (o pensar crítico, raciocínio por comparação técnica, avaliação lógica.).	RBM, n. 6, Art. 1, p.18, 2002	Reação por raciocínio avaliador (o pensar crítico, raciocínio por comparação técnica, avaliação lógica).	x	x	x
Reação Intelectual Receptiva Associativa	< Reação Intelectual Receptiva Associativa > reação por associação de qualidades (música doce, violenta, alegre, nobre, misteriosa, etc.).	RBM, n. 6, Art. 1, p.18, 2002	Reação por associação de qualidades (música doce, violenta, alegre, nobre, misteriosa, entre outras formas).	x	x	x
Reconhecimento auditivo	< reconhecimento auditivo > vai depender do contato do indivíduo com o evento. Habilidade de identificar o som e a fonte sonora com capacidade de classificar ou nomear o que ouviu.	RBM, n. 15, Art. 5, p.75, 2013	Habilidade de identificar o som e a fonte sonora com capacidade de classificar ou nomear o que ouviu.	x		
Re-criação musical	< re-criação musical > é a experiência em que o paciente aprende ou executa músicas instrumentais ou vocais ou reproduções de qualquer tipo musical apresentada como modelo.	RBM, n. 15, Art. 5, p.76, 2013	Experiência em que o paciente aprende ou executa músicas instrumentais, vocais ou reproduções de qualquer tipo musical apresentada como modelo.	x		
Relatório progressivo	<relatório progressivo > traduz-se no conjunto de informações ordenadas de forma sistemática que permite a avaliação da atividade num determinado espaço de	RBM, n. 8, Art. 5, p.94, 2006	Conjunto de informações ordenadas de forma sistemática que permite a avaliação da atividade num determinado espaço de tempo. Para tanto, colhe-se os dados significativos através do estudo das observações das sessões.	x		

	tempo. Para tanto, colhe-se os dados significativos através do estudo das observações das sessões.					
Relaxamento musical	< Relaxamento musical> Utilização da escuta musical com o objetivo de reduzir o estresse e a tensão, reduzir ansiedade e induzir relaxamento corporal.	RBM, n. 12, Art. 6, p.73, 2012	Procedimento que utiliza da escuta musical com o objetivo de reduzir o estresse e a tensão, reduzir ansiedade e induzir relaxamento corporal.	x		
Saliência	< Saliência> O perfil de saliência é uma descrição feita sobre quais elementos musicais são predominantes e influentes sobre os restantes. É de primordial interesse o lugar de controle e a relevância entre os elementos musicais ao interagir. (...) Se ocupa sobre como as propriedades da música afetam o ouvinte. Um elemento se torna dominante quando os seus componentes ou qualidades são exageradas, ou ao criar entre eles uma discrepância ou contraste.	RBM, n. 20, Art. 5, p. 100, 2016	Perfil no qual é feita descrição sobre quais elementos musicais são predominantes e influentes sobre os restantes. É de primordial interesse o lugar de controle e a relevância entre os elementos musicais ao interagir. Se ocupa sobre como as propriedades da música afetam o ouvinte. Um elemento se torna dominante quando os seus componentes ou qualidades são exageradas, ou ao criar entre eles uma discrepância ou contraste.	x	x	x
Sessões de musicoterapia	< Sessões de musicoterapia > são um processo interpessoal, no qual o terapeuta utiliza a música e todas as suas facetas - física, mental, emocional, social, estética e espiritual – para ajudar o paciente a recuperar, restabelecer ou manter a saúde, e seus efeitos se sobrepõem aos de outras terapias, inclusive a de jogos, por estimular a criança a uma maior verbalização das suas necessidades e medos.	RBM, n.5, Art. 8, p.82, 2001	Processo interpessoal, no qual o terapeuta utiliza a música e todas as suas facetas (física, mental, emocional, social, estética e espiritual) para ajudar o paciente a recuperar, restabelecer ou manter a saúde. Seus efeitos se sobrepõem aos de outras terapias, inclusive a de jogos, por estimular a criança a uma maior verbalização das suas necessidades e medos.	x		

Setting musicoterápico	< Setting musicoterápico > apresenta-se como um espaço favorável para se recriar fases do desenvolvimento em nível de relação intrapessoal e interpessoal, possibilitando a indução de estados regressivos. Através da linguagem musical pode-se contactar elementos regressivos e primordiais do indivíduo, permitindo que os mesmos sejam trabalhados.	RBM, n.4, Art. 8, p.72, 1998	Espaço favorável para se recriar fases do desenvolvimento em nível de relação intrapessoal e interpessoal, possibilitando a indução de estados regressivos. Através da linguagem musical pode-se contactar elementos regressivos e primordiais do indivíduo, permitindo que os mesmos sejam trabalhados.	x		
Setting terapêutico	<Setting terapêutico> é um ambiente extremamente rico em possibilidades de significações, em possibilidades de produção de singularidades, em possibilidades de produção de subjetivações, as quais poderão ou não se realizar dependendo das necessidades do paciente/ cliente e das habilidades do terapeuta.	RBM, n.5, Art. 2, p.33, 2001	Ambiente extremamente rico em possibilidades de significações, em possibilidades de produção de singularidades e em possibilidades de produção de subjetivações, as quais poderão ou não se realizar dependendo das necessidades do paciente/ cliente e das habilidades do terapeuta.	x		
Socialização	< socialização> a mesma é considerada a partir de qualquer forma de interação entre os seres humanos, já que “o mundo social é tido por um conjunto de relações, um todo relacional, relações em processo”.	RBM, n. 19, Art. 5, p. 70, 2015	Interação entre os seres humanos. O mundo social é tido por um conjunto de relações, um todo relacional, relações em processo.	x		
Som	< Som > o som, sendo vibrações, atinge, querendo ou não, através das vias aéreas, tátil e óssea, abrindo canais de comunicação.	RBM, n.5, Art.7, p.74, 2001	Vibrações que chegam através das vias aéreas, tátil e óssea, e que abrem canais de comunicação.	x		

Técnica de improvisação Conduzir	< técnica de improvisação “Conduzir” > essa técnica de improvisação trata-se da condução da atividade por parte do paciente. O indivíduo pode determinar alguns ou todos os aspectos da improvisação, como os elementos musicais (ritmo, harmonia e melodia), ou elementos interpessoais (quem toca cada parte e quando).	RBM, n. 12, Art. 6, p.75, 2012	Técnica que consiste na condução da atividade por parte do paciente. O indivíduo pode determinar alguns ou todos os aspectos da improvisação, como os elementos musicais (ritmo, harmonia e melodia), ou elementos interpessoais (quem toca cada parte e quando).	x		
Técnica de improvisação criar espaços	< Técnica de improvisação “Criar Espaços” > A técnica se refere ao ato do musicoterapeuta em proporcionar espaços frequentes na estrutura da improvisação para que o paciente responda ou introduza sons. Estes espaços podem ser silêncios vazios (pausa) ou silêncios preenchidos (acordes sustentados). Ou então, podem ser constituídos por um fundo musical que convida o cliente a participar da interação.	RBM, n. 12, Art. 6, p.75, 2012	Técnica que se refere ao ato do musicoterapeuta em proporcionar espaços frequentes na estrutura da improvisação para que o paciente responda ou introduza sons. Estes espaços podem ser silêncios vazios (pausa) ou silêncios preenchidos (acordes sustentados). Ou então, podem ser constituídos por um fundo musical que convida o cliente a participar da interação.	x		
Técnica de improvisação experimentar	< Técnica de improvisação “Experimentar” > Esta outra técnica descrita por Bruscia (1999) consiste na apresentação de uma estrutura, ideia ou procedimento por parte do musicoterapeuta para guiar a improvisação do cliente. Ao mesmo tempo, o musicoterapeuta pede ao cliente que experimente todas as suas possibilidades expressivas. O Musicoterapeuta pode também introduzir novos instrumentos ao	RBM, n. 12, Art. 6, p.75, 2012	Técnica que consiste na apresentação de uma estrutura, ideia ou procedimento por parte do musicoterapeuta para guiar a improvisação do cliente. Ao mesmo tempo, o musicoterapeuta pede ao cliente que experimente todas as suas possibilidades expressivas. Pode também introduzir novos instrumentos ao <i>setting</i> e fazer com que o indivíduo explore suas possibilidades sonoras e de manipulação.	x		

	setting e fazer com que o individuo explore suas possibilidades sonoras e de manipulação.					
Técnica de improvisação Divisão	< Técnica de improvisação “Divisão” > é utilizada para explorar experiências ou situações que impliquem polaridades, elementos de conflito, sentimentos incongruentes, ideias contraditórias, entre outras. Na “Divisão”, o musicoterapeuta e o cliente se juntam para expressar os dois lados do conflito, primeiro por meio da improvisação e, num segundo momento, dialogando.	RBM, n. 12, Art. 6, p.75, 2012	Técnica que explora experiências ou situações que impliquem polaridades, elementos de conflito, sentimentos incongruentes, ideias contraditórias, entre outras. Na “divisão”, o musicoterapeuta e o cliente se juntam para expressar os dois lados do conflito, primeiro por meio da improvisação e em um segundo momento, dialogando.	x		
Técnica do <i>songwriting</i>	< técnica do <i>songwriting</i> > atividade de criação de letras originais de uma música, utilizando-se as melodias e as harmonias de algumas das canções selecionadas no início do tratamento.	RBM, n. 20, Art. 3, p. 58, 2016	Técnica de criação de letras originais de uma música utilizando-se as melodias e as harmonias de algumas das canções selecionadas no início do tratamento.	x		
Tensão	<tensão> Este perfil se refere a quanta tensão é criada dentro e através de aspectos variados da música. Os gradientes dentro deste perfil descrevem o grau em que cada elemento musical acumula, sustenta, modula ou libera tensão. O perfil de Tensão é uma descrição composta da quantidade de fluxo e de tensão gerada através de cada elemento musical.	RBM, n. 20, Art. 5, p. 101, 2016	Perfil que se refere a quantidade de tensão criada dentro e através de aspectos variados da música. Os gradientes dentro deste perfil descrevem o grau em que cada elemento musical acumula, sustenta, modula ou libera tensão. Uma descrição composta da quantidade de fluxo e de tensão gerada através de cada elemento musical.	x		
Terapia da Entonação Melódica (TEM)	< Terapia da Entonação Melódica (TEM) > um tratamento intensivo e estruturado	RBM, n. 20, Art. 3, p. 52,	Tratamento intensivo e estruturado hierarquicamente que traduz breves frases faladas em sequências melódicas.	x		

	hierarquicamente que traduz breves frases faladas em sequências melódicas.	2016				
Território	<território> é um conjunto de forças e não um terreno ou domínio qualquer; é um espaço no qual há muitas trocas e muitas forças atuando, é um jogo que faz com que agenciamentos decorrentes dessas forças nunca ocorram do mesmo modo, pois naquele momento há um território singular formado e muitos agenciamentos que são os únicos e próprios desse território, ocorrendo simultaneamente.	RBM, n. 6, Art. 3, p.31-32, 2002	Conjunto de forças e não um terreno ou domínio qualquer. É um espaço no qual há muitas trocas e muitas forças atuando. É um jogo que faz com que agenciamentos decorrentes dessas forças nunca ocorram do mesmo modo, pois naquele momento há um território singular formado e muitos agenciamentos que são os únicos e próprios desse território, ocorrendo simultaneamente.	x		
Territórios marginais	< Territórios marginais > favorecem a construção de pseudo-identidades sonoras culturais, com formas de produção pautadas pela irreverência com estilo próprio e pela música geralmente ruidosa.	RBM, n.4, Art. 6, p.62, 1998	Território que favorece a construção de pseudo-identidades sonoras culturais, com formas de produção pautadas pela irreverência com estilo próprio e pela música geralmente ruidosa.		x	
Territórios massificados	< Territórios massificados > favorecem a construção de pseudo-identidades sonoras culturais, com formas de produção pautadas pelo modismo e pela música feita para o consumo em grande escala.	RBM, n.3, Art. 1, p.12, 1997	Território que favorece a construção de pseudo-identidades sonoras culturais, com formas de produção pautadas pelo modismo e pela música feita para o consumo em grande escala.		x	
Territórios singularizados	< Territórios singularizados > favorecem a construção de identidades sonoras culturais, com formas de produção pautadas pela qualidade musical.	RBM, n.3, Art. 1, p.12, 1997	Território que favorece a construção de identidades sonoras culturais, com formas de produção pautadas pela qualidade musical.		x	

Teste de organização melódica	< Teste de organização melódica> que consiste em três grupos de estímulos diferentes (testes de avaliação da tonalidade – scale alternate, testes de alteração da linha melódica – contour alternate e modificação de intervalo – intervale alternate). Durante a escuta é requerido ao paciente que julgue se a melodia alvo e a melodia de comparação são iguais ou diferentes.	RBM, n. 18, Art. 5, p.91, 2015	Teste que consiste em três grupos de estímulos diferentes (testes de avaliação da tonalidade – scale alternate, testes de alteração da linha melódica – contour alternate e modificação de intervalo – intervale alternate). Durante a escuta é requerido ao paciente que julgue se a melodia alvo e a melodia de comparação são iguais ou diferentes.		x	
Testes de organização temporal	< Testes de organização temporal> em que são avaliados através da avaliação rítmica, a modificação do ritmo (rhythm alternate) e de métrica – acentuação periódica no tempo (metric test). Durante a escuta da modificação rítmica é requerido ao paciente que julgue se a melodia alvo e a melodia de comparação são iguais ou diferentes.	RBM, n. 18, Art. 5, p.91-92, 2015	Teste que consiste na avaliação rítmica, a modificação do ritmo (rhythm alternate) e de métrica – acentuação periódica no tempo (metric test). Durante a escuta da modificação rítmica é requerido ao paciente que julgue se a melodia alvo e a melodia de comparação são iguais ou diferentes.		x	
Testes de reconhecimento de frases musicais	< Testes de reconhecimento de frases musicais> são apresentadas 7 melodias entre as 15 melodias já ouvidas anteriormente e 7 novas melodias seguindo o mesmo princípio de composição, porém diferindo em seus padrões de tempo e altura. O paciente deve responder “sim” se reconhece a melodia apresentada anteriormente, ou “não”, se a melodia apresentada for nova.	RBM, n. 18, Art. 5, p. 92, 2015	Teste onde são apresentadas 7 melodias entre as 15 melodias já ouvidas anteriormente e 7 novas melodias seguindo o mesmo princípio de composição, porém diferindo em seus padrões de tempo e altura. O paciente deve responder “sim” se reconhece a melodia apresentada anteriormente, ou “não”, se a melodia apresentada for nova.		x	
Testificação musical	<Testificação musical> trata-se de uma etapa específica do processo musicoterápico e tem	RBM, n. 8, Art. 5, p.81-82,	Etapa específica do processo musicoterápico e tem como objetivo principal observar as reações que os sons, estruturas	x		

	como objetivo principal observar as reações que os sons, estruturas rítmicas e os diferentes instrumentos provocam no paciente.	2006	rítmicas e os diferentes instrumentos provocam no paciente.			
Transferência	< Transferência > é a atitude do paciente de repetir, com a figura do musicoterapeuta, os mesmos episódios ocorridos primitivamente na história deste paciente, na sua relação materno, paterno- infantil, ou seja, colocar no presente o passado.	RBM, n.2, Art. 11, p.81, 1996	Atitude do paciente de repetir, com a figura do musicoterapeuta, os mesmos episódios ocorridos primitivamente em sua história, na sua relação materno, paterno- infantil, ou seja, colocar no presente o passado.	x		
Variabilidade	< Variabilidade> O perfil analisa como estão organizados e relacionados os aspectos sequenciais da música. O espectro de análise do perfil Variabilidade descreve a medida de permanência ou mudança de cada elemento musical.	RBM, n. 20, Art. 5, p. 103, 2016	Perfil que analisa como estão organizados e relacionados os aspectos sequenciais da música. O espectro de análise do perfil Variabilidade descreve a medida de permanência ou mudança de cada elemento musical.	x		
Vegetoterapia	< Vegetoterapia > o cuidado corporal aliado à compreensão da maneira como o indivíduo faz sua interação com o mundo. É de fundamental importância para a psicoterapia possibilitar que os sentimentos guardados possam ser expressos.	RBM, n.3, Art. 2, p.18, 1997	Cuidado corporal aliado à compreensão da maneira como o indivíduo faz sua interação com o mundo. É de fundamental importância para a psicoterapia possibilitar que os sentimentos guardados possam ser expressos.			x
Vir-a-ser-música	<vir-a-ser-música> nesse estado teríamos a integração entre a movimentação, a percepção corporal, e a audição.	RBM, n. 8, Art. 11, p.73, 2006	Estado onde ocorre a integração entre a movimentação, a percepção corporal, e a audição.	x	x	x

**Fonte:** Adaptado de Felber (1987 apud Cervantes, 2006, p.81)

As avaliações dos membros da comissão foram compiladas em ficha única (Quadro 10), onde foram transcritas as informações contidas na Ficha 2. No rodapé da Ficha 2

continham as informações a respeito dos profissionais participantes da pesquisa que são apresentadas da seguinte forma: Consultor 1- Graduação em Musicoterapia, Piano e Música. Especialista em Reabilitação Neuropsicológica. Mestre em Música e doutorado em Ciências da Saúde. Atualmente é docente na graduação em Musicoterapia. Consultor 2 - Graduação em Música e Musicoterapia. Especialista em Gerontologia e Psicopedagogia. Mestre em Psicologia da Infância e da Adolescência e doutorado em Educação. Atualmente é docente na graduação em Musicoterapia. Consultor 3 - Graduação em Musicoterapia e pós-graduação em Psicomotricidade. Atualmente é musicoterapeuta nos principais temas: Musicoterapia Grupal, Dinâmicas Musicoterapêuticas e Musicoterapia Organizacional.

## 6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nessa seção tem-se como finalidade realizar a análise e discussão dos resultados obtidos com embasamento nas considerações teóricas e metodológicas realizadas no que tange ao processo de categorização, identificação e confirmação de termos, além de apresentar a proposta de um modelo de glossário.

O conjunto de termos coletados e confirmados é apresentado com a finalidade de traçar um perfil linguístico/terminológico dos termos selecionados do domínio na área da Musicoterapia. Os resultados obtidos podem ser observados nos processos de categorização do domínio e no processo de confirmação de termos pela comissão de especialistas da área. Devido a não consolidação da área no Brasil, aliado a quantidade reduzida de publicações e ao domínio Musicoterapia não ter um subdomínio estabelecido na pesquisa, optou-se por não classificar os termos em categorias, e assim apresentá-los em seu âmbito geral, ou seja, a categoria Musicoterapia.

Foi examinada toda a coleção da “Revista Brasileira de Musicoterapia” entre os anos de 1996 a 2018 em língua portuguesa disponíveis no site da UBAM. Ao todo foram analisados 163 artigos para coleta dos candidatos a termos. Os candidatos a termos foram coletados e organizados de acordo com as variáveis propostas nos objetivos e formalizados em duas fichas: *Ficha 1 – Ficha de citação* e *Ficha 2 – Ficha para confirmação de termos* e, posteriormente. E apresentados na seção 5.2.7 *Trabalho de Apresentação de Dados Terminológicos*, a partir desse resultado será apresentado o modelo do glossário.

Após o levantamento e análise dos artigos os termos e contextos de ocorrência eram detectados, sinalizados e digitados na *Ficha 1 - Ficha de citação*, assim como os demais campos. Ao final da identificação foram detectados 140 candidatos a termos e ordenados em arranjo alfabético considerando o termo de entrada descrito na ficha de citação. Como no exemplo a seguir (Quadro 11):

**Quadro 11 - Ficha de citação preenchida**

<b>Ficha 1 – Modelo de ficha de citação</b>		
CATEGORIA: Musicoterapia		
<b>Termo-entrada</b>	<b>Contexto de ocorrência</b>	<b>Sigla/Fonte</b>
Musicoterapia Vibroacústica	< Musicoterapia Vibroacústica > trata-se de um método desenvolvido por Skille (1986), e que envolve enviar ondas sonoras sinusoidais de baixa frequência para o corpo do paciente através de alto-falantes acoplados sob a cama ou cadeira. Ao mesmo tempo, o paciente ouve músicas previamente selecionadas pelo musicoterapeuta com o intuito de promover o relaxamento.	RBM, n. 12, Art. 6, p.72, 2012
Pesquisador: André Luiz Ferreira Vidal		
Fonte completa: (RBM) Revista Brasileira de Musicoterapia, São Paulo.		

**Fonte:** Felber (1987 apud Cervantes, 2006, p.81)

Posteriormente à coleta e identificação dos candidatos a termos descritos na *Ficha 1 – Ficha de citação* foi realizada a confirmação dos termos com os especialistas da área do domínio da Musicoterapia. Nesta etapa do processo utilizou-se a *Ficha 2 – Ficha para confirmação de termos*, onde foi atribuída uma definição a cada termo. As definições terminológicas foram elaboradas a partir dos extratos de base definitiva e explicativa, que apresentam os traços essenciais de cada termo, ou seja, os contextos de ocorrência de cada um.

**Quadro 12 - Ficha para confirmação de termos preenchida**

<b>Ficha 2 - Modelo de Ficha para confirmação de termos</b>
<b>CATEGORIA: Musicoterapia</b>
<p><b>P = Preferido</b> – o termo considerado pertinente e bastante recorrente no domínio.</p> <p><b>NP = Não-Preferido</b> – o termo considerado pertinente, porém pouco utilizado ou defasado.</p> <p><b>R = Recusado</b> – o termo não seria considerado pertinente ao domínio ou o contexto contém informações imprecisas.</p>

Termo-entrada	Contexto de ocorrência	Sigla/ Fonte	Definição	P	NP	R
Musicoterapia Vibroacústica	< Musicoterapia Vibroacústica> trata-se de um método desenvolvido por Skille (1986), e que envolve enviar ondas sonoras sinusoidais de baixa frequência para o corpo do paciente através de alto-falantes acoplados sob a cama ou cadeira. Ao mesmo tempo, o paciente ouve músicas previamente selecionadas pelo musicoterapeuta com o intuito de promover o relaxamento.	RBM, n. 12, Art. 6, p.72, 2012	Envia ondas sonoras sinusoidais de baixa frequência para o corpo do paciente através de alto-falantes acoplados sob a cama ou cadeira. Ao mesmo tempo, o paciente ouve músicas previamente selecionadas pelo musicoterapeuta com o intuito de promover o relaxamento.	x		
Nome do consultor: Empresa ou Instituição: Cargo/função: Experiência profissional:						

**Fonte:** Adaptado de Felber (1987 apud Cervantes, 2006, p.81)

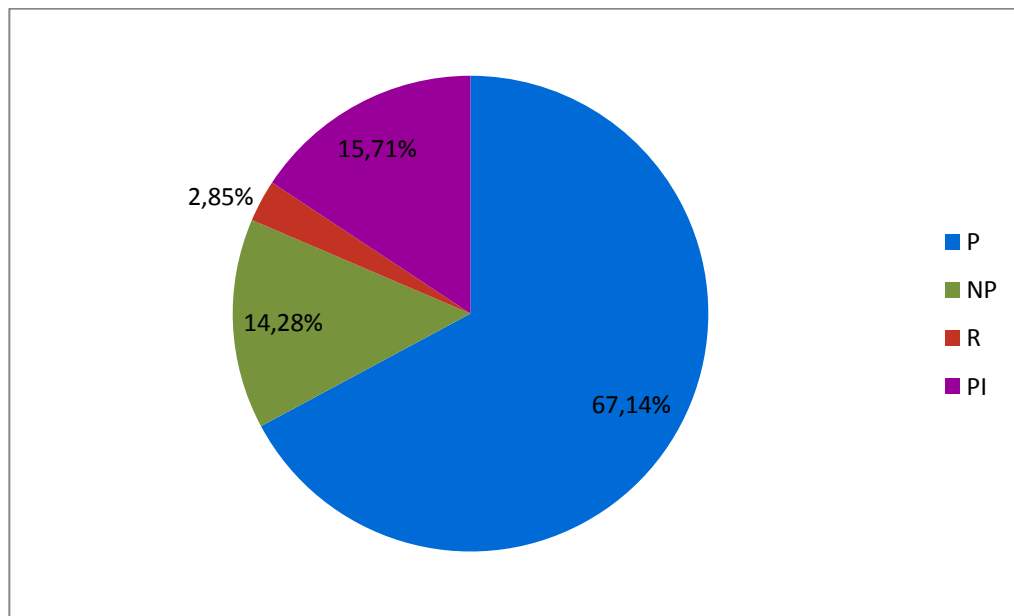
A comissão formada da área de Musicoterapia que participou como consultora da pesquisa foi composta por duas doutoras docentes de curso de graduação e uma especialista que atua diretamente no atendimento clínico dos pacientes. Demonstrando assim que a comissão atende aos quesitos tanto de atuação no campo teórico como na prática da profissão, portanto, sendo constatada a qualificação dos avaliadores.

Foi solicitado aos consultores que após rigorosa análise confirmassem as definições atribuídas aos termos e seus respectivos contextos de ocorrência, levando em conta sua atualização e pertinência. Aos participantes foi orientado que assinalassem com X um dos campos: *P = Preferido*, *NP = Não-Preferido* e *R = Recusado*, bem como orientado que fizessem observações caso considerassem pertinentes, seguindo os critérios estabelecidos na seção 5.2.6.1 - *Confirmação dos termos coletados*.

Após a análise e confirmação dos candidatos a termos, a Comissão reconheceu e classificou os 140 termos. São apresentados na Ficha Terminológica de apresentação dos resultados compilados (Quadro 10). São mostradas na Figura 3 as classificações dos termos da seguinte forma: 94 termos como (P) (67,14%), 20 termos como (NP) (14,28%) e 4 termos como (R) (2,85%). Porém 22 termos (15,71%) tiveram um X para cada uma das opções (P,

NP, R), sendo considerados como aprovados, pois tiveram ao menos duas classificações entre as opções consideradas pertinentes (P, NP) dentro dos critérios para validá-los. Dessa forma, foi atribuída uma nova nomenclatura chamada *de PI = preferido indefinido* - o termo considerado pertinente sem classe definida, para representar os termos dessa classe.

**Figura 3** - Gráfico do conjunto de termos da área da Musicoterapia coletados e analisados por especialistas.



Os dados foram representados em porcentagem e definidos como: (P) = Preferido, (NP) = Não-Preferido (R) = Recusado (PI) = Preferido Indefinido. **Fonte:** O autor.

Ao analisarmos a classificação feita pelos musicoterapeutas notamos que a maioria dos termos foram considerados na opção *P = Preferido* – o termo considerado pertinente e bastante recorrente no domínio, evidenciando a atualidade e pertinência da pesquisa terminológica temática. Quanto aos termos considerados *NP = Não-Preferido* – o termo considerado pertinente, porém pouco utilizado ou defasado e *PI = preferido indefinido*- o termo considerado pertinente sem classe definida, estes correspondem a aproximadamente 30% dos termos avaliados. Eles são termos considerados válidos e aptos a fazerem parte do glossário, porém são considerados termos novos, pouco utilizados ou em desuso demonstrando que os conceitos e definições da Musicoterapia não estão consolidados e encontram-se em processo de transformação. Desse modo, percebe-se que as definições estão se estabelecendo para acompanhar a evolução/mudanças da profissão no país. As publicações em revistas especializadas são o retrato dessa mudança, nesse sentido a área ainda busca o desenvolvimento e o crescimento de uma literatura nacional dessa especialidade.

Com relação aos termos considerados *R = Recusado* – o termo não seria considerado pertinente ao domínio ou o contexto contém informações imprecisas, chamou a atenção que quatro termos foram reprovados pelos especialistas.

Os termos considerados aprovados estão apresentados no modelo de Glossário ao final da Análise e Discussão dos Resultados ao contrário dos termos recusados que não foram incluídos e estão listados no Quadro 13.

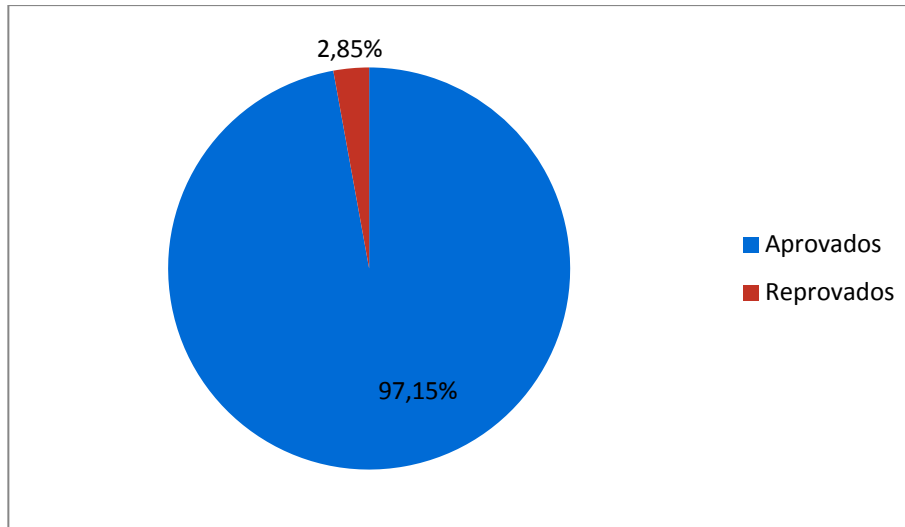
**Quadro 13** - Lista de termos recusados

TERMO	CONTEXTO DE OCORRÊNCIA	FONTE
<b>Biofeedback Musical</b>	< Biofeedback Musical> Utilização da música para fornecer feedback contínuo de funções corporais autônomas (como pressão sanguínea, frequência cardíaca, níveis hormonais etc.) durante a utilização da tecnologia do biofeedback para o cliente prover maior conscientização e controle sobre o corpo.	RBM, n. 12, Art. 6, p.73, 2012
<b>Detecção</b>	< detecção> Habilidade de perceber a presença e ausência do som. Relacionada com a música, entende-se o silêncio/pausa musical como ausência de som e a música como a presença do som.	RBM, n. 15, Art. 5, p.75, 2013
<b>Iniciação rítmica</b>	< Iniciação rítmica > Estudo graduado de ritmos que se traduz pelos movimentos do corpo em deslocamentos livres ou segundo as evocações previstas.	RBM, n.2, Art. 5, p.39, 1996
<b>Vegetoterapia</b>	< Vegetoterapia > Cuidado corporal aliado à compreensão da maneira como o indivíduo faz sua interação com o mundo. É de fundamental importância para a psicoterapia possibilitar que os sentimentos guardados possam ser expressos.	RBM, n.3, Art. 2, p.18, 1997

**Fonte:** O autor.

Podemos considerar que os termos reprovados que estavam nos textos das publicações submetidas, revisadas e aceitas por seus pares continham inconsistências em seus contextos de ocorrência que inviabilizaram sua representação de forma correta. Essa afirmação foi revisada e confirmada pelo pesquisador juntamente com os especialistas da área sobre os termos em questão. Deste modo, temos na Figura 4 a contabilização final dos termos aprovados utilizados na construção do modelo de glossário terminológico, e os termos reprovados que não foram utilizados.

**Figura 4** - Gráfico dos termos aprovados e reprovados.



**Fonte:** O autor.

Foram 136 termos aprovados e aptos a inclusão no glossário, o que corresponde a 97,15% e 4 termos recusados o que totaliza 2,85% dos termos que não fizeram parte do modelo apresentado. A Figura 4 buscou evidenciar que o conjunto de termos confirmados, no contexto do domínio da Musicoterapia, obteve alto grau de compatibilidade entre a linguagem do pesquisador e a dos profissionais do domínio estudado, mesmo que a área esteja ainda em consolidação terminológica.

A partir desses resultados obtidos, apresenta-se, a seguir, o modelo de glossário do domínio estudado: O glossário de termos técnicos da Musicoterapia. O presente modelo apresenta 136 termos, os verbetes encontram-se dispostos em ordem alfabética e seguem a seguinte estrutura:

- Termo de entrada;
- Informação gramatical do termo de entrada;
  - *Sf*: Substantivo Feminino
  - *Sm*: Substantivo Masculino
  - *sm+f*: Substantivo masculino + feminino
  - *v. t.*: Verbo transitivo
  - *v. t. d.*: Verbo transitivo direto
- Definição;
- Fonte do contexto.

# A

## **Anamnese** *s.f.*

- Procedimento que procura recuperar aspectos esquecidos pelo cliente, por meio de perguntas o cliente os reencontra na memória. Aos poucos fatos, sentimentos e detalhes vão se revelando e possibilitando uma compreensão mais profunda do paciente. (RBM, n.2, Art. 6, p. 43,1996)

## **Approach brandalise** *s.m.*

- Abordagem que visa auxiliar o relacionamento entre o indivíduo e a canção. Busca a aquisição de níveis aprofundados de comunicação, segurança e confiança entre terapeuta e paciente facilitando a interação dos indivíduos submetidos ao tratamento com suas questões subjetivas. (RBM, n.4, Art. 5, p.42 e 49,1998)

## **Assessment** *s.m.*

- Avaliação geral do paciente. Focada na relação da pessoa com a música, história clínica, história de vida e características musicais. Têm o propósito de investigar possíveis objetivos a serem trabalhados no processo musicoterapêutico e incluí-los no plano de tratamento do caso. (RBM, n. 21, Art 3, p. 52, 2016)

## **Atendimento interdisciplinar** *s.m*

- Atendimento que envolve vários profissionais que atendem a um mesmo paciente e trabalham em um único local. Os profissionais interagem entre si e são colocados em discussão os vários aspectos do tratamento que possibilita estabelecer objetivos em comum. (RBM, n.5, Art. 3, p.37, 2001.)

## **Atendimento multidisciplinar** *s.m*

- Atendimento em que o paciente é atendido por diferentes profissionais, sem que eles interajam entre si, ou saibam o que o profissional de cada área específica está realizando em seu tratamento. (RBM, n.5, Art. 3, p.37, 2001)

**Audição musical** *s.f*

- Procedimento em que o cliente escutará música ao vivo ou gravada selecionada previamente pelo Musicoterapeuta, a fim de que sejam mobilizados determinados conteúdos para serem trabalhados posteriormente. (RBM, n. 8, Art. 5, p.93, 2006)

**AudioMusicoTens** *s.m*

- Técnica que consiste na audição de músicas selecionadas de acordo com o estudo prévio das relações do cliente com a música e estímulos sonoros diversos. Simultaneamente, ocorre a aplicação de eletroestimulação nervosa transcutânea com o intuito de promover no indivíduo uma “resposta induzida por frequência” ao relaxamento. (RBM, n. 12, Art 6, p.73, 2012)

**Auto expressão musical** *s.f*

- Expressão que permite a cada indivíduo exteriorizar o seu interior. Esta exteriorização é significativa, pois possibilita manifestar o que está latente, trazendo à consciência o que estava inconsciente e, finalmente, transformando as imagens internas em realidades externas. (RBM, n. 23, Art 3, p. 53, 2017)

**Autonomia** *s.f*

- Capacidade do paciente se relacionar com um parceiro ou em grupo com ações de improviso. O perfil Autonomia foca nas relações intermusicais ou interpessoais. (RBM, n. 20, Art 5, p. 102, 2016)

**Autorregulação** *s.f*

- Capacidade de aperfeiçoar o uso de estratégias situacionais adequadas para modular a intensidade ou a duração das respostas emocionais. (RBM, n. 23, Art 5, p. 100, 2017)

**Avaliação em musicoterapia** *s.f*

- Avaliação na qual o terapeuta deve observar o paciente em experiências musicais para identificar problemas clínicos, emocionais, expectativas, anseios, entre outras questões. (RBM, n. 24, Art 6, p. 117, 2018)

# C

## **Canais de comunicação** *s.m*

- Meios de comunicação que são acionados através da música, som e gestos e podem ser direcionados para que os profissionais de cada uma das áreas, que fazem parte da equipe, possam estar utilizando para objetivos específicos. (RBM, n.5, Art.3, p.42, 2001)

## **Canção de boas-vindas** *s.f*

- Canção que é trabalhada dentro da atenção musicoterapêutica ou obstetrícia. Ferramenta muito importante para ajudar a favorecer o processo de vínculo que se constrói entre mãe/ bebê desde a etapa pré-natal. (RBM, n. 23, Art 3, p. 57, 2017)

## **Canção-âncora** *s.f*

- Canção trazida pelo Musicoterapeuta, no contexto do atendimento. É passível de ocorrência, mediante alguma circunstância do paciente que, contratransferencialmente, mobilize o Musicoterapeuta. (RBM, n. 7, Art. 7, p.76, 2004)

## **Cantar em Musicoterapia** *s.m*

- Procedimento utilizado pelo paciente e seu Musicoterapeuta, relacionado como recurso e processo para atingir objetivos terapêuticos e avaliar o modo de ser e estar do paciente. As canções configuram um espaço de expressão oferecido na sessão, que comunica questões subjetivas através dos modos de cantar. (RBM, n. 11, Art 3, p.57, 2011)

## **Canto improvisado** *s.m*

- Ato de cantar utilizado para que a pessoa se conecte com imagens, memórias e associações do inconsciente pessoal e coletivo para que traga esse material à consciência. (RBM, n. 10, Art 6, p.5, 2010)

## **Centring** *s.m*

- Método que possibilita o reequilíbrio da respiração e o contato emocional. Poderá ser trabalhado através da experimentação de instrumentos de sopro, também através da exploração da emissão da voz. (RBM, n.3, Art.2, p.23, 1997)

**Clima afetivo reparatório** *s.m*

- Entende-se pela capacidade inata de afetar, tocar e ser tocado pelo mundo, ou seja, como um elo de ligação entre o mundo interno e externo do indivíduo, o que irá permitir-lhe introjetar e projetar informações. (RBM, n.4, Art.8, p.72, 1998)

**Composição** *s.f*

- Ação de se criar e escrever músicas. O Musicoterapeuta auxilia o cliente facilitando o processo e escrita da música, na composição da melodia ou da letra e se responsabiliza, quando necessário, pelos aspectos técnicos. (RBM, n. 8, p.93, 2006)

**Compreensão** *s.f*

- Ação de compreender as variedades sonoras, como identificar uma melodia. Trata-se do estabelecimento de relações entre o estímulo sonoro produzido, outros eventos do ambiente e o próprio comportamento. Essas relações têm as propriedades de reflexividade, simetria e transitividade. (RBM, n. 15, Art 5, p.75, 2013)

**Comunicação** *s.f*

- Ato de fazer ou tornar uma ação comum entre musicoterapeuta/paciente. A comunicação pode ser verbal e emocional. A música é uma forma de comunicação que constitui uma das possibilidades de interação humana. (RBM, n.4, Art.1, p.12, 1998)

**Comunicação alternativa** *s.f*

- Comunicação através de fichas com gravuras e símbolos que representam as necessidades básicas de comunicação (sim, não, fome, sono, sentimentos entre outras formas). (RBM, n. 8, Art. 5, p.87, 2006)

**Comunicação peri-verbal** *s.f*

- Comunicação em torno do verbal, isto é, todos os aspectos sonoros, expressivos, que não tem ligação direta com a palavra articulada, como ritmo, melodia e dinâmica. (RBM, n. 8, Art.11, p.76, 2006)

**Congruência** *s.f*

- Perfil composto por estados emocionais simultâneos entre os vários elementos e partes. Torna-se fundamental determinar o quão consistente são os elementos e as partes umas com as outras, enquanto níveis de tensão e relações de papéis. (RBM, n. 20, Art 5, p. 108, 2016)

**Contrato terapêutico** *s.m*

- Procedimento para verificar se há indicação ou não para que o cliente frequente a Musicoterapia e se estabelecer os objetivos do tratamento. Trata-se de um procedimento comum a outras terapias. (RBM, n. 8, Art. 5, p.84, 2006)

**Contratransferência** *s.f*

- Sentimentos do musicoterapeuta produzidos a partir do impacto que a transferência causou no seu inconsciente. Para que a sensação cotratransferencial ocorra o musicoterapeuta deve se permitir regredir junto com o paciente durante a sessão. (RBM, n.2, Art. 11, p.82, 1996)

**Corpo** *s.m*

- Estrutura que produz imagens estimuladas pela música e se comunica com ela; diferentes elementos são mobilizados. A movimentação abre as portas e faz compreender melhor seu sentido não através de uma teoria estática, mas de forma global, de modo que a música se transforme em algo vivo e sentido. (RBM, n.4, Art. 1, p.16, 1998)

# D

**Dança** *s.f*

- Gestos intrinsecamente ligados à expressão sonoro-musical do ser humano. O trabalho musical impulsionará uma manifestação corpórea, ou seja, serão desenvolvidos o ritmo, a expressão verbal, a coordenação motora, a atenção e concentração em uma atividade e quando essa atividade for realizada em grupo, objetivará, também, a socialização e trará, implícita, uma conscientização de limites. (RBM, n.4, Art. 1, p.11, 1998)

**Desterritorializar** *s.m*

- Ato de desestabilizar o jogo com jogadas inusitadas ou mudanças de regras. A música oferece a desterritorialização. Ocorre com menor ou maior intensidade, de acordo com o contato, conhecimento e domínio dos sons e músicas que escutamos e fazemos. (RBM, n. 6, Art. 3, p.32, 2002)

**Discriminação** *s.f*

- Ação de diferenciar características específicas do estímulo sonoro. Diferenciar dois ou mais estímulos. Nas atividades musicais esta habilidade pode ser desenvolvida através da percepção do timbre dos instrumentos para diferenciá-los, ou quando a melodia é utilizada para que o indivíduo diferencie canções relacionadas aos elementos de uma determinada categoria. (RBM, n. 15, Art 5, p.75, 2013)

# E

**Educação Musical Terapêutica** *s.f*

- Prática onde o aprendizado musical e o processo terapêutico caminham juntos, no mesmo nível de importância, considerando que o desenvolvimento humano integral é o objetivo primário. As técnicas da educação musical e da Musicoterapia se complementam e a relação terapeuta-paciente equipara-se à relação professor-aluno. Onde cada sujeito é considerado em sua singularidade, independentemente de ter ou não algum tipo de deficiência. (RBM, n. 15, Art 3, p.51, 2013)

**Emoção** *s.f*

- Estado fisiológico e social, tornando-se desta forma essencialmente psicológico. Através da emoção, o indivíduo é capaz de fundir-se com outras pessoas e via imitação diferenciar-se delas, em um processo dialético onde a tonicidade muscular da forma à expressão e ao gesto, constituindo-se em linguagem e formação do pensamento. (RBM, n.4, Art. 1, p.21, 1998)

**Entender** *v. t. d*

- Percepção intencional, o que é apresentado dá-se em função da intenção de quem ouve. (RBM, n. 6, Art. 3, p.36, 2002)

**Escutar** *v. t.*

- Dar-se conta, dirigir a escuta (ativo). Há um direcionamento ao objeto, uma busca de identificação, escutando o que é interessante. (RBM, n. 6, Art. 3, p.36, 2002)

**Escutar em musicoterapia** *v. t.*

- Ato de escutar e captar o cliente como um todo e a partir daí criar em conjunto, interagir, dialogar e soar. (RBM, n. 8, Art. 11, p.71, 2006)

**Evaluation** *s.m*

- Avaliação com o intuito de observar a evolução do paciente durante o processo de tratamento. O interesse deste tipo de avaliação é verificar se os objetivos estabelecidos como plano de atendimento foram atingidos e se o paciente apresentou mudanças a partir do início da aplicação do tratamento Musicoterapêutico. (RBM, n. 21, Art 3, p. 52, 2016)

**Experiências Musicoterápicas** *s.f*

- Atividades teórico-práticas onde os alunos atuam como Musicoterapeutas e co/terapeutas de seus próprios colegas numa prática assistida. (RBM, n. 7, Art. 7, p.76, 2004)

**Expressão corporal** *s.f*

- Expressão que estimula o desejo de descobrir, conhecer e utilizar cada vez mais as suas possibilidades motoras e aplica-las na vida cotidiana. Não somente ela correlaciona às diversas partes do corpo, mas dá a possibilidade de experimentar o movimento no tempo e no espaço. (RBM, n.2, Art. 5, p.41, 1996)

**Expressão pessoal** *s.f*

- Expressão que compreende a manifestação de algo pessoal, uma ação permeada pela cultura e história de vida. Se compreendermos a ação musical como processo sociocultural, como forma expressiva e reveladora de aspectos subjetivos, podemos pensá-la como uma atividade potencial para o estabelecimento de relações interpessoais e expressivas. (RBM, n. 18, Art 4, p.75, 2015)

# F

## **Fazer sonoro** *v. t. d*

- Ato que ocorre durante as sessões e favorece o desenvolvimento das relações interpessoais. Uma vez que um elemento musical funcionaria como ponto comum que une os indivíduos, fundando um grupo, um coletivo, que produzirá subjetividade a partir daquele elemento. (RBM, n.5, Art.3, p.36, 2001)

## **Feedback musical** *s.m*

- Resposta da ação de um participante para outro ou do terapeuta para o grupo/participante. Através do cantar a música escolhida por outro participante, pegar um instrumento e acompanhar o colega ou até mesmo procurar acordes em um violão. (RBM, n. 22, Art 2, p. 40, 2017)

## **Feedback musicogrupal** *s.m*

- Resposta a partir do estabelecimento da Identidade Sonora (ISO) Grupal, pois a partir dela, a ISO torna-se uma ação, uma resposta do grupo para a terapeuta, pois os mesmos foram afetados pelas músicas cantadas na sessão. (RBM, n. 22, Art 2, p. 13, 2017)

## **Feedback positivo** *s.m*

- Resposta a partir da ação dos participantes à atividade proposta, seja esta de forma verbal ou musical (evidenciada a partir da ação ou da receptividade). (RBM, n. 22, Art 2, p. 13, 2017)

## **Fenômeno totêmico** *s.m*

- Fenômeno em que o Musicoterapeuta induz sutilmente, e em grupo, a reprodução de cenas primitivas da evolução do ser humano que, na realidade, seriam impossíveis de realizar em outros contextos, por estar totalmente reprimidas. (RBM, n.2, Art. 11, p.83, 1996)

## **Ficha musicoterápica** *s.m*

- Peça que objetiva a colheita de dados referente à história sonora do indivíduo. (RBM, n. 8, Art. 5, p.81, 2006)

# G

## **Grounding** *s.m*

- Técnica de rebalanceamento do tônus muscular e do enraizamento da postura sendo trabalhando tanto através da dança e do movimento lúdico/expressivo que surge espontaneamente durante a sessão, como através da atividade de tocar instrumento de percussão. (RBM, n.3, Art. 2, p.23, 1997)

# I

## **Improvisação musical** *s.f*

- Ato de improvisar utilizado para criar um espaço de relação em que Musicoterapeuta e paciente se sintam seguros e confiantes para interagir e desenvolver potenciais. Consiste num fazer musical livre a partir da voz, movimentos ou instrumentos musicais. A improvisação está ligada à criatividade, pois para criar música é necessário explorar e experimentar diferentes sons. (RBM, n. 23, Art 3, p. 53, 2017)

## **Improvisação musical livre** *s.f*

- Ato de improvisar que consiste em permitir a liberdade de expressão, trabalhando-se com o emergente sonoro do cliente. (RBM, n. 8, Art. 5, p.92, 2006)

## **Improvisação Orientada** *s.f*

- Ato de improvisar determinadas ações (temas, sentimentos, atividades) para que o cliente se oriente durante a ação do fazer música. (RBM, n. 8, Art. 5, p.92, 2006)

## **Inclusão** *s.f*

- Ação de inserir alunos com déficits de toda ordem, permanentes ou temporários, mais graves ou menos severos no ensino regular. (RBM, n. 11, Art 7, p.154, 2011)

**Individualized Music Therapy Assessment Profile (IMTAP) *s.f***

- Escala que tem o objetivo de avaliar dez diferentes grupos de comportamentos, fornecendo um perfil detalhado e sistemático do indivíduo, por meio de atividades musicais conduzidas por Musicoterapeutas habilitados ou estudantes de musicoterapia devidamente supervisionados. (RBM, n. 14, Art 6, p.70, 2013)

**Instrumentos musicais *s.m***

- Objetos que tem o papel de facilitadores, possibilitando através deles a simbolização. Eles são usados como meio de troca e de comunicação cada vez mais autêntica de conteúdo emocional (RBM, n.4, Art. 17, p.17, 1998)

**Integração *s.f***

- Analisa a organização dos aspectos musicais simultâneos. A sua amplitude descreve na medida em que os componentes de cada elemento musical são semelhantes, separados e independentes uns dos outros. (RBM, n. 20, Art 5, p. 106, 2016)

**Intervenção musicoterapêutica *s.f***

- Ato que consiste no uso da música como terapia e somente o profissional Musicoterapeuta está capacitado a realizar. (RBM, n. 18, Art 2, p.28, 2015)

**Identidade Sonora (ISO) *s.f***

- Conceito dinâmico que resume a noção de existência de um som, conjunto de sons, ou de fenômenos acústicos e de movimentos internos, que caracterizam ou individualizam cada ser humano. (RBM, n. 16, Art 1, p.15, 2014)

**Identidade Sonora (ISO) Gestáltico *s.f***

- Identidade Sonora que contém no inconsciente as energias sonoras que se produzem desde o momento da concepção de cada indivíduo. Essas energias poderão modificar ou influenciar as que se encontram no ISO universal. (RBM, n.2, Art. 11, p.84, 1996)

**Identidade Sonora (ISO) Universal** *s.f*

- Identidade Sonora que contém no inconsciente as energias sonoras básicas herdadas de milênios. Essas energias sonoras são características de todos os gêneros humanos, com as variáveis das heranças mais recentes. (RBM, n.2, Art. 11, p.84, 1996)

**Identidade Sonora (ISO) Cultural** *s.f*

- Identidade Sonora que produto da configuração cultural global da qual o indivíduo e seu grupo fazem parte. É a identidade sonora própria de uma coletividade de homogeneidade cultural relativa, que corresponde a uma cultura ou subcultura musical manifesta e compartilhada. (RBM, n.3, Art. 1, p.9, 1997)

# L

**Linguagem** *s.f*

- Uso da voz e de outros sons que se articulam formando palavras para a expressão e a comunicação entre pessoas, na concordância de que a linguagem como atividade e forma de interação possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos atos. (RBM, n. 19, Art 5, p. 70, 2015)

**Linguagem sonoro-musical** *s.f*

- Linguagem que acompanha o ser humano desde a vida intrauterina até sua morte, sendo uma forma de comunicação que possibilita a expressão autêntica do indivíduo e todo seu potencial criativo. (RBM, n.4, Art. 1, p.25, 1998)

# M

**Manifestações Sonoro-musicais** *s.f*

- Representações de valores e costumes das diferentes épocas. Estas manifestações envolvem a emoção e o movimento, fazendo parte da própria essência do homem. (RBM, n.4, Art. 1, p.11, 1998)

**Memória auditiva** *s.f*

- Memória das relações de controle do comportamento de um organismo por estímulos sonoros que já não estão presentes. (RBM, n. 15, Art 5, p.75, 2013)

**Música** *s.f*

- Conjunto de elementos que aparecem como veiculadores de sentimentos e emoções, importantes instrumentos agenciados de catarses. A música além de se apresentar como um elemento altamente propiciador do vínculo terapêutico, também favorece a interação e a socialização. (RBM, n.5, Art. 7, p.74, 2001)

**Musicalidade clínica** *s.f*

- Capacidade do Musicoterapeuta perceber os elementos musicais presentes na produção e/ou reprodução musical do paciente e estar apto a responder, mobilizar ou intervir musicalmente, de maneira adequada e de forma a contribuir para o desenvolvimento do paciente na clínica musicoterapêutica. (RBM, n. 10, Art 7, p.7, 2010)

**Musicoterapeuta ecológico** *s.m*

- Musicoterapeuta com o papel de abrir canais de comunicação que proporcionem um melhor relacionamento entre a comunidade e o meio circundante. (RBM, n. 9, Art 5, p.3, 2009)

**Musicoterapeuta preventivo** *s.m*

- Musicoterapeuta que atua a partir de projetos que têm como objetivo impactar a família e os diferentes sistemas de apoio, gerando uma abertura à participação. Além de construir lugares de possível intercâmbio social através da música e do sonoro. (RBM, n. 11, Art 6, p.124, 2011)

**Musicoterapeuta social** *s.m*

- Musicoterapeuta que atua na construção de novas perspectivas de vida baseadas em autoestima, empoderamento, autonomia, solidariedade, criatividade, musicalidade, dignidade e cidadania por meio da ação musicoterapêutica. (RBM, n. 18, Art 4, p.66, 2015)

**Musicoterapia** *s.f*

- Utilização da música e/ou seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia) por um musicoterapeuta qualificado, com um cliente ou grupo, num processo para facilitar e promover a comunicação, relação, aprendizagem, mobilização, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos relevantes. E no sentido de alcançar necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas. (RBM, n. 15, Art 6, p.81, 2013)

**Musicoterapia Ativa** *s.f*

- Musicoterapia que ocorre quando os clientes apresentam, improvisam ou compõem música. Trabalham seus conflitos através do som, desenvolvem relacionamentos através do som e encontram soluções e bem-estar através do som. (RBM, n. 13, Art 1, p.10, 2012)

**Musicoterapia Comunitária** *s.f*

- Musicoterapia que propõem o trabalho em comunidades onde vivem pessoas que têm histórias em comum, que compartilham serviços e áreas geográficas, com o objetivo de promover relações saudáveis naquele meio. (RBM, n. 9, Art. 5, p.3, 2009)

**Musicoterapia Criativa** *s.f*

- Musicoterapia que propõe a utilização da música visando estabelecer comunicação entre o paciente e o terapeuta por meio de instrumentos e canções. (RBM, n. 22, Art 1, p. 13, 2017)

**Musicoterapia Familiar** *s.f*

- Musicoterapia que possibilita a intervenção do Musicoterapeuta para promover as relações entre membros de uma família, com foco na saúde da família como uma unidade ecológica. (RBM, n. 18, Art 2, p.28, 2015)

**Musicoterapia Improvisacional** *s.f*

- Musicoterapia que busca motivar o engajamento na experiência musical conjunta, estimulando o manuseio de instrumentos, a utilização do corpo e da voz e o diálogo musical, visando, assim, ao desenvolvimento de comunicação e interação. (RBM, n. 18, Art 6, p. 105, 2015)

**Musicoterapia Neurológica** *s.f*

- Musicoterapia visando estimular mudanças nas áreas cognitivas, motoras e de linguagem após doença neurológica com base no modelo neurocientífico de percepção e produção musical, na influência que a música exerce sobre regiões não-musicais do cérebro e no uso da música como tratamento. (RBM, n. 17, Art 4, p.59, 2014)

**Musicoterapia organizacional** *s.f*

- Musicoterapia que abrange estratos socioculturais da comunidade e seu ambiente físico, considerando a cultura de um determinado grupo. Trata-se de uma prática derivada da teoria sistêmica, a qual compreende que toda e qualquer parte de um sistema está relacionada com as demais, com vários níveis de influências recíprocas. (RBM, n. 19, Art 3, p. 36, 2015)

**Musicoterapia Psicopedagógica** *s.f*

- Musicoterapia que refere-se à ação de compartilhar informações e atitudes que esclareçam melhor a doença aos internos de uma instituição psiquiátrica; são conhecimentos e habilidades que tais pacientes podem utilizar após receber alta. (RBM, n. 18, Art 3, p.54, 2015)

**Musicoterapia receptiva** *s.f*

- Musicoterapia em que o paciente é colocado em uma situação onde ouve uma fita gravada com trechos que podem ter sido preparados durante testes receptivos. (RBM, n.1, Art. 1, p.21, 1996)

**Musicoterapia Relacional** *s.f*

- Musicoterapia em que o Musicoterapeuta adota uma postura não diretiva onde as atividades surgem principalmente pela ação do paciente, já que essa abordagem possui uma orientação psicodinâmica. Nesta abordagem não há um protocolo fixo de atividades. (RBM, n. 16, Art 6, p.91-92, 2014)

**Musicoterapia social** *s.f*

- Musicoterapia que implica na utilização das linguagens musical e corporal das pessoas como forma de possibilitar ações que acarretem na apropriação da consciência de si e de sua história que se expanda para a realidade na qual as pessoas estão inseridas. RBM, n. 18, Art 4, p.66, 2015)

**Musicoterapia Vibroacústica** *s.f*

- Musicoterapia que envia ondas sonoras sinusoidais de baixa frequência para o corpo do paciente através de alto-falantes acoplados sob a cama ou cadeira. Ao mesmo tempo, o paciente ouve músicas previamente selecionadas pelo musicoterapeuta com o intuito de promover o relaxamento. (RBM, n. 12, Art 6, p.72, 2012)

**N****Neuromusicoterapia** *s.f*

- Aplicação terapêutica da música em doenças neurológicas com base em modelo de neurociências e técnicas de tratamento musicoterapêuticas. (RBM, n. 12, Art 2, p.21, 2012)

**O****Objetivos terapêuticos** *s.m*

- Momento em que serão estabelecidos os propósitos do processo, pois esses objetivos fornecem a direção na qual o atendimento seguirá, além de ajudar o musicoterapeuta a ter um procedimento técnico-científico. (RBM, n. 8, Art. 5, p.84, 2006)

**Objeto desintegrador** *s.m*

- Instrumento musical que configura como elemento desagregador, desintegrando a produção musical e, conseqüentemente, desunindo o grupo. (RBM, n. 6, Art. 7, p.102, 2002)

**Objeto integrador** *s.m*

- Instrumento musical que favorece a integração vincular de um determinado grupo. (RBM, n. 6, Art. 7, p.102, 2002)

**Objeto intermediário** *s.m*

- Instrumento musical de comunicação capaz de atuar terapêuticamente sobre o paciente mediante a relação, sem desencadear estados de alarma intensos. (RBM, n.4, Art. 1, p.17, 1998)

**Observações das sessões** *s.f*

- Registro ou documentação de cada sessão. Esse procedimento permite a sistematização da coleta de informação, documentação dos dados significativos do processo musicoterápico, estabelecimento de bases concretas para um trabalho técnico-científico e eventuais pesquisas e a elaboração do relatório progressivo. (RBM, n. 8, Art. 5, p.93, 2006)

**Organologia** *s.f*

- Perspectiva sociológica do instrumento, do instrumentista e seu contexto. É a ciência que compreende não apenas a sua classificação, mas sim o seu entorno espacial, temporal e humano o que significa considerar questões do próprio sujeito em sua prática musical. (RBM, n. 14, Art 3, p.33, 2013)

**Ouvinte** *sm+f*

- Pessoa que responde à música a partir de uma diferente reação, que pode ser motora-instintiva (física), emocional ou mental; cada uma delas podendo ocorrer de modo ativo/interativo ou de modo passivo/receptivo. (RBM, n. 6, Art. 7, p.102, 2002)

**Ouvinte analítico** *sm+f*

- Ouvinte que mesmo diante da mais sedutora das melodias pode mostrar-se intelectualmente crítico, definindo-se assim a ênfase de sua reação. (RBM, n. 6, Art. 1, p.20, 2002)

**Ouvinte associativo** *sm+f*

- Ouvinte que diante de qualquer tipo de música, estabelecerá para ela a comparação com uma qualidade ou uma adjetivação abstrata. (RBM, n. 6, Art. 1, p.21, 2002)

**Ouvinte cinestésico** *sm+f*

- Ouvinte que mesmo diante de uma suave canção de ninar em andamento vagaroso, pode ter o ímpeto de mover-se e balançar o corpo. (RBM, n. 6, Art. 1, p.21, 2002)

**Ouvinte de reações fisiológicas** *sm+f*

- Ouvinte que mesmo diante da música mais distante e impessoal, pode ter as reações típicas no seu organismo. (RBM, n. 6, Art. 1, p.21, 2002)

**Ouvinte imaginativo** *sm+f*

- Ouvinte que mesmo diante da música mais conceitual e cerebral, pode tecer uma longa fantasia cheia de imagens e coloridos. (RBM, n. 6, Art. 1, p.20-21, 2002)

**Ouvinte sensitivo** *sm+f*

- Ouvinte que mesmo diante de um batuque, pode se sensibilizar com uma emoção. (RBM, n. 6, Art. 1, p.21, 2002)

**Ouvir** *v. t. d*

- Percepção (passivo). Ouve o que se passa, sem se dirigir necessariamente ao fato, apesar desse fato poder estar influenciando o indivíduo de diversas formas. (RBM, n. 6, Art.3, p.36, 2002)

# P

## **Paisagem sonora** *s.f*

- Sons do batimento cardíaco, da inspiração e expiração, da voz materna, sons da natureza, entre outros. (RBM, n.3, Art.4, p.38, 1997)

## **Performance** *s.f*

- Atividade de tocar um instrumento ou cantar, considerando-se desde o repertório mais simples, inclusive sem notação musical, até o mais elaborado. (RBM, n. 11, Art 8, p.171-172, 2011)

## **Prática clínica musicoterapica** *s.f*

- Modalidade terapêutica que emprega a linguagem específica da música e do som como objetivo intermediário na relação com o paciente. Essa linguagem leva a canais de comunicação que permitem a expressão e veiculação dos conteúdos internos do paciente sem que haja qualquer barreira preconceitual. (RBM, n.4, Art. 1, p.14, 1998)

## **Princípio de Identidade Sonora (ISO)** *s.m*

- Conjunto de energias sonoras, acústicas e de movimento que pertencem a um indivíduo e o caracterizam. Este movimento constante está formado pelas energias sonoras herdadas através das estruturas genéticas, pelas vivências vibracionais, gravitacionais e sonoras durante a vida uterina e por todas as experiências analógicas (não verbais) desde o nascimento até a idade adulta. Cria uma identidade corpórea-sonora-musical que caracterizará a esse indivíduo em particular e o diferenciará de todos os outros. (RBM, n. 15, Art 3, p.48, 2013)

## **Processo musicoterapêutico** *s.m*

- Processo que caracteriza-se por três fases: avaliação, tratamento em si e a evolução do mesmo. Sendo o principal objetivo levar o participante às mudanças significativas no seu estado de vida, por meio da escuta, com intervenções e propostas, compreendendo-o e atendendo suas necessidades, utilizando os potenciais singulares da música e do som, e a relação que se desenvolve por meio das experiências musicais, para alterar o comportamento humano. Dessa forma, auxilia o participante a utilizar seu potencial máximo, para comunicar sua singularidade e para aumentar seu bem-estar. (RBM, n. 22, Art 3, p. 52, 2017)

**Processo terapêutico** *s.m*

- Processo que por meio de experiências musicais, quer seja através da relação entre o paciente/cliente e terapeuta (e/ou grupo) cria e/ou realiza acontecimentos que ocorrerão dentro de um ambiente controlado. (RBM, n.5, Art. 2, p.32, 2001)

**Psicoterapia corporal** *s.f*

- Abordagem de duas faces. A primeira “olha para fora” para o corpo tátil-sensível, esse corpo que o terapeuta manipula e cujas energias ele tenta intensificar, carregar, descarregar. A segunda “olha para dentro” toca o corpo enquanto sujeito, esse corpo que tem o sentimento de si, a criatividade e a espiritualidade. (RBM, n.3, Art.2, p.24, 1997)

# R

**Reação Emocional Interativa Imaginativa** *s.f*

- Reação pela criação de imagens (fantasia imaginativa, pictórica e simbólica). (RBM, n. 6, Art. 1, p.18, 2002)

**Reação Emocional Receptiva Sensitiva** *s.f*

- Reação pela exacerbação de sentimentos ou da memória emocional. (RBM, n. 6, Art. 1, p.18, 2002)

**Reação Física Interativa Cinestésica** *s.f*

- Reação por movimentos do corpo (voluntários ou quase reflexos, como palmas, batida de pé, entre outros). (RBM, n. 6, Art. 1, p.18, 2002)

**Reação Física Receptiva Fisiológica** *s.f*

- Reações orgânicas (involuntárias, como dor, arrepios, calor, tontura, alteração do batimento cardíaco, dentre outros). (RBM, n. 6, Art. 1, p.18, 2002)

**Reação Intelectual Interativa Analítica** *s.f*

- Reação por raciocínio avaliador (o pensar crítico, raciocínio por comparação técnica, avaliação lógica). (RBM, n. 6, Art. 1, p.18, 2002)

**Reação Intelectual Receptiva Associativa** *s.f*

- Reação por associação de qualidades (música doce, violenta, alegre, nobre, misteriosa, entre outras formas). (RBM, n. 6, Art. 1, p.18, 2002)

**Reconhecimento auditivo** *s.m*

- Habilidade de identificar o som e a fonte sonora com capacidade de classificar ou nomear o que ouviu. (RBM, n. 15, Art 5, p.75, 2013)

**Re-criação musical** *s.f*

- Experiência em que o paciente aprende ou executa músicas instrumentais, vocais ou reproduções de qualquer tipo musical apresentada como modelo. (RBM, n. 15, Art 5, p.76, 2013)

**Relatório progressivo** *s.m*

- Conjunto de informações ordenadas de forma sistemática que permite a avaliação da atividade num determinado espaço de tempo. Para tanto, colhe-se os dados significativos através do estudo das observações das sessões. (RBM, n. 8, Art. 5, p.94, 2006)

**Relaxamento musical** *s.m*

- Procedimento que utiliza da escuta musical com o objetivo de reduzir o estresse e a tensão, reduzir ansiedade e induzir relaxamento corporal. (RBM, n. 12, Art 6, p.73, 2012)

# S

**Saliência** *s.f*

- Perfil no qual é feita descrição sobre quais elementos musicais são predominantes e influentes sobre os restantes. É de primordial interesse o lugar de controle e a relevância entre os elementos musicais ao interagir. Se ocupa sobre como as propriedades da música afetam o ouvinte. Um elemento se torna dominante quando os seus componentes ou qualidades são exageradas, ou ao criar entre eles uma discrepância ou contraste. (RBM, n. 20, Art 5, p. 100, 2016)

**Sessões de musicoterapia** *s.f*

- Processo interpessoal, no qual o terapeuta utiliza a música e todas as suas facetas (física, mental, emocional, social, estética e espiritual) para ajudar o paciente a recuperar, restabelecer ou manter a saúde. Seus efeitos se sobrepõem aos de outras terapias, inclusive a de jogos, por estimular a criança a uma maior verbalização das suas necessidades e medos. (RBM, n.5, Art. 8, p.82, 2001)

**Setting musicoterápico** *s.m*

- Espaço favorável para se recriar fases do desenvolvimento em nível de relação intrapessoal e interpessoal, possibilitando a indução de estados regressivos. Através da linguagem musical pode-se contactar elementos regressivos e primordiais do indivíduo, permitindo que os mesmos sejam trabalhados. (RBM, n.4, Art. 8, p.72, 1998)

**Setting terapêutico** *s.m*

- Ambiente extremamente rico em possibilidades de significações, em possibilidades de produção de singularidades e em possibilidades de produção de subjetivações, as quais poderão ou não se realizar dependendo das necessidades do paciente/ cliente e das habilidades do terapeuta. (RBM, n.5, Art. 2, p.33, 2001)

**Socialização** *s.f*

- Interação entre os seres humanos. O mundo social é tido por um conjunto de relações, um todo relacional, relações em processo. (RBM, n. 19, Art 5, p. 70, 2015)

**Som** *s.m*

- Vibrações que chegam através das vias aéreas, tátil e óssea, e que abrem canais de comunicação. (RBM, n.5, Art.7, p.74, 2001)

# T

## **Técnica de improvisação conduzir *s.f***

- Técnica que consiste na condução da atividade por parte do paciente. O indivíduo pode determinar alguns ou todos os aspectos da improvisação, como os elementos musicais (ritmo, harmonia e melodia), ou elementos interpessoais (quem toca cada parte e quando). (RBM, n. 12, Art 6, p.75, 2012)

## **Técnica de improvisação criar espaços *s.f***

- Técnica que se refere ao ato do musicoterapeuta em proporcionar espaços frequentes na estrutura da improvisação para que o paciente responda ou introduza sons. Estes espaços podem ser silêncios vazios (pausa) ou silêncios preenchidos (acordes sustentados). Ou então, podem ser constituídos por um fundo musical que convide o cliente a participar da interação. (RBM, n. 12, Art 6, p.75, 2012)

## **Técnica de improvisação experimentar *s.f***

- Técnica que consiste na apresentação de uma estrutura, ideia ou procedimento por parte do musicoterapeuta para guiar a improvisação do cliente. Ao mesmo tempo, o musicoterapeuta pede ao cliente que experimente todas as suas possibilidades expressivas. Pode também introduzir novos instrumentos ao *setting* e fazer com que o indivíduo explore suas possibilidades sonoras e de manipulação. (RBM, n. 12, Art 6, p.75, 2012)

## **Técnica de improvisação divisão *s.f***

- Técnica que explora experiências ou situações que impliquem polaridades, elementos de conflito, sentimentos incongruentes, ideias contraditórias, entre outras. Na “divisão”, o musicoterapeuta e o cliente se juntam para expressar os dois lados do conflito, primeiro por meio da improvisação e em um segundo momento, dialogando. (RBM, n. 12, Art 6, p.75, 2012)

## **Técnica do songwriting *s.f***

- Técnica de criação de letras originais de uma música utilizando-se as melodias e as harmonias de algumas das canções selecionadas no início do tratamento. (RBM, n. 20, Art 3, p. 58, 2016)

**Tensão *s.f***

- Perfil que se refere a quantidade de tensão criada dentro e através de aspectos variados da música. Os gradientes dentro deste perfil descrevem o grau em que cada elemento musical acumula, sustenta, modula ou libera tensão. Uma descrição composta da quantidade de fluxo e de tensão gerada através de cada elemento musical. (RBM, n. 20, Art 5, p. 101, 2016)

**Terapia da Entonação Melódica (TEM) *s.f***

- Tratamento intensivo e estruturado hierarquicamente que traduz breves frases faladas em sequências melódicas. (RBM, n. 20, Art 3, p. 52, 2016)

**Território *s.m***

- Conjunto de forças e não um terreno ou domínio qualquer. É um espaço no qual há muitas trocas e muitas forças atuando. É um jogo que faz com que agenciamentos decorrentes dessas forças nunca ocorram do mesmo modo, pois naquele momento há um território singular formado e muitos agenciamentos que são os únicos e próprios desse território, ocorrendo simultaneamente. (RBM, n. 6, Art. 3, p.31-32, 2002)

**Territórios marginais *s.m***

- Território que favorece a construção de pseudo-identidades sonoras culturais, com formas de produção pautadas pela irreverência com estilo próprio e pela música geralmente ruidosa. (RBM, n.4, Art. 6, p.62, 1998)

**Territórios massificados *s.m***

- Território que favorece a construção de pseudo-identidades sonoras culturais, com formas de produção pautadas pelo modismo e pela música feita para o consumo em grande escala. (RBM, n.3, Art. 1, p.12, 1997)

**Territórios singularizados *s.m***

- Território que favorece a construção de identidades sonoras culturais, com formas de produção pautadas pela qualidade musical. (RBM, n.3, Art. 1, p.12, 1997)

**Teste de organização melódica *s.m***

- Teste que consiste em três grupos de estímulos diferentes (testes de avaliação da tonalidade – scale alternate, testes de alteração da linha melódica – contour alternate e modificação de intervalo – intervale alternate). Durante a escuta é requerido ao paciente que julgue se a melodia alvo e a melodia de comparação são iguais ou diferentes. (RBM, n. 18, Art 5, p.91, 2015)

**Testes de organização temporal *s.m***

- Teste que consiste na avaliação rítmica, a modificação do ritmo (rhythm alternate) e de métrica – acentuação periódica no tempo (metric test). Durante a escuta da modificação rítmica é requerido ao paciente que julgue se a melodia alvo e a melodia de comparação são iguais ou diferentes. (RBM, n. 18, Art 5, p.91-92, 2015)

**Testes de reconhecimento de frases musicais *s.m***

- Teste onde são apresentadas 7 melodias entre as 15 melodias já ouvidas anteriormente e 7 novas melodias seguindo o mesmo princípio de composição, porém diferindo em seus padrões de tempo e altura. O paciente deve responder “sim” se reconhece a melodia apresentada anteriormente, ou “não”, se a melodia apresentada for nova. (RBM, n. 18, Art 5, p. 92, 2015)

**Testificação musical *s.f***

- Etapa específica do processo musicoterápico e tem como objetivo principal observar as reações que os sons, estruturas rítmicas e os diferentes instrumentos provocam no paciente. (RBM, n. 8, Art. 5, p.81-82, 2006)

**Transferência *s.f***

- Atitude do paciente de repetir, com a figura do musicoterapeuta, os mesmos episódios ocorridos primitivamente em sua história, na sua relação materno, paterno- infantil, ou seja, colocar no presente o passado. (RBM, n.2, Art. 11, p.81, 1996)

# V

**Variabilidade *s.f***

- Perfil que analisa como estão organizados e relacionados os aspectos sequenciais da música. O espectro de análise do perfil Variabilidade descreve a medida de permanência ou mudança de cada elemento musical. (RBM, n. 20, Art 5, p. 103, 2016)

**Vir-a-ser-música**

- Estado onde ocorre a integração entre a movimentação, a percepção corporal, e a audição. (RBM, n. 8, Art. 11, p.73, 2006)

Salientamos que essa proposta de modelo de glossário não tem a pretensão de cobrir de forma exaustiva a terminologia da área e sim dar os primeiros passos para enfrentar o problema da imprecisão terminológica da Musicoterapia. A perspectiva não é de estabelecer parâmetros de certo ou errado, pois esta pesquisa tem caráter descritivo, com definições baseadas nos contextos de ocorrência dos termos em textos selecionados da Revista Brasileira de Musicoterapia. Por conta das delimitações estabelecidas na metodologia algumas definições não seguem o padrão da Linguística para sua construção. Diante disso, esse trabalho se trata de um recorte do domínio que se mostrou adequado para a pesquisa.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo principal desenvolver um estudo terminológico com o intuito de estabelecer uma proposta para a elaboração de um glossário de termos técnicos da Musicoterapia. A fim de alcançarmos esse objetivo, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: Pesquisar métodos e técnicas para a construção de instrumentos de controle terminológicos; Analisar a Musicoterapia por meio de sua terminologia e seus conceitos; e Identificar termos técnicos da Musicoterapia, assim, ao cumpri-los foi possível compreender a importância da construção de Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC) compatíveis com a linguagem de busca do usuário do sistema de informação de uma área especializada.

A partir dos objetivos que nortearam este estudo, foi possível relacionar as perspectivas de aplicação da terminologia no desenvolvimento dos Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC), como objetos essenciais para a Organização e Representação do Conhecimento (ORC) de forma a evidenciar sua aproximação com o campo de estudo da Ciência da Informação (CI). Observou-se que a Terminologia tem direta relação nos processos de ORC, pois fornece contribuições relevantes para o controle de vocabulário nos SOC. Deste modo, a terminologia ajuda a comunicação entre os profissionais e pesquisadores que a utilizam, pois a linguagem de especialidade é essencial a uma comunicação clara, sem problemas de ambiguidade ou interpretação, como também funciona como instrumento conceitual para a compreensão da organização de uma área específica.

As transformações sociais e culturais propiciam as modificações na estrutura dos centros informacionais quanto ao conceito, função e técnica. Antes bastava apenas armazenar e conservar os materiais. Atualmente as Unidades de Informação, além de organizar seu acervo, precisam disponibilizar a informação de maneira precisa e atualizada. As informações apresentam-se de diversas formas e diferentes maneiras nos ambientes, e muitas vezes falta padronização e recuperação, levando a dificuldades para a disseminação da informação. Perante isso os instrumentos de controle terminológico têm sido considerados uma importante ferramenta no controle do vocabulário, viabilizando o acesso às informações. Desse modo, justificou-se a escolha da temática da Musicoterapia, que ainda carece de linguagens mediadoras. Principalmente nas áreas em expansão/transformação como o caso do referido tema.

Na presente pesquisa foi de fundamental importância o embasamento teórico-metodológico com as etapas da construção da proposta do glossário baseadas no modelo estabelecido por Rondeau (1984), associado aos procedimentos terminográficos,

proporcionou a identificação e representação de conceitos por meio de termos que permitiu a compreensão e construção desse trabalho, pois contribuiu para o processo de aprendizagem visando à construção do conhecimento e fundamentou a concepção de uma proposta de estabelecimento da estrutura conceitual do domínio estudado.

Ao término da pesquisa, os termos identificados e confirmados apresentados no modelo de glossário visam contribuir com referencial terminológico para profissionais e estudantes da área de Musicoterapia, como também para as pesquisas terminológicas aplicadas a Ciência da Informação. O atual paradigma da informação exige que o profissional da informação evolua juntamente com as modificações globais, esteja informado do que ocorre pelo mundo, para que possa atender a todas as necessidades de informação e aos anseios dos seus usuários.

Conclui-se que a Ciência da Informação (CI) necessita oferecer suporte na criação de representações, organizando e facilitando a recuperação da informação para todas as áreas de conhecimento, visto que, a estruturação terminológica funciona como importante fator para a construção de Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC), no sentido de garantir aperfeiçoamento na coleta, processamento e melhor compreensão das informações sobre a temática estudada. Cabe destacar que este trabalho pode ser considerado uma das primeiras contribuições para a construção de SOC que tem como especialidade a área da Musicoterapia no Brasil. Por fim, realçamos que seria fundamental realizar uma análise detalhada de cada definição proposta aqui, pois esse é um trabalho inicial para estruturação linguística/terminológica da área, visto que com sua realização espera-se que incentive estudos para ampliação e consolidação conceitual dessa especialidade.

Para estudos futuros em termos de continuidade da pesquisa, tem-se a intenção de uma investigação nas metodologias de construção dos Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC) com o intuito de propor uma base teórico-metodológica para construção desses sistemas e ampliação das terminologias em ambiente web com a aplicação do software TemaTres. O TemaTres permite gerenciar, publicar, compartilhar e reutilizar os SOC e seu uso livre possui diversos recursos para fomentar o desenvolvimento dos instrumentos de controle terminológico.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M.E.B.C. *et al.* Glossário da Biblioteca Digital Paulo Freire. In: BRENNAND, E.G.G.; ALBUQUERQUE, M.E.B.C. **Paulo Freire: diálogos e redes digitais**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011.

ALMEIDA, G. M. B. O percurso da Terminologia: de atividade prática à consolidação de uma disciplina autônoma. **TradTerm**, São Paulo, v. 9, p. 211-222, dez. 2003. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49087>. Acesso em: 15 abr. 2020.

ALVES, E.C.; AQUINO, M.A. A pesquisa qualitativa: origens, desenvolvimento e utilização nas dissertações do PPGCI/UFPB – 2008 a 2012. **Informação e Sociedade: estudos**, João Pessoa, v.22, p. 79-100, número especial 2012. Disponível em: < <https://www.periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/13678/8211>>. Acesso em: 25 maio. 2020.

ANDRADE, M. M. Lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUIERDO, A. N. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p.191-201.

AUBERT, F. H. **Introdução à metodologia terminológica bilíngüe**. São Paulo: Humanitas, 1996.

AUBERT, F. H. **Introdução à metodologia terminológica bilíngüe**. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2001.

BARITÉ, M. Sistemas de Organização do Conhecimento: uma tipologia atualizada. **Informação & Informação**, v. 16, n. esp., p. 122- 139, jan./jun. 2011. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/9952> >. Acesso em: 21 dez. 2019.

BARITÉ, M. et al. **Diccionario de organización del conocimiento**: clasificación, indización, terminología. Montevideo: PRODIC, 2013.

BARITÉ, Mário; et al. Diccionario de organización del conocimiento: Clasificación, Indización, Terminología. Montevideo: CSIC, 2015, p. 120

BARITÉ, M. et al. Garantia literária: elementos para uma revisão crítica após um século. **Transinformação**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 123-138, maio/ago.

2010. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/tinf/v22n2/a03v22n2.pdf> >. Acesso em: 21 dez. 2019.

BARITÉ, M. Organización del conocimiento: un nuevo marco teórico- conceptual en Bibliotecología y Documentación. In: CARRARA, K. (Org.). **Educação, universidade e pesquisa**. Marília: Unesp Marília Publicação, 2001.

BARRETO, A. **A condição da informação**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 67-74, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392002000300010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392002000300010&script=sci_arttext)>. Acesso em: 20 dez. 2019.

BARRETO, A. A. Uma **quase história da ciência da informação**. Datagrama zero - Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, abr. 2008. Disponível em: <[http://eprints.rclis.org/17637/1/DataGramaZero%20-%20Revista%20de%20Ci%C3%A7%C3%A2ncia%20da%20Informa%C3%A7%C3%A3o%20-%20Artigo%2001\\_Aldo.pdf](http://eprints.rclis.org/17637/1/DataGramaZero%20-%20Revista%20de%20Ci%C3%A7%C3%A2ncia%20da%20Informa%C3%A7%C3%A3o%20-%20Artigo%2001_Aldo.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2020.

BARROS, L. A. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: Edusp. 2004.

BASSETO, B. F. Elementos de filologia românica: história externa das línguas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

BENENZON, R. **Musicoterapia: De la Teoria a la Prática**. Buenos Aires: Paidós, 2002.

BOCCATO, V. R. C. Linguagem documentária na representação e recuperação da informação pela perspectiva sociocognitiva em ciência da informação. In: BOCCATO, V. R. C.; GRACIOSO, L. S. (Org.). **Estudos de linguagem em ciência da informação**. Campinas: Alínea, 2011. p. 9-34.

BOULANGER, J. C. Alguns componentes lingüísticos no ensino da terminologia. **Ciência da Informação**. Brasília, v.24, n.3, p.313-318, 1995. Disponível em: < <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/570> >. Acesso em: 21 dez. 2019.

BRABO, R. J. Musicoterapia aplicada no tratamento e prevenção do stress. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 25-28, 1996. Disponível em: < <http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2016/12/2-Musicoterapia-aplicada-no-tratamento-e-preven%C3%A7%C3%A3o-do-stress.pdf> >. Acesso em: 21 dez. 2019.

BRASCHER, M.; CAFÉ, L. Organização da Informação ou Organização do Conhecimento. In: **ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, 9., 2008, São Paulo, Anais...São Paulo: ANCIB, 2008. Disponível em: <<http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiienancib/ENANCIB/paper/viewFile/471/1185>>. Acesso em: 05 jan. 2020.

BRÄSCHER, M.; CARLAN, E. Sistemas de organização do conhecimento: Antigas e novas linguagens. In: ROBREDO, Jaime; BRÄSCHER, Marisa (Orgs.). **Passeios no Bosque da Informação: Estudos sobre Representação e Organização da Informação e do Conhecimento**. Brasília DF: IBICT, 2010, 335, p. 147-176

BROUGHTON, V. et al. Knowledge organization. In: KAJBERG, Leif; LORRING, Leif (Eds.). **European curriculum reflections on library and information Science education**. Copenhagen: The Royal School of Library and Information Science, 2005. p. 133-148. Disponível em: <<https://www.semanticscholar.org/paper/European-Curriculum-Reflections-on-Library-and-Kajberg-L%C3%B8rring/0eae21515b8a1cd508e3b11bfda5896229359e19>>. Acesso em: 21 dez. 2019.

BRUSCIA, K. E. **Definindo Musicoterapia**. 2a ed.. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

BRUSCIA, K. **Improvisational models of music therapy**. Springfield: Charles C. Thomas Publishers, 1987.

CABRÉ, M. T. **La terminologia**: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999.

CABRÉ, M. T. **La terminologia**: teoria, metodologia, aplicaciones. Barcelona: Editorial Antártida/Empuries, 1993.

CABRÉ, M. T. La terminología hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 3, p. 15, 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/567/568>>. Acesso em: 09 out. 2019.

CAMPOS, M. L. A. **Linguagem documentária**: teorias que fundamentam sua elaboração. Niterói: EDUFF, 2001.

CANDÉ, R. **História Universal da Música**. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CARLAN, E. **Sistemas de organização do conhecimento: uma reflexão no contexto da Ciência da Informação**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, 2010. Disponível em: <[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/7465/1/2010\\_ElianaCarlan.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/7465/1/2010_ElianaCarlan.pdf)>. Acesso em: 05 jan. 2020.

CARVALHO, D.H. A Musicoterapia e o seu Desenvolvimento no Rio de Janeiro. In: **Boletim da Associação Brasileira de Musicoterapia**, n.1, Rio de Janeiro, 1975. Disponível em: <<http://biblioteca9.bicamt.com.br/resumo/abrir/53>>. Acesso em: 05 jan. 2020.

CERVANTES, B. M. N. **Terminologia do processo de inteligência competitiva: estudo teórico e metodológico**. Londrina: EDUEL, 2006.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P.A. **Metodologia Científica**. 4. ed. São Paulo: Markron Brooks, 1996.

CERVO, A.L.; BERVIAN, P.A.; SILVA, R. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2007.

CHAGAS, M.; PEDRO, R. **Musicoterapia, desafios entre a modernidade e a contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Mauad X: Bapera, 2008.

CINTRA, A.M.M., *et al.* **Para entender as linguagens documentárias**. 2. ed. São Paulo: Polis, 2005.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. **Tabela de Áreas do Conhecimento**. Disponível em: <<http://www.cnpq.br/areasconhecimento/1.htm>>. Acesso em: 1 jun. 2020.

CORDEIRO, R. C. *et al.* Musicoterapia e saúde mental na Revista Brasileira de Musicoterapia: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, Ed. especial, p. 262–265, 2017. Disponível em: <[http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2018/04/Revista-Brasileira-de-Musicoterapia\\_2017-EE.pdf](http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2018/04/Revista-Brasileira-de-Musicoterapia_2017-EE.pdf)>. Acesso em: 3 dez. 2019

CURRÁS, E. **Tesauros: linguagens terminológicas**. Brasília: IBICT, 1995.

DAHLBERG, I. Knowledge organization and Terminology: philosophical and linguistic bases. **International Classification**, Frankfurt, v. 19, n. 2, p. 65- 71, 1992. Disponível em: <<https://www.nomos-elibrary.de/10.5771/0943-7444-1992-2-65/knowledge-organization-and-terminology-philosophical-and-linguistic-bases-volume-19-1992-issue-2>>. Acesso em: 25 jan. 2020.

DAHLBERG, I. Knowledge organization: a new science? **Knowledge organization**, v. 33, n. 1, p.11-19,2006. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/288155690\\_Knowledge\\_organization\\_A\\_new\\_sci\\_ence](https://www.researchgate.net/publication/288155690_Knowledge_organization_A_new_sci_ence)>. Acesso em: 05 jan. 2020.

DIAS, C. A. Terminologia: conceitos e aplicações. Brasília, **Ciência da Informação**, v. 29, n. 1, jan./abr. p. 90-92, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n1/v29n1a9.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2019.

FAULSTICH, E. **Base metodológica para pesquisa em socioterminologia**: termo e variação. Brasília: Centro Lexterm, 1995.

FAULSTICH, E. Características DO QUE É e PARA QUE SERVE nas definições de terminologias científica e técnica. In: **As Ciências do Léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Vol. VII. Aparecida Negri Isquendo; Giselle Olivia Mantovani Dal Corno (Orgs). Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014. p. 377 – 393.

FAULSTICH, E. Para gostar de ler um dicionário. In: RAMOS, C. M. A. *et al* (Org.). **Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística**: entrelaçando saberes e vidas. São Luis: Ed. da UFMA, 2010. p.166-185.

FELBER, H. **Manuel de terminologie**. Paris: Unesco-Infoterm, 1987. Disponível em: <[https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000062033\\_fre](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000062033_fre)>. Acesso em: 20 maio 2020.

FREIRE M. H. **A regulamentação profissional do Musicoterapeuta**. 2007. Monografia (Graduação em Musicoterapia) - Departamento de Música, Universidade de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto.

FUJITA, M. S. L. Organização e representação do conhecimento no brasil: análise de aspectos conceituais e da produção científica do enancib no período de 2005 a 2007. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/119329>>. Acesso em: 27 jul. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos da pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GNOLI, C. Ontological foundations in knowledge organization: the theory of integrative levels applied in citation order. **Scire**, v. 17, n. 1, p. 29-34, Jan. /jun. 2011.

Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/289134612\\_Ontological\\_foundations\\_in\\_knowledge\\_organization\\_The\\_theory\\_of\\_integrative\\_levels\\_applied\\_in\\_citation\\_order](https://www.researchgate.net/publication/289134612_Ontological_foundations_in_knowledge_organization_The_theory_of_integrative_levels_applied_in_citation_order)>. Acesso em: 05 jan. 2020

GOMES, W. B. As aplicações sociais da pesquisa qualitativa. **Psicologia: Reflexões e Crítica**, v.2, n.1/2, p3-14, 1987. Disponível em:

<<http://www.ufrgs.br/museupsi/lafec/a1987a.htm>>. Acesso em: 20 maio 2020.

GÓMEZ GONZÁLEZ-JOVER, A. **Terminografía, lenguajes profesionales y mediación interlingüística**. Universidad de Alicante. Alicante, 2006.

GUIMARÃES, J. A. C. *et al.* A dimensão conceitual da organização do conhecimento nos congressos da ISKO: análise de conteúdo Bardiana. In: GUIMARÃES, J. A. C.; DODEBEI, V. (Org.). **Organização do conhecimento e diversidade cultural**. Marília: ISKO-Brasil: FUNDEPE, 2015. Disponível em: <<http://isko-brasil.org.br/wp-content/uploads/2013/02/Organiza%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%A3o-do-Conhecimento-e-Diversidade-Cultural-ISKO-BRASIL-2015.pdf>>. Acesso em: 20 maio. 2020.

GUIMARÃES, J.A.C. Organização do conhecimento: passado, presente e futuro em um contexto de diversidade cultural. In: GUIMARÃES, J. A. C.; DODEBEI, V. (Org.).

**Organização do conhecimento e diversidade cultural**. Marília: ISKO-Brasil: FUNDEPE, 2015. Disponível em: <<http://isko-brasil.org.br/wp-content/uploads/2013/02/Organiza%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%A3o-do-Conhecimento-e-Diversidade-Cultural-ISKO-BRASIL-2015.pdf>>. Acesso em: 20 maio. 2020.

HAENSCH, G. *et al.* **La Lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografiapráctica**. Editada Gredos: Madrid, España, 1982.

HARGREAVES, A. **O Ensino na Sociedade do Conhecimento: a educação na era da insegurança**. Porto: Porto Editora, 2003.

HENRIQUES, C. C. **Léxico e Semântica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

HJØRLAND, B. What is knowledge organization (KO)? **Knowledge Organization**, v. 35, n. 2/3, p.86-101. Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/publication/277803483\\_What\\_is\\_Knowledge\\_Organization\\_KO](https://www.researchgate.net/publication/277803483_What_is_Knowledge_Organization_KO)>. Acesso em: 21 dez. 2019.

HODGE, G. Systems of Knowledge Organization for Digital Libraries: Beyond Traditional Authority Files. **The Digital Library Federation**, 2000. Disponível em: <<https://clir.wordpress.clir.org/wp-content/uploads/sites/6/pub91.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2019

HOFFMANN, L. Conceitos básicos da linguística das linguagens especializadas. In: KRIEGER, M. G.; ARAÚJO, L. (Org.). **A terminologia em foco: cadernos de tradução**. Porto Alegre: Instituto de Letras, UFRGS, 2004.

ISO - International Organization for Standardization. **Norma 1087: Terminology - Vocabulary**. Genebra, 1990.

KIEL, E. Knowledge organization needs epistemological openness: a reply to Peter Jaenecke. **Knowledge Organization**, v. 21, n. 3, p. 148-152, 1994. Disponível em: <[https://www.ergon-verlag.de/isko\\_ko/downloads/ko\\_21\\_1994\\_3\\_e.pdf](https://www.ergon-verlag.de/isko_ko/downloads/ko_21_1994_3_e.pdf)>. Acesso em: 21 dez. 2019.

KOBASHI, N.Y.; FRANCELIN, M.M. Conceitos, categorias e organização do conhecimento. **Informação & Informação**, Londrina, v.16, n.2, p.1- 24, jan./jun. 2011. Disponível em:<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/10390/9281>> Acesso em 19 jun. 2020.

KRIEGER, M. G. Do reconhecimento de terminologias: entre o linguístico e o textual. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: UFMS, 2004, v.2.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

LAMBERTI, F.C.C. **Empréstimos linguísticos no português do Brasil: uma interpretação variacionista**.1999. Dissertação de mestrado. Instituto de Letras. Universidade de Brasília. Brasília.

LARA, M.L. G. Novas relações entre terminologia e Ciência da Informação na perspectiva de um conceito contemporâneo de informação. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, ago. 2006. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1734573/mod\\_folder/content/0/7%20relacoes\\_entre\\_terminologia\\_e\\_ciencia\\_da\\_informacao.pdf?forcedownload=1](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1734573/mod_folder/content/0/7%20relacoes_entre_terminologia_e_ciencia_da_informacao.pdf?forcedownload=1)>. Acesso em 08 dez. 2019.

LARA, M.L. G. O processo de construção da informação documentária e o processo de conhecimento. **Persp. em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, jul./dez. 2002. Disponível em:

<<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/399>>. Acesso em 26 jul. 2020.

LARA, M. L. G. Conceitos de organização e representação do conhecimento na ótica das reflexões do Grupo Temma. **Informação & Informação**, v. 16, n. esp., p. 92-121, jan./jun. 2011. Disponível em:

<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/10391>>. Acesso em: 05 jan. 2020.

LARA, M. L. G. Propostas de tipologias de KOS: uma análise das referências de formas dominantes de organização do conhecimento. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 20, n. esp. 1, p. 89-107, fev., 2015.

Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2015v20nesp1p89>>. Acesso em: 21 dez. 2019.

LARA, M. L. G. **Linguística documentária: seleção de conceitos**. 2009. Tese de doutorado. Departamento de Biblioteconomia e Documentação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/27/tde-21112019-191517/>>. Acesso em: 26 jul. 2020.

LARA, M. L. G. O Unicórnio (o Rinoceronte, o Ornitorrinco...), a Análise Documentária e a Linguagem Documentária. **DataGramZero – Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.2, n.6, dez. 2001. Disponível em:

<<https://repositorio.usp.br/item/001222575>> Acesso em: 12 fev. 2020.

LARA, M. L. G.; TÁLAMO, M. F. G. M. Uma experiência na interface lingüística documentária e terminologia. **DataGramZero**, v. 8, n. 5, 2007. Disponível em:

<<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/6681>>. Acesso em: 8 dez. 2020

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1996.

LEINIG, C. E. **A Música e a ciência se encontram**: um estudo integrado entre a música, a ciência e a musicoterapia. Curitiba: Juruá, 2009.

LEINIG, C. E. **Tratado de musicoterapia**. São Paulo: Sobral, 1977.

L'HOMME, M-C. **La terminologie**: principes et techniques (Paramètres). Bibliothèque nationale de Montréal. Les Presses Université de Montréal, 2004.

LIMA, J. L. O; ALVARES, L. Organização e representação da informação e do conhecimento. In: ALVARES, L. *et al.* (org.). **Organização da informação e do conhecimento: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações**. São Paulo: B4, 2012. p. 21-48. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/3311>>. Acesso em: 24 jul. 2020.

MACIEL, A.M.B. Terminologia, linguagem de especialidade e dicionários. In: KRIEGER, M.G.; MACIEL, A.M.B. (Org.). **Temas de Terminologia**. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade UFRGS/Humanitas USP, 2001, p. 39-46.

MAIA, P.C.C.; SOBRINHO, M.V.; CONDURÚ, M.T. Terminologia aplicada à produção científica sobre gestão ambiental: Diretrizes à elaboração de um microtesauro. **Perspectivas em Ciência da Informacao**, v. 22, n. 1, p. 80–99, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v22n1/1413-9936-pci-22-01-00080.pdf>>. Acesso em: 3 out. 2019

MARTÍNEZ, A.M.; VALDEZ, J.C. **Indización y clasificación en bibliotecas**. Buenos Aires: Alfagrama, 2008.

MEDEIROS, Francisca Rafaela Bezerra de. **Elementos para a microestrutura de um glossário semitrilíngue dos termos da audiodescrição**. 2012, 137p. 50 Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2012.

MELIANTE, P; VOLPI, S. Educação e sociedade: uma visão transdisciplinar na musicoterapia. In: Congresso Internacional Transdisciplinaridade, Complexidade e Eco-Formação. 3, 2008. **Anais...** Brasília, 2008.

MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos**. São Paulo: Atlas, 2005.

MILNER, M.C.H.B. **Terminografia com base em corpora: um ensaio na área da Construção Metálica**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto-Portugal, 2000.

MORAES, J. J. de. **O que é música**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

PAVEL, S., NOLET, D. **Manual de terminologia**. Canadá: TERMIUM, 2002. Disponível em: <<https://linguisticadocumentaria.files.wordpress.com/2011/03/pavel-terminologia.pdf>>. Acesso em: 15 junho 2020.

PINHEIRO, L. V. R.. Gênese da Ciência da Informação: os sinais enunciadores da nova área. In: AQUINO, M. A. **O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2002. p. 61-86.

PINHO, F. A. **Aspectos éticos em representação do conhecimento: em busca do diálogo entre Antonio García Gutiérrez, Michèle Hudon e Clare Beghtol.** 2006. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/93693>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

RONDEAU, G. **Introduction à la terminologie.** Québec: Gaëtan Morin, 1984.

RUIZ, J. A. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

SALES, R. de. **Tesauros e Ontologias sob a luz da Teoria Comunicativa da Terminologia.** 2008. 210fl. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/92173>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

SCHIESSL, M; SHINTAKU, M. Sistemas de Organização do conhecimento. In: ALVARES, L. (Org.). **Organização da informação e do conhecimento: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações.** São Paulo: B4 editores. Capítulo 2, p. 49-118, 2012.

SMITH, M. **Musicoterapia e identidade Humana, Transformar para ressignificar.** São Paulo: Mennon, 2015.

SOMMERMAN, Américo. **Inter ou transdisciplinaridade?** Da fragmentação disciplinar ao novo diálogo entre os saberes. São Paulo: Paulus, 2006

SOUSA, Beatriz Alves de. **Glossário: Biblioteconomia – Arquivologia – Ciência da Informação.** 2. ed. rev. e atual. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2008.

STAKE, R.E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam.** PortoAlegre: Penso, 2011.

STREHLER, R. G.; GOROVITZ, S. **Manual do RepLET: Acompanhado de elementos de lexicologia e de terminologia.** Brasília: Centro Editorial, 2011.

TÁLAMO, M. de F. G. M; LENZI, L. A. F. Terminologia e documentação: a relação solidária das organizações do conhecimento e da informação no domínio da inovação tecnológica. **DataGramZero.** Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v.7, n.4, art. 03, ago. 2006. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/5941>>. Acesso em: 26 jul. 2020.

TUXI, P. **A Terminologia na língua de sinais brasileira**: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos no meio acadêmico em glossário bilíngue. 2017. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade de Brasília. Brasília.

UNIÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE MUSICOTERAPIA. **UBAM**. Disponível em: <<http://ubammusicoterapia.com.br/>> Acesso em: 10 de jul. 2020.

VICKERY, B. **A note on knowledge organization**. 2008. Disponível em: [http://www.iva.dk/bh/lifeboat\\_ko/CONCEPTS/Vickery\\_a\\_note\\_on\\_knowledge\\_organisation.htm](http://www.iva.dk/bh/lifeboat_ko/CONCEPTS/Vickery_a_note_on_knowledge_organisation.htm). Acesso em: 22 dez. 2019.

VICTORINO, M. DE C.; MEDEIROS, M. B. B. **Modelagem da informação em sistemas de informações computadorizados para o reúso da informação nas organizações**. Journal of Chemical Information and Modeling, v. 53, n. 9, p. 1689–1699, 2013. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xenancib/paper/viewFile/3373/2499>>. Acesso em: 26 jul. 2020.

VOGEL, M. J. M. **A noção de estrutura lingüística e de processo de estruturação e sua influência no conceito e na elaboração de linguagens documentárias**. 2007. . Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, São Paulo.

VOLPI, S. **Razão e Sensibilidade**: caminhos para a formação do professor musicoterapeuta. Curitiba: 2006. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação PUCPR. . Disponível em: <[http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde\\_arquivos/3/TDE-2007-04-12T082513Z-549/Publico/Sheila\\_Volpi.pdf](http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_arquivos/3/TDE-2007-04-12T082513Z-549/Publico/Sheila_Volpi.pdf)> Acesso em: 10 jun. 2020.

WELKER, H. A. **Dicionários – uma pequena introdução à lexicografia**. 2.ed. revista e ampliada- Brasília: Thesaurus, 2004.

WISNIK, J. M. **O som e o sentido**: uma outra história das músicas. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

WORLD FEDERATION OF MUSIC THERAPY. **Definição da Musicoterapia**, 2011. Disponível em: <<http://www.wfmt.info/wfmt-new-home/about-wfmt/>>. Acesso em: 26 jan. 2020.

ZABOT, J. B. M.; SILVA, L.C.M. **Gestão do Conhecimento**: aprendizagem e tecnologia construindo a inteligência coletiva. São Paulo: Atlas, 2002.

ZENG, M. L. Knowledge organization systems (KOS). **Knowledge Organization**, v. 35, n. 2/3, p.160-182, 2008. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/297530633\\_Knowledge\\_Organization\\_Systems\\_KOS](https://www.researchgate.net/publication/297530633_Knowledge_Organization_Systems_KOS)> Acesso em: 20 dez. 2019.